

WLADIMIR OLIVIER

AOS  
NOSSOS  
IRMÃOS  
DROGADOS

(MENSAGEM DE AMOR ESPIRITUAL)

ESPÍRITOS DIVERSOS

16. Por que permite Deus que os maus Espíritos se comuniquem e digam coisas ruins?

“Mesmo no que existe de pior existe um ensinamento; compete a vocês saber extraí-lo. É preciso que existam comunicações de todos os tipos para ensiná-los a distinguir os bons Espíritos dos maus, e servir de espelho para vocês mesmos.”

*(O Livro dos Médiuns, 268)*

## ÍNDICE

Texto inicial .....	
1.— Sem malcriação nem constrangimento .....	
2.— Considerações sobre a consciência .....	
3.— Suicidas inconscientes .....	
4.— Puerilidades metafísicas .....	
5.— Distinções de sexo .....	
6.— O amanhã redescoberto .....	
7.— Esperanças que se concretizam .....	
8.— Um pouco de paciência .....	
9.— Escravizando o médium .....	
10.— Tobias .....	
11.— Gofredo .....	
12.— Germano .....	
13.— Possíveis críticas .....	
14.— Deus nos abençoe! .....	
15.— Generoso alvitre .....	
16.— Primeira peregrinação assistida .....	
17.— Segunda peregrinação assistida .....	
18.— Terceira peregrinação assistida .....	
19.— Quarta peregrinação assistida .....	
20.— Quinta peregrinação assistida .....	
21.— Sexta peregrinação assistida .....	
22.— Sétima peregrinação assistida .....	
23.— Oitava peregrinação assistida .....	
24.— Nona peregrinação assistida .....	
25.— Décima peregrinação assistida .....	
26.— Décima primeira peregrinação assistida .....	
27.— Décima segunda peregrinação assistida .....	
28.— Décima terceira peregrinação assistida .....	
29.— O que esperamos dos leitores .....	
30.— A nossa condição atual .....	
31.— Adeus .....	

## TEXTO INICIAL

Prezaríamos muitíssimo que os irmãos encarnados pudessem compreender o quanto nos agradam com suas leituras críticas. No entanto, não temos como protestar quando imaginam que sejamos mera utopia, produto da inconsciência ativada do mediador, não apenas nesta casa como em muitas outras, o que ocorre mais frequentemente do que se poderia esperar de pessoas afeitas aos estudos espíritas.

Poderíamos refutar todos os argumentos contrários à nossa existência por trás de textos como estes, apenas levando o amigo a pesquisar atentamente nas obras de Kardec. Repete o Codificador, *ad nauseam*, que as pessoas que muito escrevem, com coerência, com discernimento, com fluência e com alto espírito humanitário, buscando os temas filosóficos concernentes aos tópicos da doutrina dos espíritos, no mínimo, devem estar sob inspiração dos seus benfeitores e anjos guardiães. Diz mais: que os textos ilegítimos do ponto de vista do bom senso e que contrariam o hábito de salutar postura moral do médium também são produzidos no etéreo por seres infelizes e imperfeitos, zombeteiros ou malfazejos, péssima influência que, nem por isso, obriga o leitor a suspeitar de que se trata sempre de animismo, ou melhor, de produção do próprio escrevente, indo um passo além nas desconfianças, porque chega a indicar a obra como resultado consciente das lucubrações imaginosas de alguém cujo maior desejo ou interesse está em projetar-se no seio do Movimento Espírita, com o fim de tornar-se requisitado e, quem sabe, adquirido nas bancas e livrarias.

Isto posto, como causamos séria surpresa para o médium, acreditamos que poderemos contar com integral boa vontade dos amigos afeiçoados ao espiritismo (com “e” minúsculo, porque nos referimos aos processos praticados pelos espíritos para o contato

mediúnico). Sendo assim, aproveitamos este texto inicial para recitar a ladainha costumeira: 1.º) designação patronímica para este grupo de alunos da *Escolinha de Evangelização*: nenhuma, porque temos observado que os títulos não aproximam mentalmente os leitores dos seres correspondentes; antes, servem para suposições e críticas maliciosas; 2.º) o professor que nos orienta também não quer declinar o apelido que teve na Terra, registrando o prenome de Resildo, diferente, estranho e inabitual, apenas para que não nos utilizemos de circunlóquios toda vez que precisarmos referir-nos a ele; 3.º) a classificação de nossa categoria espiritual dentro da escala de Kardec também ficará sem definição, porque contamos que os amigos leitores saibam distinguir a qualidade dos temas tratados e o gabarito com que o fizemos, de sorte que (acreditamos piamente) iremos parecer seres de luz para alguns e demoníacos para muitos.

Que Deus nos preserve esta disposição para os próximos dias, a fim de que os ditados conttenham, sem sombra de dúvida, as diretrizes que estamos imprimindo à mensagem do grupo. Fiquem com ele!

# 1

## SEM MALCRIAÇÃO NEM CONSTRANGIMENTO

Confessamos que a mensagem inicial nos causou muita preocupação, não pelo que está expresso, mas pela diretriz que desejávamos imprimir dentro do campo das possíveis celeumas mentais que poderíamos provocar junto aos encarnados. Estamos verdadeiramente interessados em discutir pontos de vista revéis aos ensinamentos de Jesus e que passam batidos pelas esferas do mundano admitido, incentivado e, mesmo, proclamado como de caráter superior.

Muitos de nós viemos cair neste ambiente de estudos, após brevíssimo estágio nos hospitais da colônia para comburirmos os gases tóxicos que estavam nublando a nossa mente, perturbados que chegamos pelo excessivo uso de drogas de todo tipo. Mas a nossa inteligência era, no mínimo, notável.

Se tivéssemos tido o discernimento do perigo do proceder agressivo contra o próprio organismo, talvez maneirássemos, pelo menos, a quantidade dos elementos perniciosos que absorvíamos. A nossa ação demonstrava que tínhamos o domínio do corpo e da mente através de imperativa vontade. E não admitíamos sequer um aviso sábio, ainda que nos fossem apresentados em clínicas especializadas ou em centros de recuperação de drogados ou viciados. Colocávamos no mesmo saco os médicos, os sacerdotes, os umbandistas, os kardecistas, os políticos (esses, coitados, sempre acoimados de falsos, de dilapidadores do erário, de unhas-de-fome quando não soltavam as verbas do socorro oficial) e tantos outros que se apresentavam como voluntários ou como contratados para nos orientarem.

A descrição acima deverá conduzir a conclusões do tipo:

*“Esses caras todos estiveram internados e, portanto, devem ter sido extremamente perigosos para a saúde moral de suas famílias. Devem ter sido os causadores de tristes separações de casais, de terríveis conflitos entre irmãos, de tremendos pesares para todos os entes mais velhos que neles depositaram muita esperança em que o equilíbrio existencial persistisse no corpo familiar.”*

Tais conclusões coincidirão com a realidade do passado da maioria de nós. É verdade que demos ensejo a dramas de muito sofrimento para as pessoas que nos agasalharam, ao menos, no ventre materno. Mas, com todo o respeito, devemos dizer que, ainda ali, recebemos influxos de más vibrações, a começar pela ingestão absolutamente forçada de drogas alucinógenas, causadoras de dependência, como o fumo, o álcool, a maconha, os barbitúricos, os químicos, inclusive remédios cuja composição (reconhecemos) não fazia parte do cabedal de conhecimentos da parentela. Alguns de nós, poucos, estamos ainda sob o efeito deletério da talidomida, apenas para citar algo bastante devastador no campo dos efeitos *bioplásticos*.

Mas chega de melindres à flor da pele. Todos estamos perfeitamente cômicos de que havíamos feito por merecer o tratamento perigoso para desempenho vital mais sadio. Tanto é assim que a maior parte tinha condições socioeconômicas de superação das dificuldades mas desprezamos as considerações dos familiares, dos professores e demais encarregados de nossa educação e formação para o exercício da cidadania. Há dois ou três que alcançaram cursar institutos de ensino superior, graduando-se com louvor, para imergirem, depois, em profunda depressão, praticando alguns crimes de forte prejuízo social, culminando pela prática do suicídio.

Aqui, após muito bater a cabeça nas cavernas do inconsciente, aspirando ser reconhecidos como seres coitados, doentes e perturbados, inocentes porque levados por impulsos incontrolláveis, viemos ter às portas desta instituição de socorro aos infelizes,

muitos conduzidos por benignos ancestrais, que outro não é o serviço que se presta quando se vencem as crises do egoísmo, do orgulho e da vaidade.

Fique o primeiro capítulo como o alerta imprescindível para os companheiros encarnados que se encontrem no bojo das alucinações do tudo poder, porque se tem a força do dinheiro, o recurso das armas, a beleza da juventude, a facilidade da linguagem, o fascínio da personalidade extrovertida, o brilho da inteligência, a coragem dos desafios, o desapego à vida. Este último requisito foi-nos solicitado por um colega que deixou a carcassa debaixo de um banco de automóvel, porque não teve perícia suficiente para ganhar na velocidade do *racha* suicida. Ele mesmo esteve, durante muito tempo, a incentivar ex-parceiros de correrias na noite, até que viu dois deles espatifarem o veículo de encontro a uma parede. Julgou que iria fazer bonito, aparecendo para os espíritos dos dois ainda enleados nas brumas da sensação da morte brusca. Ficou correndo deles por mais de três anos dentro das Trevas, até que um dia apelou pela ajuda de Jesus.

Mas acontecimentos desse tipo estão reservados para as próximas comunicações.

Possam os leitores sair desta aventura com o coração batendo serenamente, em paz com a consciência, esperançosos de encontrar o caminho da bem-aventurança, cheios de fé em que, um dia, se encontrarão neste mesmo posto, para narrar histórias de felizes realizações cármicas!

Deus os ajude!

## 2

### CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSCIÊNCIA

Agem os mortais segundo prescrições e hábitos que emanam do cérebro. É o campo da vontade a atuar sobre os procedimentos. Sem contradita, estamos sob o domínio daquilo a que denominamos de *consciência*. De um certo tempo para cá, porém, após estudos da mente invulgar, dos trejeitos muito especiais ou próprios, dados à esquizofrenia, ou às ações não correspondentes ao senso comum, se tem chegado a conclusões atenuantes para o comportamento agressivo ou degenerativo dos usos e costumes. Não são poucos os estudiosos que estimularam a divulgação de teorias designadas como psicanalíticas, de sorte que muita gente se encontra afirmando que fulano agiu mal ou sicrano cometeu um crime, sob influência de acontecimentos remotos do passado, frustrações emotivas quase sempre, ou sustos e temores produzidos por pessoas com o poder da vida e da morte sobre os tais etc. Hoje em dia, é muito comum ouvir de pessoas ignorantes, incultas e sem nenhum estudo, que o *pobrezinho* não tem culpa por ter agido agressivamente. Justificam-se os atos mais perversos como de revide inconsciente.

Dentro dos processos que se estabeleceram dentro das casas espíritas, sem fundamento, evidentemente, no que se possa extrair das obras de Kardec, quanto aos fatos meramente psicológicos no plano das ciências do comportamento estranho (conhecimentos que se estendem aos indivíduos absolutamente integrados às diretrizes sociais para os pequenos perdões), vemos crescer em importância a desculpa pelas vidas pregressas, para se acolherem como talvez explicáveis alguns desvios de conduta, principalmente quando se suspeita de antipatia, de aversão, de contrariedade contra pessoas, em geral consanguíneas. Dá-se a possibilidade como certeza e ativa-

se um conjunto de reações mentais que vão confluir sempre na perspectiva da naturalidade dos eventos destrutivos das relações. Chega-se ao absurdo de se aceitar a separação entre os que se rejeitam como proveitosa para o prosseguimento cármico da vida em desenvolvimento.

Se nós lermos com atenção os textos do *Novo Testamento*, quer pela palavra do Cristo, quer pelas exposições dos apóstolos, verificaremos que a recomendação se dá no sentido do perdão, da compreensão e da confluência dos espíritos para a reparação dos elos rompidos e para o restabelecimento da amizade. Não vamos reproduzir as palavras de Jesus, por demais conhecidas, mas, se, durante a vida, as pessoas não se reconciliarem, enquanto não no fizerem nos intervalos entre as encarnações, haverão de ficar a marcar passo, sem progresso, porque os seus corações se encontram fechados para a sabedoria evangélica.

Que tem de ver a consciência com isso tudo?

Simplesmente, estamos incentivando a reflexão a respeito do que acima referimos, ou seja, sobre as teorias dos hábitos estruturados sem a participação da vontade, como se se robotizassem os indivíduos sob certas circunstâncias e se deixassem levar pelo influxo das intuições fugidias da mente. É como o que, mudando o que deve ser mudado, acontece dentro do intestino, quando o bolo alimentar vai sendo empurrado, sem a percepção do fato pelo cérebro desperto. Claro está que não estamos propugnando que todos esses fenômenos alheios à decisão voluntária das pessoas se tornem objeto de acompanhamento mental. Mas é do mesmo modo que temos a pretensão de acusar a mente de refratária quanto a avaliar o ódio ou a indisposição contra os seres ao derredor. No caso da digestão, tudo bem: que se faça o mais mecanicamente possível. No caso das antipatias, dos rancores, do mal-estar provocado pelos outros, que tudo seja analisado sob a perspectiva do amor pregado por Jesus, inclusive em relação aos inimigos e aí, tal como o sangue que corre liberto dos pensamentos

voluntários pelas veias e artérias (o chamado movimento peristáltico, o que citamos para demonstrar que não nos alheamos de alguns termos científicos — aliás, produzidos pelos sistemas nervosos simpático e parassimpático — fiquemos por aqui...), também o sofrer dos procedimentos hostis se fará automaticamente.

Quem adquirir o hábito, o costume, quem estruturar a mente para a prática das virtudes todas, haverá de constranger o coração a aceitar todos os termos da doutrina espírita, a ponto de facultar o ingresso na carne, quando pleiteado pelos maiores dentro das colônias de cura, educação e socorro, em missionária reencarnação, sem dificuldades opostas pela vontade de serenar as lutas, na busca que todos empreendemos de paz, de harmonia, dentro de parâmetros vibratórios mais condizentes com o ideal cristão que vamos absorvendo durante a existência e que nos faz sonhar com regiões de maior felicidade.

Estamos objetivando que se conclua que a felicidade está sempre ao alcance da mão, quaisquer sejam as condições do momento presente?

Não é tanto assim, mas quase isso. Admitimos que existam momentos de dor, de sofrimento, pelo remorso com que nos atinge a consciência, quando percebemos os preceitos que estimulamos para a prática dos nossos desejos e da nossa vontade (quando aplicamos o nosso livre-arbítrio), em função de satisfazer o egoísmo, o orgulho, a vaidade, os vícios etc. Nesse caso, a vida, na carne e no etéreo, deflagra as consequências penosas do sentimento de culpa, rigorosamente favorável ao progresso, quando esclarecido pela descoberta das verdadeiras causas do procedimento desnaturado, mas terrível flagelo da alma, quando se mergulha tão somente nas consequências dos atos falhos, dos *pecados*, muitos dos quais acontecidos apenas no âmbito da mente, da intenção, daquele subjetivo movimento emocional do coração que pretende haurir benefícios pelo prejuízo alheio, individual ou comunitário.

Por exemplo, estamos tendendo a suspeitar de que deveríamos ter preparado melhor este texto, para dar mais ênfase aos aspectos primordiais do tema, sem estender-nos tanto por descaminhos embrulhados em teses paralelas. Falta-nos melhorar o nível da linguagem, o tônus sentimental, a argumentação lógica, a exemplificação abonadora e tantos outros pequenos segredos retóricos, cujo exame crítico sabemos executar, mas cujo emprego deixamos muito a desejar. No entanto, propomo-nos a estudar e a melhorar esse aspecto, o que nos desobriga do sentimento de culpa, ainda mais porque estamos confessando o que está ocorrendo em nosso íntimo.

A revelação acima tem muito que ver com o estado de atenção permanente que pregamos neste escrito. É o consciente exercendo o devido policiamento das ações, segundo o critério de meticulosa pesquisa íntima, a qual deve coincidir com o que se pratica usualmente na sociedade. Em outras palavras: queremos que prevaleça o bom senso sem contrariar o senso comum, para que este se modifique em função daquele, não apenas para quem estabeleceu o paradigma das ações conscientes, mas também para todos os outros que levantam desculpas pelas práticas inconscientes.

Se os caros leitores se perderam no labirinto desta intrincada argumentação, não terão perdido muita coisa, desde que aceitem Jesus em seus corações. Aliás, não perderam nada.

### 3

## SUICIDAS INCONSCIENTES

Temos as nossas dúvidas quanto ao nível de inconsciência que se deposita na verdade daqueles que se matam, sem que o objetivo declarado seja exatamente esse. Temos as nossas dúvidas porque estivemos exatamente curtindo a desgraça de ter estourado os miolos contra a parede, projétil arremessado por meio de veículo motorizado em abuso de velocidade, sem qualquer incentivo de real necessidade, como se todas as manobras me fossem possíveis.

Quando expresso o plural (*temos, nossas* etc.), falo pela minha equipe de trabalho, cujos elementos, em grande maioria, estiveram em situação semelhante, acusados pela consciência, pela mente e pelo coração, que esse conjunto se reúne para as punições terríveis do báratro. Muitos de nós estaríamos até felizes cá no etéreo, se não suspeitássemos de que a nossa morte tem muito que ver com a vontade de desfazer os liames carnis, ou, melhor dizendo, os compromissos cármicos, porque nos sentíamos coagidos, enquanto por demais voluntariosos.

Esse problema há de surgir, uma hora ou outra, para todos, não tanto no que se refira aos acontecimentos envolvendo as suas pessoas, mas porque deverão auxiliar entidades traumatizadas por essa tremenda expectativa de cair, de novo, na esparrela da vontade indomável.

Caberia narrar diversos casos específicos, mas acredito que o que disse já deu para conceituar o ponto sobre que nos interessa discorrer.

A hora atual favorece o crescimento dessas condições de inferioridade dos raciocínios filosóficos, tanto o materialismo domina as almas dos encarnados. Quem não quer possuir uma

simples motocicleta, quando possui um veículo não motorizado? E quem não quer acrescentar ao patrimônio mais a fama de... Vou suspender essa linha de pensamento, porque me dou por satisfeito com a indução das mentes desejosas de me ver aproximar os elementos evangélicos em jogo, ao pensamento menos emotivo, de sorte que se possa caracterizar companheiros em iguais circunstâncias de vida.

O tema me oferece a alternativa da escolha entre falar a respeito dos desarranjos provocados pelo orgulho, pelo egoísmo desabrido de quem não se satisfaz com menos do que a projeção no meio social e estender-me sobre os defeitos de formação da personalidade, por indução educativa da própria sociedade, sem os contornos da formação moral dos lares espíritas ou, *lato sensu*, cristãos. Poderia inventar soluções muito mais drásticas, lembrando as religiões que condenam o despudorado gesto da rebeldia individual, mas que propugnam como sagrado o ato terrorista a partir do desfazimento da estrutura corpórea pela explosão de cargas de dinamites dispostas sobre os jovens, aos quais se estimulou pela ideia da vingança. Eis que o suicídio se torna patente na descrição do desajuizado extremismo dos que se consideram acima da virtude da benquerença, tanto que não estimam os próprios companheiros de fé, se lhes dão a missão terminal, jogando para Deus a responsabilidade integral do ato.

Outros são levados ao crime oficial, porque atacam forças estrangeiras, militares ou não, provocando mortes e mutilações. Aqui a consciência do ataque enegrece o raciocínio e impede a percepção do suicídio, não pela morte física, mas pela desgraça da condenação de pós-túmulo, que se dará incoercível.

Poderia desenvolver outros tópicos concernentes aos procedimentos de represália, agora no campo da urbe, momento de suprema loucura pelas chacinas produzidas no território ocupado pelos maiorais dos tráficos, seja das drogas, seja das armas, como até bem pouco tempo atrás se via respeitante ao tráfico das

*escravas brancas*, setor que se especializa na derrocada moral a que se levam as crianças, púberes e adolescentes, quando não se esboroa de encontro ao tráfico de órgãos, estúpido meio de se concentrarem recursos monetários.

Desconfiam os leitores de que tenhamos pelo menos um representante de cada tipo de malfeito? Pois é isso o que ocorre com o pessoal do grupo, agora refeito dos sustos das trevas, incapaz, porém, de crescer espiritualmente, sem a contrapartida dos atos de bondade e de misericórdia que deveremos praticar em sucessivas encarnações. Sabem do que mais temos medo? De nos tornarmos vítimas desses mesmos disparates mentais, como se a natureza cobrasse a todos pela mesma moeda.

Daqui o arrependimento mais sentido, porque chegamos a suspeitar de que Deus é deveras aquele ser vingativo das *Antigas Escrituras*, que arremessará contra os maus a maldade dos que desejam que estejamos navegando no mesmo barco furado. Quando descobrimos que o Pai é todo amor e perdão e que nós é que fomos os culpados dos revides cármicos para obtermos a compreensão do sofrimento que espalhamos, ficamos apalermados, tendo como primeiro impulso o desejo de vasculhar as vidas pregressas, para conhecer o quanto fomos arruinados em outras investidas, para que tivéssemos a aspiração imbecil do revide, até sem saber contra o que nos arremessávamos.

Eis que o texto vai culminando, cru, áspero, ilógico, impróprio para dar seguimento às mensagens tão lúcidas das turmas que nos precederam, inclusive não condizente com o relativo equilíbrio dos que aqui já se leram. Então, vou revelar um dos objetivos da turma, que incrementei e que vislumbrei como o mais adequado para pôr medo nos corações que, como os nossos, pairam à distância dos ensinamentos de Jesus, qual seja, o de descodificar os tópicos pela rama, oferecendo possibilidades de entendimento múltiplo, segundo os níveis de percepção dos diversos encarnados, já que as

conotações se abrem em leque de possibilidades, ao contrário deste feixe concentrado pela terminologia especializada.

Agora é que muitos vão entender menos ainda, por causa dos impulsos tão diferenciados, tão argutos pela singeleza e tão obtusos pela complexidade. Acho que, se vier a ser lido por quem esteja *viajando* (no sentido de quem absorve os produtos da alucinação e da perversão), poderei auxiliá-los a compreender o quanto de mal estão causando aos seus organismos psíquicos (físicos não preciso dizer), a conferir mais além (mais aquém, no meu sentido), de forma que não resta a menor dúvida.

Alegro-me que meu escrito tenha passado pelo crivo dos mentores e sido transmitido, mais ou menos do modo pelo qual eu o entendia. Restará saber se encontrará meios de chegar sob a vista daqueles a quem me interessa emocionar, a quem me cabe reanimar, ainda que seja através destes quadros de dor, de trevas, de perspectivas tão disparatadas perante os recursos atuais dos que se dispõem a morrer, pensando que a vida é sua, simplesmente, e que não merece ser vivida por honra de quem no-la deu, confundindo-se a nossa cabeça ao julgar que a origem do mal esteja em nossos pais terrenos ou na sociedade que nos escorraça, que nos aflige ou que nos favorece os desvarios.

Não se matem, amigos, nem pelos atos de selvagem violência revestidos de sentimentos de desapego à vida, de coragem e de superioridade de domínio sobre o destino!

Existe um aqui que está se dizendo *surfista ferroviário*, que caiu do trem, estupidificado pela glória da fagulha que desaparece. Só que sua energia se recompôs, dramaticamente, nos frangalhos do corpo perispirítico, condenado a anos a fio de tormentos.

Paro por aqui, mas não sem antes demonstrar que temos a faculdade de reconhecer os nossos defeitos e as virtudes dos que pautam o proceder pelas normas evangélicas. O mais virá depois. Fiquem com Deus!

## 4

### PUERILIDADES METAFÍSICAS

Muitos de nós acreditam que Deus é quem determina isto e mais aquilo, que dá ordens aos capatazes do etéreo, primeiros ministros, serafins e querubins, huris, mensageiros de diversos coturnos, valquírias, seres elementais, anjos guardiães, espíritos superiores e mais designações que oneram o cérebro de quem deseja pensar que o Pai se assemelha aos todo-poderosos da Terra (e adjacências, quando se crê em vida nos outros planetas, mesmo em sistemas de outras galáxias, ou em que existam discos voadores).

Essa crença, dispersa nos corações, se sedimenta muitíssimas vezes, tanto que há quem acredite, mesmo entre nós, que Jesus seja a segunda pessoa da santíssima trindade, por mais que nos esforcemos para dissuadi-los de que Deus é a inteligência suprema, que não se divide e que não se materializa jamais. São coisas terríveis de serem extirpadas, ainda que passemos e repassemos o catecismo cujo resumo foi transmitido aos homens por espíritos elevados e que se encontra, apenas por exemplo, em *O Livro dos Espíritos*.

Dimensionado o problema, colocamo-nos frente a frente com o leitor incrédulo, aquele que folheia este livro atraído pelo título, pela capa ou que teve o interesse despertado por alguma palavra oportuna de alguém adepto da doutrina espírita. Pois bem, suspeitamos sempre de que sejamos muito mal interpretados, porque avançamos nos conceitos próprios deste plano, onde as colônias assumem quase inteiramente a feição das pequenas cidades terrenas, aquelas de mais de um milhão e menos de dois milhões de habitantes.

Eis que citamos algo pouco provável para a imaginação acostumada aos milagres ou ao nada, uns e outros dependentes de crenças insólitas, irracionais e hirsutas, dada a contextura do prazer de se saber envolvido por dimensão absolutamente incongruente e terrivelmente coatora das liberdades para o sobrenatural. Muitos vivem em plena fantasia e são incapazes de elaborar a possibilidade — que dizer da probabilidade? — da existência de outras vidas após a morte. Julgam mais fácil dominar os meios de que dispõem ao alcance das mãos e da inteligência, e não se atrevem um passo além do que os olhos enxergam. Precisam do material, vivem nele, dele e, o que é incrível, por ele. Se investissem um pouco mais nos aspectos morais dos empreendimentos, se julgassem possível, ao menos, que os outros seres (humanos, inclusive) têm sensibilidade para a percepção de realidades outras (mediúnicas, por exemplo), abririam a mente para a recepção de informações deste teor.

Cabe perguntar por que é que estamos tão interessados justamente nos indivíduos refratários aos conhecimentos espíritas, quando muitíssimas pessoas, menos abusadas, mais sensatas, menos ignorantes, mais cultas, menos cuidadosas no mau sentido, mais corajosas no bom sentido, estão à espera de informações precisas sobre o campo contíguo à realidade carnal, aquele em que desembocam os que tomam a barcaçazinha dos que se põem de pés juntos.

Sentimos, como se percebe, um pouco de frustração pela expectativa que criamos de ver os leitores adventícios, aqueles a que acima nos referimos, propensos a largar o livro definitivamente sobre a prateleira, se se controlarem quanto ao desejo de jogá-lo ao lixo. Pois é aí que mora o perigo, ou seja, é nessa postura pessimista em que os mentores não apostam, pois desejam ver-nos ir até o fim nas comunicações, para o despertar de muitos, apesar de sabermos como é que reagem psiquicamente aos arremessos da espiritualização, quanto mais da *espiritização* (com perdão dos neologismo).

Dissemos alhures que confiamos na inteligência dos jovens que desprezam os conselhos moralistas e se dispõem ao crime, à perversão, aos vícios, à violência, enfim, como ordem que conseguem enxergar na sociedade humana, porque veem no caos do Universo a insegurança que introjetam nos corações. São, porém, simplesmente incapazes de pôr qualquer lei para a geração de conceitos de uniformização das reações, vamos dizer assim, moleculares. Se soubessem generalizar as explicações que se dão na Química (vejam que não intentamos citar a complexidade das leis estudadas na Física), saberiam observar um pouco além da estreiteza de seus horizontes.

Vão dizer que estamos apegados a dois ou três princípios e que além deles somos incapazes de ir. É essa uma verdade e não queremos fugir da responsabilidade de afirmar que somos muito crus e que, melhor do que nós, muitos outros irmãos teriam condições de discorrer com sabedoria, através da captação de inúmeros elementos, quer do plano material, quer do espiritual. Mas aí seria muito fácil para nós, porque abriríamos mão de estarmos gastando saliva, ou acendendo boa vela para mau defunto, ou fazendo promessa para santos do pau oco, qualquer seja a sua expressão predileta, envidando apenas o esforço de captar as obras publicadas para citar as mais coerentes com o pensamento e o sentimento que estão inspirando-nos.

— Sentiram o nosso drama? — Sentiram o nosso drama?  
Perguntamos de novo: — Sentiram o nosso drama?

Pois são vocês, que um dia deixamos para trás, porque nos pareciam por demais cretinos, que são a nossa preocupação. Pensam que o fato de não convencermos a nenhum vai nos trazer problemas de desenvolvimento? De forma alguma. A nossa realização independe de resultados. Queremos trazer o máximo de companheiros para a seara filosófica e doutrinária do espiritismo, mas isso é secundário, porque o que realmente nos interessa é

apreender o sistema mediúnico para, futuramente, sermos capazes de textos mais elaborados e expressivos.

Não acreditou em nada do que dissemos? Pois fique aí na sua! Independe da sua vontade a vibração que estamos em condições de proporcionar para quantos se dediquem com algum interesse a esta leitura, tanto que chegaram até aqui. Por isso, precisamos agradecer, nesta altura, aos pobres sofredores, oferecendo-lhes uma palavrinha de esperança, demonstrando que estamos entusiasmados com o trabalho, ou não estaríamos desenvolvendo o tema até quejandas sofisticacões.

Nada valeu a pena? Pois pensem no irmão poeta que afirmava que tudo sempre vale, quando não é pequena... O quê? O quê? O quê? A alma, que mais não é do que o espírito encarnado, aquele mesmo que sobra depois que o corpo se degenera, apodrece, se desfaz e se reintegra na natureza, pelo poder que têm as moléculas de se reagruparem, sendo esse o poder de atração de sua energia. Energia? Se você ainda tem alguma, pense positivamente a respeito dos assuntos que lançamos nestas páginas e se disponha a prosseguir pelas mensagens que se avolumam através do restante das folhas.

Eis que a perspectiva não anima. Pense um pouco também na nossa, nesta altura das transmissões e das transgressões...

## 5 DISTINÇÕES DE SEXO

As mensagens anteriores se compuseram para fazer crer que o grupo seja constituído apenas de seres de origem terrena masculina. Realmente, os que se atrevem no campo que delineamos gozam das virtudes machistas, caracterizados que foram pela violência e pelo arroubo incompatível com a delicadeza das almas femininas. No entanto, temos diversas mulheres no grupo, quase todas companheiras daqueles suicidas inconscientes e inconsequentes, os quais acrescentaram ao débito do atentado contra a própria vida, mais a carga de haverem antecipado o desenlace de quem estava com programações de filhos e de famílias, para a criação e a educação, porque mais afeitas são ao enlace amoroso, no plano da matéria.

Eis que estamos tomando o máximo de cuidado para não levar os leitores para suposições infundadas no campo da moralidade que se prescreve aos homens, em distinção à que se reserva às mulheres. No etéreo, só nos distinguimos uns dos outros pela aparência, porque assim o desejamos, para a classificação dos problemas que temos de vencer para sadia constituição da personalidade.

Temos de objetar, contra quem suspeita de fraude, porque se julga que somos seres melífluos, que a consistência corpórea do perispírito está para a do corpo dos encarnados em estreita correlação. Apenas seres despojados de vícios, de maldade e de crises de qualquer tipo, é que conseguem locomover-se por estas áreas, sem encontrar resistências no campo magnético, como se se infiltrassem através do meio eletrificado ou energizado pelos fluidos mais sutis. Mal comparando, podemos dizer que os corpos etéreos,

quando quintessenciado o indivíduo pelo progresso moral e pelo despojamento das vibrações grosseiras, as quais se mantêm para os infelizes, para os sofredores, para os que não despertaram para o evangelho, se libertam dos pesos adicionais que carregam, como os humanos emagrecem através de dietas balanceadas. Não se pode dizer, portanto, que os espíritos tenham completa liberdade de locomoção, mas que tendem, naturalmente, para a densidade das trevas ou para a purificação da luz.

Estamos prosseguindo com extrema vigilância, para não cairmos na armadilha de estarmos passando informações que, necessariamente, nos são interditas por causa do pouco desenvolvimento intelectual da turma, o que, nestas paragens, se une indefectivelmente aos conhecimentos, porque a maior ou menor facilidade de concentração para o aprendizado das noções da realidade imanente para nós depende de não nos preocuparmos excessivamente conosco ou com os nossos problemas, os nossos deveres, as nossas atribuições, os nossos compromissos, pois tudo se nos afigura como premente, quando estabelecemos objetivos bem definidos no plano evolucionista.

Dizíamos que temos mulheres conosco, em menor número, mas igualmente querendo se manifestar. Há uma companheira que deseja que revelemos que sua inconsistência cármica se deveu a um aborto, que ela chama de criminoso, apesar de ter sido forçada ao ato sexual por estupro, quando estava embalada por várias doses de psicotrópicos e se sentia absolutamente à vontade quanto aos desejos sensuais. Estava a fim de ser violentada e essa foi crise de imensas repercussões morais, a ponto de ter facilitado o seu transporte para o lado de cá.

As circunstâncias do desenlace não nos oferecem ensejo de atrair a atenção de ninguém, nem temos esse escopo, conquanto saibamos que violência e sexo andam juntos para o efeito da satisfação da mentalidade acostumada aos filmes e outras manifestações ditas artísticas, pelas realizações técnicas que se

colocam a serviço dos processos de convencer o próximo a gastar; digo mais: a conseguir, por qualquer meio, legal ou não, recursos para a satisfação dos desejos alimentados pela ganância do tudo poder. Não iremos, contudo, desafiar a argúcia dos que têm as respostas prontas, muito menos estamos desejosos de espantar quem tem tido a boa vontade de nos acompanhar na descrição de nossas vicissitudes, todas decorrentes do modo de vida que estamos tão ferozmente repudiando.

Outra condição para falarmos das amigas foi a de não citarmos a vida sexual com crueza, embora, neste setor, os jovens estejam na idade das descobertas da lubricidade, sem o correspondente e sadio alvitre de procriar, o que seria pedir muito para quem não se doa integralmente a ninguém, tantas são as facilidades que encontram para a satisfação das aspirações (mais que necessidades) carnis.

Pede-nos outra amiga que citemos o seu drama, qual seja, o de ter deixado a esfera terrestre por ter adquirido a peste mais atual, qual seja, a da AIDS, e — o que nos oferece motivo para reflexões — através do ato sexual e não através de seringa com sangue contaminado para a absorção da droga, o que teria sido, segundo ela, muito mais significativo do ponto de vista do desbaratamento vital, porque — explica-nos — o gozo artificial seria muito mais pesaroso na contagem das responsabilidades, porque os anseios do sexo são naturais e seu cumprimento perfeitamente dentro dos padrões do proceder mais santificado nas sociedades, porque universal.

Não temos muito mais que dizer pela pequena experiência que trouxemos. Claro que nos diplomamos nas safadezas. O que lamentamos é a falta de percepção do que provoca a alegria e a felicidade dos que seguem as normas do Cristo, pela superior dedicação aos irmãos, aos semelhantes, ao próximo. Não nos deixamos jamais envolver pelas sutilezas dos sentimentos, pelas nuances da emotividade, pela doçura do relacionamento saudável fundamentado no amor.

É estranho que estejamos cômicos dessa superioridade dos bons sobre os maus? Mas estamos apenas declarando que sabemos, o que não quer significar que estejamos por dentro dos mecanismos que nos dariam total domínio das sensações. É que, neste ponto do curso, pela própria natureza de nossas constituições psíquicas, estamos em condições de entender o que nos é ensinado, mas muito longe de assimilar, em toda sua extensão, os valores que nos elevarão para círculo existencial mais puro. Acreditamos que nossas palavras estejam exercendo o mesmo papel relativamente aos encarnados, que são capazes de entender o que escrevemos mas põem tudo em dúvida, porque a sua sensibilidade não lhes abre a mente para a assimilação total do ensino.

Não há de restar nenhuma dúvida dentro de algum tempo, tanto para nós quanto para os amigos leitores. Este é o quatro resultante da soma de dois com dois. Poderia ser um com três ou zero com quatro. O que estamos rogando, estimulando e prevenindo, é que não há necessidade de ser o quatro resultante da multiplicação de seis por oito, pela diminuição de sessenta e seis (resultado negativo), para a descoberta da diferença que deverá acrescentar-se, ou seja, vinte e oito, para completar, com os dois dobrados iniciais, a soma pretendida. Complicamos por demais a figura? Vocês não sabem qual é o resultado matemático dos disparates que estamos assinalando!

Fiquem com Deus!

## 6 O AMANHÃ REDESCOBERTO

Nós, que estamos internados nesta colônia plena de luz — para nós, luz é qualquer coisa que nos traga a perspectiva de sanar os males que praticamos — entregamos aos mortais os textos cheios de temor, porque não desejamos constituir-nos em empecilho para nenhum desenvolvimento cármico, caso as nossas teses sejam mal interpretadas e formos tidos como o exemplo mais sadio, mais adequado e mais perfeito, para quantos estejam desejosos de prosseguir nas sendas dos vícios e demais desvios de conduta a que se habituaram e que significam para eles o prêmio, a recompensa mais cobiçada.

Isso certamente se dará com alguns que não estejam dispostos a refletir, a meditar, a se ensimesmarem, um pouquinho que seja, para a avaliação dos pontos mais preciosos dos conceitos que expendemos.

Atrapalha-nos, sobremodo, o desejo de sermos simples, mas esbarramos nos conteúdos que devem ser expressos de modo preciso, de sorte que a redação vai se tornando muito mais pejada de caracteres filosóficos do que gostaríamos. Todavia, que sirva para comprovar que temos recursos mentais de alto gabarito, no tocante a sabermos desenvolver os temas, se não com elegante proficiência, ao menos com desenvoltura.

Também prestamos uma homenagem ao leitor jovem que se dispôs a seguir os malabarismos intelectuais, nestas incertas assertivas, pois os fundamentos silogísticos não passam de arremedos das longas preleções que nos são ministradas pelos mentores, em aulas de extrema boa vontade para com quem não se dedicou com afinco à descoberta da verdade e desliza, quase

imbecilizado, pela grandiosidade das fórmulas linguísticas, sem a correlata profundidade nos pensamentos científicos.

Eis o amanhã a que nos referimos no título.

Se estivéssemos encarnados e nos deparássemos com um texto deste vigor na ênfase da preparação evangélica que propugnamos, sem o competente embasamento teórico, disciplinar, doutrinário, sem as necessárias citações dos ensinamentos de Jesus, nem a colheita de exemplos nos jardins de Kardec, louvando-nos de mal assimilada condição literária, pela imagética comprometida com o mau gosto, iríamos rejeitar de cara a tentativa de nos levar a proceder qualquer revisão do comportamento, em função das promessas das angústias e sofrimentos do báratro, menos ainda pela alegre oferta dos momentos de felicidade curtidos em região onde não existem gozos materiais, onde se afirmou que não há distinção entre os sexos, onde o que de melhor se sugere é o trabalho em prol dos semelhantes, quando saberíamos que nós é que estávamos carentes de afeto carnal, de agasalho sentimental, de conforto espiritual.

Pois fique aqui registrada a compreensão das intuições dos jovens e inteligentes leitores, aqueles que, pela genialidade, nem sequer necessitam quebrar muito a cabeça para perceber o quanto estamos defasados em relação aos eventos mundanos do presente, dentro da realidade que dá forma e conteúdo, a um tempo, à existência turbulenta dos que sobrevivem à custa das realizações voluntárias do *ego* elevado ao topo máximo da criação universal.

Que o amanhã possa despertar o interesse ou a curiosidade, segundo a afirmação de que a vida após a morte irá eleger as principais características da personalidade de quem reingressa no etéreo, para calcar sobre elas a atuação da consciência, condenando ou exaltando, segundo tenham os indivíduos sabido discernir entre o bem e o mal, em suas infinitas categorias ou etapas, tantas são as nuances de procedimento que se podem esperar dos viventes. Mas a graduação do pesar ou da alegria será rigorosamente controlada

pelos feitos, porque (aqui vai uma citação) a Providência colocou como uma das principais normas cármicas o reconhecimento de que o sujeito deve ser medido segundo as obras que tiver construído. Agiu em consonância com as expectativas evangélicas? Muito bem! Vai receber agasalho numa colônia em que as feridas serão pensadas e o trabalho reconhecido, na forma de benquerença, assistência e encaminhamento para o engrandecimento das qualidades. Ao contrário, deu azo a que os irmãos se vissem prejudicados, desleixou os compromissos a favor de gozos que arruinaram o aparato físico, não cumpriu as diretrizes impressas na consciência, julgando aquela vozinha tão incômoda que a sufocou pelas tribulações e correrias, no apelo de cada instante, para a turbulência mental característica de quem não se permite introjetar na discussão íntima dos valores morais? Então, irá resvalar para a podridão do Umbral ou para a loucura das Trevas, cheio de apreensões, cheio de azedume, cheio de clamores vãos, cheio de sentimentos de amor-próprio ferido, cheio de acusações de toda espécie contra todos os seres conhecidos e desconhecidos, sem arranjar nenhuma amizade em quem confiar, cego para o auxílio que jamais falta, arruinado quanto à vestimenta etérea, sofrendo horríveis dores que parecerão físicas, como no caso dos que, hipnotizados, se acreditam mergulhados em caldeirão de óleo fervente. Nesse local, irá desvairar durante um período de tempo que parecerá não ter fim, até reconhecer que errou, que não agiu como deveria, que poderia, ao menos, ter seguido algum dos padrões normativos da boa cidadania e do respeito ao templo corpóreo, onde se agasalhou o seu espírito durante a peregrinação terrena. Terá, por fim, de discernir a verdade do seu grau de culpa, não para as acusações da consciência, que essas, desde o início, embora não caracterizadas como tais, sempre estiveram presentes, mas para o rogo oportuno e sincero pela ajuda justamente destes protetores e benfeitores a quem chamamos de espíritos bons, de anjos guardiães, de socorristas ou de seareiros da paz do Senhor.

Eis o amanhã que desejamos tornar evidente para os amigos neófitos (principiantes) nos estudos da realidade existencial resultante do confronto entre as aspirações materiais e as realizações espirituais, o que poderá parecer incongruente, disparatado, ilógico ou insólito, pelo menos, dado que o que se propõe como ideológico, normalmente, é o fruto da fantasia, da imaginação, das lucubrações mentais, e o que se dá como pragmático é o desempenho no campo das concretizações materiais. Fique assinalada a aparência do sofisma mas não se perca de vista o interesse que temos em fazer acreditar em que estamos ditando este texto a partir de um plano diferente desse em que os amigos respiram e dão vazão aos pendores impressos no organismo sensório estruturado com os elementos tangíveis e visíveis, apesar dos conhecimentos de que ele (o texto) se muniu de que a matéria não passa, em seus aspectos mais íntimos, em sua essência, de vibrações de caráter energético, em ondas, se quiserem, que perpassam os ingredientes mais sutis de sua composição subatômica.

Enchemos a mensagem de noções não condizentes com o conhecimento mais comum dos jovens que fogem dos estudos. Fizemo-lo com a intenção de ver se conseguimos fazê-los desapegarem-se do ramerrão dos modismos da linguagem idiota de quem não deseja enfronhar-se na hipótese de maior valia dos conceitos científicos ou filosóficos; morais, espirituais ou evangélicos. Estamos descrevendo a nossa alma pela condição dos absurdos praticados, demonstrando, através do exemplo pessoal, que temos motivos muito particulares para vir em auxílio dos leitores. O mais é suposição de mau caráter, de intento de subverter os padrões do Movimento Espírita, de irrisão pelo acentuado personalismo de quem se deseja original e concludente. Pensem o que quiserem, mas lembrem-se de Jesus!

Que a paz do Senhor habite em seus corações!

## 7

### ESPERANÇAS QUE SE CONCRETIZAM

Quando voltamos à carne, somos recebidos por algumas pessoas. Tais pessoas aceitam-nos, quase sempre, com muita alegria, porque somos esperados e, muitas vezes, requisitados. Sempre que as crianças são repudiadas pelos pais, em geral o pai primeiro, sofrem com as desavenças cármicas a partir da mais tenra idade ou, como anteriormente assinalamos, desde o ventre materno, por sufocação deletéria de muitos ingredientes nocivos à saúde ou por pura rejeição, dadas as mais diferentes causas, dentre as quais as de ordem social, as de ordem psíquica e as de ordem espiritual.

Não nos interessa dissertar a respeito das causas, porque são os efeitos que nos dizem respeito mais de perto, porque somos os que sofremos e os que nos vimos na rua da amargura (*rua da amargura — está é das candongas!*). No entanto, basta leve questionar junto aos colegas para descobrir que há entre nós todo tipo de problema dessa espécie. O que não há, na verdade, é quem tenha sido albergado com amor.

Se a pesquisa for mais longe, havemos de entender que fomos obrigados ao reencarne, porque necessitávamos de outra passagem para o aprendizado dos deveres evangélicos, o que, é claro, não aconteceu com nós desta equipe. Aos sermos acolhidos em lares problemáticos, íamos curtir a companhia de seres que já não se simpatizavam conosco desde muitas existências. Se há lei que aproxima os seres, é justamente essa da semelhança ou da equiparação das vibrações. Raramente, casais muito felizes dão agasalho e assistência a filhos que representam progressos adversários. Podem hospedar gente de má catadura, espíritos

imperfeitos, para aprender a lidar com pessoas difíceis, no intuito (deles e dos benfeitores espirituais) de resgatar pequenos débitos ou de exercer ação missionária.

Para quem estuda o espiritismo com alguma seriedade, nada do que vimos dizendo é novo. Mas vamos insistir nesta linha porque almejamos conversar com a juventude avessa aos programas moralistas de evidente tendência ao proselitismo. Quanto a nós, levamos com suavidade o objetivo de convencer, porque sabemos que é de grande dificuldade para os encarnados a aceitação pura e simples da exigência do sofrimento, quando o corpo, com seu aparato sensório, com seus recursos de fruição de prazeres, está a incutir no pensamento que tudo a que nos referimos é simples balela, coisa de quem aspira a engrandecer a religião ou a doutrina, destacando-se pelo argumento forte e pelo discurso de arrastão.

Kardec, pelo que sabemos, dizia que as pessoas se deixam convencer, principalmente, pela lógica dos raciocínios, pelas teses aprovadas pela razão fundamentada em bom senso. Mas estas apreciações podem haurir-se diretamente dos textos do Codificador. Por isso é que nos dedicamos a esta linha paralela de transmissão mediúcnica, voltados para a declaração de que a vontade é sempre soberana, porquanto a aplicação do livre-arbítrio está embutida na lei do progresso.

Pois bem, as esperanças a que aludimos no título são de diversa ordem, dado que não pleiteamos ter razão sobre a postura intelectual, emocional, materialista, caótica, seja o que for a ser contraposto ao desenvolvimento da tese. O que nos interessa declarar é que as pessoas no mundo se sentem coagidas pela natureza, uma vez que, biologicamente, têm de se submeter aos que as geraram, queiram ou não.

Não estamos derogando a lei do livre-arbítrio. Queremos afirmar que, se houve a intervenção de espíritos benfazejos ou malfazejos para a constituição da família nos moldes em que ela se formou, é porque existem choques de interesses, existe prevalência

de umas vontades sobre outras, existem submissões que devem ser analisadas com a mente aberta para o determinismo dos fatos e para a ingerência dos fenômenos de qualquer natureza no âmbito ou no círculo em que atua a vontade.

Não é verdade que os leitores se empenham por fazer valer a sua opinião sempre (ou quase sempre — este *quase* marotamente a lembrar que *nem sempre* dizemos a verdade, nem mesmo a nós mesmos)? Pois aí temos a origem dos conflitos e fim. A partir desse raciocínio, a menos que declaremos guerra total à lógica dos desenvolvimentos filosóficos, temos de nos concentrar no aprendizado das normas mais perfeitas para a supressão dos pontos negativos que nos obrigam a agir em detrimento do sentido evolutivo de nossa natureza divina.

Já perceberam, é claro, que vamos inserindo nos textos as noções que aprendemos cá no etéreo, nesta ***Escolinha de Evangelização***. (Nunca é demais repetir a nomenclatura, conquanto o diminutivo leve a crer que os alunos é que sejam infantes ou que os ensinamentos sejam pueris — paciência! Cada qual deve fazer por descobrir de quem se trata através dos textos, através do exame da *obra*, para empregar noção já explicada.)

Gostamos muito das orações parentéticas, porque introduzimos temas em conexão com o principal, para a exemplificação do que vínhamos asseverando. No caso derradeiro, enxertamos a necessidade que temos todos de assumir a responsabilidade pelo próprio crescimento espiritual, em todos os sentidos, uma vez que não existirão, a partir de certa idade, pais, instrutores, professores, patrões, chefes, superiores, sacerdotes e tantos outros indivíduos postados acima de nós na hierarquia familiar, profissional, social, moral, espiritual etc., não adiantando, no momento do exame de consciência, querer transferir para outrem os desplantes que cometemos contra todos os princípios normativos da conduta mais consentânea com os desígnios cármicos em jogo.

Quando chegamos a esta altura do ditado, deparamo-nos com um sorriso íntimo de satisfação e recebemos o apoio vibratório dos parceiros, que se mantêm atentos para que o processo de magnetização continue ativo durante o trabalho mediúnico. Eis que se abre mais uma portinha para o salão em que se reunirão os amigos para o baile de formatura. A figura é canhestra, mas nada melhor para exprimir a ideia de que almejamos receber um diploma neste setor, com a finalidade de aplicar os conhecimentos adquiridos no campo socorrista que se abrirá à nossa frente.

A maior aspiração da turma se resume em volver ao plano carnal, mesmo correndo o risco de novas frustrações, para sermos recepcionados em lares equilibrados, onde seremos orientados no sentido de possibilitarmos aos inimigos de agora o retorno à crosta, sob os nossos cuidados. Eis a preparação superior para o rompimento do círculo vicioso das rejeições incessantes e das perseguições dentro das regiões umbráticas.

Quando sentimos, portanto, a mensagem produzida, quando a lemos com o interesse de conhecer seus méritos e seus defeitos, quando verificamos que contém elementos passíveis de serem bem interpretados pelos irmãos encarnados, quando constatamos que avançamos mais um pontinho na direção da verdade, quando suspeitamos de que os mestres estão satisfeitos, porque nos permitem a transmissão, crescem as nossas expectativas de superação dos males e reacendemos a vela da esperança, porque se concretiza mais uma no *the-end*, no *até-breve*, no *paz-com-Jesus* ou no *graças-a-Deus* com que coroamos o texto.

Será que algum dos leitores acha possível imaginar-se junto ao médium ditando algo parecido com isto?

## 8 UM POUCO DE PACIÊNCIA

Os que se atrevem a este tipo de leitura quase sempre se determinam a encontrar ideias luminosas que lhes abram o caminho da recuperação. Quando leem que tudo ou quase tudo depende exclusivamente de uma atitude saudável, contrária, portanto, ao procedimento costumeiro, porque, se assim fosse, não se teriam metido em camisas de onze varas, sentem-se frustrados, inoperantes na frente de um futuro de sacrifícios, de voluntário abrir mão de tanta coisa prazerosa, de hábitos e de vícios constrangedores, particularmente se fazem parte de grupo interessado em usufruir o que possam obter no dia a dia das drogas.

Se, entretanto, estivéssemos capacitados para o aconselhamento promissor de vitórias fáceis, não seria muito mais lógico esperar da gente que não tivéssemos a trabalhadeira destes textos? Aí, seria desenvolver alguns tópicos incisivos, com estas e mais aquelas recomendações de exercícios físicos e outros tantos espirituais e *patati, patata*. Se não existem remédios ou fórmulas farmacológicas com poder de neutralizar os efeitos danosos dos produtos alucinógenos e quejandos (ou seja, de mesmo gabarito), quem somos nós para fortalecer as esperanças de rápido restabelecimento das primitivas condições (usemos o palavrão) psicossomáticas?

O irmão drogado sente de modo muito profundo a rejeição da sociedade, não porque tenha um comportamento estranho, mas porque se constitui numa constante ameaça à segurança das famílias, em todos os sentidos, quer no do simples aliciamento dos jovens para o equilíbrio das finanças do tráfico (isto é: sem venda não existe produção, o que é evidente), quer na prática dos próprios

atos de incentivo pelas palavras e pelo exemplo, quando a sua parte na contribuição para a economia geral através do trabalho se derrui completamente.

Estamos referindo-nos ao que se entrega ao abuso e se encontra quase perdido. Mas existem os que estão se iniciando, os que ainda pensam que um pouco só não constitui perigo, os que denominam as drogas que consomem como as mais fracas, os que se apegam ao vício social da bebida como desculpa para os porres semanais (que vão se tornando diários), os que se dizem nervosos e, portanto, carentes dessa assistência dos fármacos, os que têm insônia e buscam os tranquilizantes e sedativos, quando deveriam verificar quais são as causas do procedimento estressado, e assim por diante.

Chegamos a este ponto e expressamos o pensamento mais importante da mensagem: a descoberta das causas, das razões, dos motivos imperiosos, dos coatores emocionais, dos distúrbios psicológicos, das imperfeições morais, intelectuais...

Não queremos ofender ninguém, porém, se prosseguirmos nesta linha de exposição, fatalmente vamos ter de levantar elementos ou questões que arremessarão os raciocínios para campos em que a vontade se vê soberana, em função das atividades todas. É claro que, a partir de certo momento, os irmãos drogados se veem impossibilitados de reagir sozinhos. Mas também não aceitam a intervenção de ninguém. A experiência do nosso grupo nos demonstra que, mesmo quando companheiros morreram através da chamada *overdose*, nós não parávamos para refletir a respeito da possibilidade de o mesmo ocorrer conosco.

Era como se estivéssemos aproveitando todos os recursos disponíveis, como se estivéssemos absolutamente cômnicos de todos os princípios emocionais, como se nada mais havia para ser descoberto no campo das criações intelectuais, como se o universo se resumisse em uns poucos anos de vida ativa e outros, ainda em menor quantidade, de vida neurovegetativa, que é como hoje em

dia consideramos os períodos de afastamento da realidade para a curtição dos *baratos*.

Vejam que não estamos desconsiderando a inteligência de ninguém. Ao contrário, esforçamo-nos por corresponder às expectativas dos leitores menos propensos ao desprezo dos vícios. Quem sabe até estejamos engodando-nos, por julgar que alguém poderá aproveitar estes dizeres ainda desequilibrados, como se escrevêssemos sob o embalo de algum narcótico mais apropriado ao plano da espiritualidade. É que o nosso desempenho não se coaduna com o dos mestres, que nos dão esta chance de revelar que estamos lamentando profundamente ter perdido as oportunidades que nós mesmos havíamos rogado, às vezes com muita ênfase nas promessas de restauração de antigos vínculos com companheiros sempre perniciosos pela prática de vinganças através das atitudes impensadas de quem não possui os elementos cristãos impressos na mente, muito menos no coração.

Lamentaríamos o fato de não chegarmos até este ponto das dissertações; iremos lamentar muito mais se surtirem efeito contrário ao desejo amigável do alerta oportuno. Tenham paciência para conosco e para vocês mesmos: não se arremetam de cabeça no próximo consumo, seja do que for. Parem para pensar e vejam se não há nada melhor para fazer. Examinem se não estão desejosos de ferir alguém. Quase sempre existe uma ou mais pessoas que ficarão entristecidas ou furibundas, que se sentirão magoadas e, aí, vocês (sentido alegórico) acham que estarão praticando um ato de profundo revide contra elas. Mais frequentes ainda são os casos em que os drogados se consideram inferiores, se julgam culpados de algo terrível, pensam que não obtêm sucesso em nada mais produtivo por falta de apoio do próprio arcabouço de recursos pessoais, desanimam e dizem que tudo está indo por água abaixo...

Qual há de ser a desculpa agora? Sempre há uma nova ou sempre se repetem as mesmas? Ou a fase das desculpas foi passada para trás?

Um dos colegas, que fumava craque na praça, que morreu muito moço, baleado pela polícia quando praticava um assalto, quer que eu descreva o seu sentimento na época das piores fantasias. Mas os professores não permitem, porque seria chover no molhado (quase dizia incidir no conhecimento mais impregnado na mentalidade dos irmãozinhos com desajustes).

Não vamos abrir o jogo completamente, uma vez que as informações que estamos recebendo são de tanta ordem e tão profundas que fariam os parceiros encarnados desconfiarem de que estamos ficando malucos. Mas basta dizer que o perigo reside em ficar marcando passo nessa longa estrada de sofrimentos, porque, não se iludam, o regresso ao etéreo é penosíssimo, dado que os vícios se impregnam no corpo espiritual, justamente aquele que os espíritas chamam de *perispírito*, e o *cara* não tem como satisfazê-los. Se é tão difícil enfrentar uma clínica de desintoxicação, onde, aos poucos, os elementos químicos da dependência vão sendo retirados, o que se dirá de se ver o irmão às voltas com a total falta de ingredientes para compensar os desejos, os impulsos, a vontade, a gana?

Não queremos passar a ideia do castigo. Estamos demonstrando o que ocorre na realidade. O sofrimento é muito forte. Não vale a pena o prazer do presente à vista do desespero do futuro.

## ESCRAVIZANDO O MÉDIUM

A prerrogativa de desconfiar é de todos. A verdade, aliás, surgirá das questões que se impõem em qualquer dos ramos das atividades humanas. Sendo assim, haverão os irmãos leitores de aguardar que os espíritos que transmitem estas mensagens se definam quanto ao método utilizado junto ao médium.

O sistema de perguntas e respostas nos parece o melhor para abrangermos diversos aspectos. Vamos, pois, imaginar quais seriam os problemas mais eminentes, os pontos de vista mais profundamente apoiados na desconfiança de que o plano espiritual não esteja participando nem com dez por cento dos dizeres. Vamos lá!

P. Quando o médium se dispõe para o trabalho, evoca os espíritos ou apenas se deixa levar pelas inspirações de momento? Quer dizer: os temas são do interesse dele ou são escolhidos pelos mensageiros?

R. O médium que nos serve sabe que está sendo o instrumento da denominada *Escolinha de Evangelização*, dada a experiência de alguns anos de trabalho. Eis que a sua vontade se conformou às diretrizes estabelecidas pelas diferentes turmas, não conhecendo previamente o teor dos textos nem se irão formar um conjunto, após determinado período de ditados.

P. Poderia o médium interromper, por razões plausíveis, o trabalho, para prosseguir depois, quando voltar a reunir condições favoráveis para o esforço mediúnico?

R. Já ocorreu, por período bastante longo, superior a oito anos, que tivesse ele ficado ausente desta mesa. Posteriormente, em

virtude de doenças, também precisou abandonar o posto por alguns meses. Todavia, assim que se dispôs a receber as informações do etéreo, alcançou sucesso e passou a desempenhar as funções de maneira proveitosa para os alunos desta instituição.

P. É verdade que o médium conseguiria elaborar, ele mesmo, os textos, tendo em vista a sua formação universitária? Melhor inquirindo: não seria possível imaginar que as tardes de ditados mais não sejam do que o meio inconsciente de seu intelecto para a formulação de ideias concatenadas e arcabouçadas, como temos visto através dos livros de ficção?

R. Não vamos responder por ele, porque duvidamos que tivesse a vocação da falsidade, o que estaria no fundo da perquirição. Ninguém iria passar anos seguidos escrevendo, para atribuir o fato a seres imaginários. No mínimo, seria ofendê-lo, quanto ao espírito de honestidade e de boa vontade que deseja demonstrar em relação aos amigos da espiritualidade. Contudo, cremos que teria, sim, capacidade para a elaboração de algo até muito melhor do que a maioria dos textos que apanha, porque se dedicaria em tempo integral, quando, para nós, oferece apenas duas horas por dia, o que nos obriga a vir com os rascunhos prontos, quando não com a obra concluída.

P. Por que este interesse súbito por trazer explicações relativas a assunto absolutamente distante dos problemas que vinham sendo levantados?

R. Não julgamos conveniente continuar na linha das exposições mais ou menos moralistas, sem que assumamos inteiramente a responsabilidade pelos conceitos e pelas feias descrições das personalidades dos elementos do grupo. Sendo assim, julgamos oportuno apresentar o nosso ponto de vista a respeito das interferências do encarnado que nos serve, o qual se sente bastante à vontade para, inclusive, ir desenvolvendo esta redação, absolutamente interessado pelo destino dos pensamentos, mas completamente ausente das soluções que vamos apresentando. Não

é verdade que o *desconfiômetro* irá melhor caracterizar-se a partir deste ponto, predispondo-se o leitor a admitir que, verdadeiramente, o pessoal do grupo seja quem se declare, isto é, espíritos que se utilizaram de corpos na Terra e dos quais abusaram, por força de intrigante contextura espiritual argamassada sobre as dificuldades de relacionamento, posicionadas sobre base social de estrutura materialista?

P. Houve alguma ideia que o médium tenha sugerido para que o grupo se voltasse para esta interrupção temática?

R. O que ocorre mais comumente é o contrário. Somos nós que nos postamos junto a ele, em momentos propícios para os intercâmbios informais, e lhe passamos, na forma de intuições, alguns tópicos de futuros ditados, para que ele se afeioe à composição. Não raro ocorre pensar a respeito dos temas de forma inteiramente contrária à que lhe será comunicada mais tarde. Este mesmo questionário lhe foi, de certo modo, imbricado no cérebro, tendo ele imaginado que iríamos discutir, pelo método empregado, alguns preconceitos dos espíritas, tendo em vista as recentes leituras que vem empreendendo. Tal aspecto não estaria fora de nossas preocupações, mas afetaria sobremodo o desenvolvimento temático da obra. Fique a explicação para futuras inquirições do leitor, para o que recomendamos a leitura dos livros de Allan Kardec, assinaladamente *O Livro dos Médiuns*, muito embora o fundamento da doutrina se encontre em *O Livro dos Espíritos* e o apoio da moralidade cristã se veja em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Mas essencial para bem entender-se a qualidade espiritual do grupo e as circunstâncias em que nos achamos cá no etéreo é a leitura de outra obra kardecista, ou seja, *O Céu e o Inferno*. Para os neófitos, apenas para completar o denominado pentateuco espírita, mas de intragável leitura (quanto à primeira parte) para quem não se tenha preparado convenientemente nos bancos escolares, é o derradeiro trabalho tripartido: *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*.

P. É verdade que existe a obrigação de se encaixarem os livros de Kardec nas obras da *Escolinha de Evangelização*, para o efeito de se caracterizarem as turmas como de bom nível? Não estarão agindo de forma maliciosa, driblando o aspecto formal, para incentivar, sub-repticiamente, subliminarmente, ideias de desrespeito aos conteúdos doutrinários? Esta mesma questão não está vazada em moldes de superior...

R. Nem vamos concluir a perquirição. Fiquem os irmãos leitores bastante tranquilos porque, graças a Deus, estamos tornando-nos aptos a discorrer a respeito das virtudes evangélicas e das atitudes decorrentes do amor, da caridade, sob o influxo da paz que somos capazes de haurir por influência direta dos irmãos de luz que nos garantem a estabilidade emocional para a realização destes eventos medianímicos. Caso alguma coisa passar de modo a perturbar o ânimo do encarnado, bastará propor aos seus amigos que discutam o ponto, preferentemente dentro do círculo defendido por entidades benfazejas nos recintos dos centros espíritas, locais de despojamento dos mais ferozes defeitos da natureza humana hoje residente na crosta terrestre, quais sejam, o egoísmo, o orgulho, a vaidade, o amor-próprio, a ganância para as riquezas espirituais sem o correspondente trabalho, a suspeita de superioridade sobre os outros, tendo em vista o bolso recheado ou a cabeça em equilíbrio pela ausência de dúvidas, etc.

P. Está sendo insidiosamente sugerido que as soluções se encontram dentro do Movimento Espírita, em suas casas de assistência social e de atendimento espiritual?

R. Estamos declarando incisivamente que existem muitos núcleos kardecistas que se dedicam ao missionário atendimento dos irmãos carentes, aberto o leque das necessidades para todos os setores da vida física como da vida moral. São muitas as criaturas abnegadas que chegam a níveis de sacrifícios pessoais para a assistência aos necessitados, sendo de se louvar o esforço da formação profissional mais rigorosa, sem as hesitações que seriam

de esperar-se se houvesse meramente amadorismo, na tentativa salutar da prática do bem mas sem o apoio da área intelectual. O coração haverá de bater sempre com muito vigor amoroso no amparo das dificuldades alheias, mas cada vez mais se encontram essas casas sob vigilância clínica, para o encaminhamento seguro dos que as procuram.

Não sabemos até que ponto a interrupção poderá afastar os amigos da dramática apresentação dos itens anteriores. Julgamos de bom alvitre parar um pouco para respirar, porque iremos cair de borco nas apreciações mais tristes das defecções espirituais dos companheiros, que hoje já se consideram em vias de ascensão na escala dos valores morais, mas que gostariam de prevenir para o árduo caminho trilhado para chegar a este ponto.

Orem um pai-nosso, o mais comovido que possam, para que possamos ser atraídos por suas vibrações de esperança e de fé, as bases mais sólidas para a prática da caridade redentora.

Que o manto da bondade de Jesus nos agasalhe e que os seus mensageiros de amor nos indiquem o caminho da perene felicidade! Assim seja!

## 10 TOBIAS

Era juvenzinho quando se iniciou nos vícios. Menino mimado, não soube aproveitar a facilidade econômica da família, julgando-se apto ao descortino próprio das premissas vitais mais importantes, longe, evidentemente, de ouvir os preceptores escolares. Aos doze anos, começou a fumar maconha e terminou, aos dezoito, sendo transferido para o plano da espiritualidade, para esta instituição trazido pelas bondosas mãos de avoengo dedicado às benfeitorias aos desavisados.

Para quem não entendeu nada do acima exposto, vou reproduzir doutro jeito o palavrório inconsistente.

*O carinha pegou firme no fumo aos doze. 'Tava amparado pelo money dos pais mas não se ligou nas responsabilidades. Aos dezoito, capotou, juntou as botas e veio parar deste lado, seguro pela gola por um sujeito que tinha sido parente distante e que fazia a existência dando de bonzinho no arrimo dos inconsequentes.*

Não sei se melhorei os dizeres mas obriguei, ao menos, o médium a se perfilar perante a minha vontade. Brincadeirainha! Estou deseioso de demonstrar várias coisas:

1. Qualquer que seja a forma de que se utilize o mensageiro, o resultado tem de ser sempre o mesmo: o entendimento dos pensamentos, dentro de certa vibração emocional, porque ninguém é só intelecto nem só sentimento.

2. Cabe ao leitor averiguar qual o sentido de cada expressão, para aplicar em cima dos próprios conhecimentos, não para descobrir falhas na comunicação, mas para conhecer como pode adaptar as informações que se constituam novidades.

3. A descoberta das próprias mazelas, refletidas no procedimento do Tobias, para dar um exemplo, não pode ser menosprezada, menoscabada, posta de lado, jogada no lixo, porque vai tornando-se sem efeito, à medida que a impossibilidade de cura dos processos de domínio pelas drogas esteja instalada e se imponha soberana contra os cada vez mais fugidios desejos de restabelecimento.

4. Vencer a inócua curiosidade do que se passou com os outros não é realização de pequena monta. Contudo, é saudável sempre, após uma prece em prol do declarante, gerar um roteiro de análise das ânsias e ganâncias da vida, para conhecer (o que já é deveras difícil) como é que se dá a relação de causa e efeito no campo das deliberações íntimas.

5. Tobias está sendo descrito como riquinho, filhinho de papai, entretanto, contraditoriamente, não teve assistência científica, médica, clínica, seja o que for, para impedi-lo de se jogar na lama dos projetos sem volta (ou melhor, com volta, sim, mas para o etéreo). Se não for esse o seu caso, não ponha reparo na incongruência da narrativa, ainda que não se lembre de ninguém que tenha passado por isso. Jogue todas as fichas na teoria de que foi um ato de vontade sem base na realidade orgânica, desde que o arcabouço corpóreo se destina, de maneira quase absoluta, à reprodução, o que significa: aos atos de responsabilidade quanto a outros seres igualmente necessitados da encarnação, para subirem na escala dos valores espirituais.

6. Se da meditação resultar a conclusão de que tudo, para os encarnados, é só miséria, de que não vale a pena deixar herdeiros da dor, do sofrimento, dentro da perspectiva das causas perdidas, então o melhor a fazer é procurar um analista desses que cobram por hora de divã, porque, seguramente, o gajo estará com problemas sérios, deveras, já que é fundamental que a vida dê prazer, que a vida proporcione alegria, que a vida fundamente realizações visantes aos momentos de ventura e felicidade, dentre

os quais um dos mais importantes é o do nascimento dos filhos, gozo que deverá perpetuar-se durante o desenvolvimento deles em todos os setores mentais e corpóreos.

7. Os amigos estão assoprando-me que corro o risco de ofender quem esteja impossibilitado de procriar, por razões as mais ponderáveis. Vou descartar a miséria, porque são os mais pobres que mais se divertem (desculpem-me) com a companhia dos rebentos. Dessa forma, restam-me as causas psicológicas ou físicas. Estas são taxativas, ou seja, num colo de útero arruinado, não há como situar o feto. Assim, posso compreender a situação e rogar aos leitores que não se desesperem nem suspeitem de que estejam sendo castigados. Na verdade, é uma circunstância dolorosa e constrangedora, mas para a qual não se deve acreditar que a envolvida tenha contribuído. Essas histórias de que está pagando crimes de outra vida, de que tenha praticado abortos noutra existência carnal e de outras suspeitas desse naipe, devem ser abolidas do campo emocional, dado ser impossível pesquisar a respeito. Nesse caso, o importante é pensar que existem fórmulas capazes de superar tal estresse e não seremos nós quem irá fornecê-las, tão fáceis são de encontrar-se aí mesmo, na área médica ou jurídica. Sobraram os casos daqueles que têm restrições psíquicas, tão ponderáveis e, provavelmente, tão justificadas quanto as físicas, desembocando, apenas, noutra afluente do mesmo rio. Para essas pessoas, porém, não temos conselhos nem sugestões, porque o leque dos problemas se abre em trezentos e sessenta graus, podendo ter origem nos mais insuspeitados setores psicológicos, psíquicos, metapsíquicos ou, como diriam os kardecistas, espíritas. O que precisamos ressaltar é que nenhum caso justifica a alienação da realidade através do consumo de drogas.

8. Referendi a prudência dos companheiros, mas o item acima ficou pesado e incoerente, muito próximo do que qualquer pessoa poderia escrever ou expor. Se acharem que eu não precisaria

ter vindo por tão pouco, escrevam. Eu assino embaixo. No entanto, não se admite que a gente se sinta envolvido em ânsias de dar auxílio e não tenha meios de fazê-lo, mesmo que de maneira elementar. Fazer valer apenas a experiência do crime e do castigo é que não nos parece a melhor maneira de chegar ao domínio da vontade dos leitores para ali instalar, precariamente embora, a necessidade de combater os maus hábitos, os vícios e as doenças (e os crimes adjacentes). Com todo o respeito, sim, mas de modo incisivo e claro, devemos chegar ao âmago da questão, exortando as virtudes, através da moralidade evangélica, demonstrando que existem alegrias outras mais consistentes do que os prazeres sensuais que se deterioram e se transformam em loucura.

9. Peço perdão por ter citado o exemplo do amigo Tobias. Era necessário para o preâmbulo. Agora, próximo do epílogo, devo dizer que o coitadinho está assustado com a perspectiva de que o sofrimento nas trevas tenha sido absolutamente ineficaz para o crescimento espiritual. Esse é o meditar mais costumeiro, quando nos deparamos com o marcar passo inconsistente. Aspiram todos os seres pela aprovação dos mais adiantados, quanto aos procedimentos na ordem dos benéficos; desandam emotivamente quando o que mais veem é censura e reprovação, apesar de serem tratados com muito tato, com muito carinho, com muito afeto e até com amor. Não obstante, se não reagem positivamente, se não crescem, se apenas querem fazer valer o desejo da desforra, se somente querem ver sofrer algum adversário, se não se apegam a nenhum valor que dê prioridade ao semelhante em confronto com o próprio *ego*, acabam por não entender os roteiros dos portadores das noções do evangelho de Jesus e vão distanciando-se das pessoas para quem desejariam representar algo bom (porque não me digam que exista quem apenas pratique o mal e não tenha ninguém com quem gostaria de conviver, de conversar, de quem gostaria de merecer apoio e carinho). Vejo que existem exemplos de monstruosidades de procedimento, criminosos que não se

arrependem e que se assanham pela prática de novos atos nefandos para a estabilidade individual ou social do próximo. Mas não se esqueçam que me situo a cavaleiro da situação, observando o desempenho desses irmãos não apenas no plano material mas também no espiritual, onde a verdade sempre se impõe. Para muitos, a compreensão destas simples anotações deverá demorar séculos. Para os que estão acompanhando-me neste texto, a situação é bem diferente, porque aqueles irmãos infelizes jamais irão deparar-se com estas mensagens, analfabetos que são, não quanto às letras, embora nesta área a incidência de miséria seja significativa, mas quanto aos sentimentos e aos raciocínios, porque lhes falta a base, o elemento primordial para que a personalidade se ajuste: o equilíbrio entre o querer e o poder.

## 11 GOFREDO

Este irmão veio de outro continente. Aportou já taludo e aqui terminou o desenvolvimento físico, cujas sementes de perversão tinham sido plantadas lá longe. Mas não se adaptou com facilidade, tendo rejeitado os conselhos dos familiares, que logo se introduziram na comunidade alemã. Ele desejava fazer vida própria. Coitado! Caiu nas garras do vício, com a clara intenção de punir os pais, porque a viagem fora por imposição. Não entendeu os desígnios dos mais velhos e aspirou, desde cedo, a retornar, para o que trabalhou muito junto a diversos traficantes. Por várias vezes esteve na condição de *mula*, ou seja, dos que se oferecem para o transporte do material proibido, com o risco de ser apanhado pelas autoridades alfandegárias.

Não entenderam vocês a razão de ter dado a explicação do termo da gíria utilizado pelos encarnados, quando muitos outros vocábulos de cunho espiritual muito mais profundo e igualmente desconhecido vão passando?

É como agiu o parceiro: fazia coisas que não desejava, mas que se fadavam a ser o degrau com que alcançaria o desejo maior, o do retorno às plagas europeias. Eu também tenho o meu objetivo, que não é propriamente o da narração da vida de Gofredo, a qual devo enfatizar, contudo, para chegar à análise de aspectos fundamentais para o entendimento dos processos cármicos que o conduziram ao outro lado, sem haver cumprido um décimo (que digo?), um milésimo dos propósitos educativos da encarnação.

Quanto o amigo e a amiga julgam que cumpriram das obrigações assumidas na fase pré-encarnatória? Quanto acham que conseguirão até o final da vida? Não fazem a mínima ideia? Pois é

assim mesmo que todas as pessoas devem sentir-se perante o rol das atividades programadas. O que acontece é que, caso se dediquem à prática do bem, segundo as normas evangélicas do amor e do perdão, do sacrifício pelo soerguimento dos irmãos encarnados etc., não terão de perguntar nada. Ao contrário, se examinarem o que vêm fazendo e disso resultarem problemas de ajustamento às leis de conduta moral segundo a orientação prescrita por Jesus, aí é que as questões se põem irrefragáveis. (Este termo vou eximir-me de explicar, porque o que existe de mais fácil no mundo é a consulta aos dicionários, ainda que os pobres encarnados não o tenham aí à mão; pois vão a uma biblioteca ou tomem emprestado.)

Pois Gofredo, que ia e vinha a serviço da droga, passou a consumir e a gostar, até que, por excesso de confiança, achando-se superior a todos os comparsas, o mais corajoso e o mais infenso aos efeitos danosos da cocaína (na verdade, heroína), deu de soletrar a palavra *morte* sem perceber que o fazia. Quando chegou ao “e”, sentiu-se desfalecer para o mundo e acordou arfante nas mãos de uns infelizes que ele ajudara a transportar para o etéreo.

Que males cometeu, na realidade? Serviu aos traficantes. Mas isso tanta gente faz. Será que toda essa gente (podemos falar em bem mais de milhão em todo o mundo) estará condenada ao sofrimento de além-túmulo? Isso não é nada, se compararmos com a quantidade de seres humanos que vão necessitar de estágio nas trevas da consciência, porque não querem compreender que estão sobre a terra na condição de visitantes, para aprenderem a proceder em relação aos irmãos, para poderem ascender na escala espírita.

Toda esta dissertação está fadada (gostei do termo; mas não gostei do pensamento) a descambar para o *descritivismo* mais chão, como se o Espírito que se comunica estivesse rodeando o ponto essencial que gostaria de evidenciar, mas com o receio de ofender ao leitor mais sensível ou àquele que talvez esteja passando por uma crise semelhante. Mas, se não disser, como poderei afirmar que

cumpri o meu dever mediúnico? Então, perdoem-me Vocês que não esperavam que lhes desvestisse tão cruamente o manto da falsidade com que se escondem de si mesmos.

Gofredo só chegou a entender o fato bem depois, já aluno desta *Escolinha* e após inúmeras discussões com os colegas. É que as pessoas não sabem a razão do agir desta ou daquela maneira, até que descobrem que estão sob influência direta dos desejos de grandeza insatisfeitos. É o egoísmo mais sutil, aquele que não se declara como egoísmo, pela vaidade de se sentir maior que os outros sem demonstrar. É o *cara* que se sabe o bom, mas que não faz questão de se submeter à crítica, porque, orgulhoso, não aceitaria ser desmascarado.

É bem verdade que todas as pessoas são um pouquinho assim. Mesmo quem se submete às apreciações dos grupos de terapia psicanalítica permanece resguardando algum setor mental, porque julga que lhe irá desmoronar a personalidade. Certamente isso acontecerá, tanto a busca das soluções se fez a partir do pressuposto de que havia algo ou muita coisa errada na formação intelectual, moral, psicológica, espiritual, qualquer seja o adjetivo que se queira atribuir ao processo. No entanto, venho para dizer que esse é o receio mais tolo, o mais infundado do ponto de vista da espiritualidade superior (no caso do exemplo, segundo o parecer médico ou clínico), uma vez que o objetivo é o de reestruturar a psique de forma a alijá-la das perversões que se substituirão por virtudes daí para frente.

Gofredo participa ativamente desta fase dos trabalhos e se encontra bastante lúcido quanto a tudo o que fez para merecer a perseguição traumática. Sabe que deverá ressarcir os débitos para com os irmãos que iludiu, muito embora compreenda bem a extensão da responsabilidade de cada um. Neste ponto, se enreda no emaranhado das culpas e das acusações, não sabendo distinguir até que ponto a multidão tem razão em atormentá-lo ou se é ele mesmo quem abre as comportas sentimentais para receber o

impacto das vibrações negativas, ainda que não destinadas especialmente para ele. Sensibilizou-se com a problemática e pede o auxílio dos demais (inclusive dos encarnados, que poderão orar por ele e por todos os sofredores, sem medo de virem a ser obsidiados, porque, quem tem apenas a boa intenção de ajudar, sem solicitar nada em troca, como seria a regalia de ser acolhido desde logo no seio do Senhor — com o correspondente sintoma da megalomania espiritual pela afirmação íntima de que tudo está realizando conforme os ditames das superiores leis cósmicas — merecerá o apoio e a proteção dos benfeitores pessoais, que filtrarão os fluidos e os encaminharão aos necessitados mais propensos ao melhor aproveitamento deles).

Não é verdade que estamos chovendo no molhado? Ou algo tem sido de proveito para o leitor? Este é tópico a ser avaliado futuramente. Por enquanto, o resumo da *ópera* deve ser muito precário, mesmo porque não se devem precipitar conclusões. Outros casos nos propiciarão elementos para dissertações sobre temas de interesse para os irmãos drogados. Neste texto, se não ficou claro ainda, pretendemos expor, apesar de muito em segredo, que existe a necessidade de se estimularem os estudos da linguagem, para que os termos se decifrem com naturalidade, conquanto arrevesados tanto quanto estariam se expressos sob a influência dramática dos piores alucinógenos. Vamos supor, para dar um exemplo, que o sujeito beba uma garrafa de pinga e se ponha a escrever sobre temas filosóficos. No começo, talvez até alcance algum silogismo de mérito. Depois, ficará flutuando sobre o texto, sem se fixar em nada de positivo. Se não for esse o caso do leitor, que nos perdoe o atrevimento. Reserve-se para outras situações aflitivas do ponto de vista das realizações mentais.

O nó górdio que não consegui desfazer (e não vou empregar o fio da espada para isso) está nos aspectos emocionais, muitos pontos mais ponderáveis do que os problemas cerebrinos que acima dispus. Mas como chegar a eles se não somos capazes de saber o

que significa uma frase como: *“Amar a Deus sobre todas as coisas é o primeiro mandamento; o segundo, parecido com esse, é amar ao próximo como a si mesmo”*?

## 12 GERMANO

Germano é um companheiro muito querido de todos, sempre pronto para atender ao que lhe seja pedido. Vai e vem com muito carinho, desempenhando os deveres e atribuições com gosto, seja por solicitação superior, seja por rogos de espíritos sofredores. Mas está perdendo essa mania, porque adivinhou que não trabalhava por seu engrandecimento espiritual, senão para comprometer os demais para o testemunho de seu valor.

Eis que o *mensageiro do amor* vai tornando-se arredio, embora jamais se negue a atender. Modificou o sistema e propõe a quem o chama que sejam considerados muitos aspectos relativos aos serviços pleiteados. Tem logrado alguns êxitos junto aos companheiros. Quanto aos mestres, descobriu que só reivindicavam trabalhos em que o mensageiro tiraria total proveito, verdadeiras lições adequadas à mentalidade do serviçal. No que respeita aos espíritos menos perfeitos que assistem na periferia da colônia, tem fracassado constantemente, porque não aceitam assumir sua parcela de responsabilidade na aplicação das diretrizes evangélicas em jogo.

Dou um exemplo deste último caso.

Um dia, houve uma senhora que desejava encontrar o filho perdido no Umbral, em região de muito sofrer. O rebento havia descaído através das drogas e morrera jovem ainda, perturbado por um crime passional. Até aí, nada de mais, uma vez que desses eventos estamos com as agendas cheias. Ocorre, entretanto, que a tal senhora havia rejeitado o filho quando mais necessitava dela. Mulher de posses materiais avantajadas, não se dava conta de que tinha de cuidar do filho, aliás único e muitíssimo protegido até o dia em que conheceu os prazeres da vida desregrada.

Abusando do diálogo, vamos à narrativa, segundo informação do próprio Germano.

— Soube que vocês estão dando proteção a um bando de malfeitores drogados, gente de quinta classe. Será que teria um lugar para o meu filho?

— Que aconteceu a ele?

— Desapareceu de casa muito novo e se entregou ao vício.

— Assim, sem mais nem menos?

— Do jeito que estou contando.

— E como é que ele veio para o lado de cá?

— Uma injustiça. Só porque se engraçou com uma mulher casada, o marido se julgou no direito de atirar nele.

— E onde está ele agora?

— Está na escuridão.

— A irmã já teve oportunidade de vê-lo alguma vez?

— Vi, mas ele não me reconheceu, pois atacou-me, como se eu fosse a causadora da desgraça dele. Eu não mandei que se metesse com a mulher dos outros. Até ia dizer que havia um mandamento nesse sentido, mas não me deu oportunidade de falar. Escorraçou-me de sua presença.

— Como é que a senhora acha que podemos localizá-lo?

— O nome dele é Roberto. O meu é Madalena, como a sofredora do livro sagrado.

— Vejo que a senhora seguiu a religião cristã.

— Com certeza. E dei muita esmola para os padres e freiras. Fui piedosa e caridosa.

— Muito bem! Então está na hora de orarmos uma prece para evocar o nosso irmãozinho. Se fizermos o pedido com muito amor, as vibrações atingirão o seu perispírito.

— É o que eu tenho feito mais, mas ele não me atende.

— Vamos orar juntos. A senhora puxa o pai-nosso e eu me concentro para lhe dar o devido apoio energético.

— Mas eu tenho medo de ser mal interpretada de novo. Vai que ele aparece e me agride, como da outra vez.

— Estou aqui para protegê-la.

— Não dá para me dispensar dessa parte? Eu acho que ia ser bem melhor que você arrumasse uns companheiros e saísse atrás dele. Pode dizer que foi a mãe que se interessou pela salvação de sua alma.

— Mas a senhora quer que a gente faça tudo? O que a senhora vai ficar fazendo enquanto isso?

— Eu fico sentada junto ao muro, me lembrando dos tempos em que tinha de tudo na vida. É o que me dá sustento para continuar existindo. Já pedi para ser levada para junto dos familiares, mas ninguém me ajudou.

— Vá a senhora mesma. Basta pensar firmemente numa pessoa querida, para que ela abra o seu coração e a receba durante o sono. Até se estiver acordada, a senhora poderá sentir que está sendo bem-vinda.

— E você pensa que já não tentei? Uma vez, há muito tempo...

— Quanto tempo?

— Logo depois que cheguei.

— Quem veio primeiro: a senhora ou seu filho?

— Foi ele, mas não estava me esperando, quando chegou a minha vez. Acho que foi porque eu não fiquei doente durante muito tempo. Adoeci, fui operada e não resisti, morrendo dois meses depois.

— Mas a senhora ia dizendo...

— Um dia, estava muito triste e, de repente, me vi perante meu marido. Ele estava em casa. Era a mesma casa mas os móveis eram outros, aliás de muito mau gosto. Quando ia tentar conversar com ele, percebi que as vibrações dele impediam de me aproximar. Aí, fui de cômodo em cômodo, para ver se encontrava alguém conhecido. Havia uma mulher na cozinha, com a cozinheira que era do meu tempo. Ela dava ordens, como se mandasse em alguma

coisa. Fiquei enciumada, porque logo vi que era a segunda do meu marido. Nesse momento, entrou uma corja de espíritos malfazejos e eu fui obrigada a me retirar correndo.

— Bem, vamos voltar a falar do Roberto. Por que a senhora tem tanto medo de evocar o espírito dele? Não é verdade que a senhora o ama?

— Não penso em mais ninguém. Ele foi tudo que me restou. Se até o João, o meu marido, me abandonou por aquela sirigaita...

— Mas eu acho que a senhora devia, ao menos, tentar.

— Escute aqui, seu... Como é mesmo seu nome?

— Germano.

— Se existe um serviço altamente especializado que não serve para nada, por que você acha que é que devo *entrar nessa gelada*?

— Mas...

— O meu filho se encontra drogado completamente. Se vocês não quiserem ajudar o garoto, digam logo que eu vou procurar ajuda noutro lugar.

— Não estou vendo mais ninguém comigo. Por que a senhora coloca os meus companheiros nesse *rolo*?

— Não queira desconversar. Você vai ou não vai me ajudar a encontrar o Robertinho?

— Vou, sim, mas existe aquela condição de a senhora me ajudar numa simples prece de evocação.

Aí, a D. Madalena se retirou, deixando o colega embasbacado, meditando profundamente se não teria sido melhor ter ido logo atrás do filho, como medida profilática dentro das leis evangélicas do amor, da caridade, da piedade... (E desfilou todos os conceitos das elevadas virtudes que lutava por absorver.)

Era o que julgava mais frágil na nova deliberação de colocar um pouco de resistência ao impulso do auxílio imediato.

Posteriormente, tendo exposto o problema aos colegas, ouviu diferentes considerações a respeito, de molde a configurar a ideia de que toda ajuda é pertinente no plano das realizações socorristas,

conquanto nem sempre se atinjam os corações necessitados de compreensão, apoio e carinho. No entanto, inconformado com o fato de ter deixado a mãe escapar, talvez para ir curtir seus sofrimentos em algum canto mais tenebroso, resolveu que deveria saber por quais vicissitudes passava o Robertinho.

Pedi ajuda a três colegas e puseram-se ao encalço do rapaz. Não demorou para que descobrissem que estava internado ali mesmo, num dos hospitais de desintoxicação da colônia, razão pela qual a mãe se encontrava tão próxima.

Agradeceu Germano a atenção da equipe de amigos e foi atrás do pequeno sofredor, julgando que algo havia de estranho, porque, se estava merecendo a atenção dos socorristas, era porque não estava em tão dramática condição cármica, conforme a descrição materna. Estranhou também que a mãe não soubesse que ele tinha sido recolhido, como ainda que ela não estivesse sob o amparo da colônia, por solicitação do filho.

Mas Roberto estava sob sedativo, de modo que teve de conversar com o enfermeiro de plantão.

— Meu caro Germano, o que sabemos é que a mãe escorraçou o filho em vida e depois de morto. Ela está dependente dos efeitos do egoísmo, do orgulho, da vaidade, do amor-próprio, do desejo de se impor aos familiares. Não é uma pessoa rigorosamente má, mas não se condicionaria a aceitar a disciplina desta instituição. Não se perturbe, se considerar a nossa assistência discriminatória. Talvez você demore ainda para compreender que o jovem, apesar de contumaz no uso das drogas, está em melhores condições do que a genitora, que, como você sabe, contribuiu muito para as obras de benemerência da Igreja Católica. Talvez devesse ter olhado mais pelo filho. Agora, se não se inteirar dos próprios defeitos, irá perambular pela erraticidade, sem grandes ânsias de cura, aspirando apenas por volver ao plano material, para o gozo do que julga direito seu, já que lamenta profundamente as quantias do estipêndio oferecido às obras eclesíásticas. Mas não se iluda, pois cada um de

nós irá ter de perpassar por todos os crivos da consciência, para depuração espiritual, até que sejamos merecedores da divina ascensão evolutiva.

Germano agradeceu e se ensimesmou por um período bastante longo, deliberando, em seguida, deixar de atender aos rogos dos sofredores de maneira amadorística. Solicitou e foi atendido quanto à descrição psicológica ora em fase final de transmissão. No exame, o que mais o impressionou foi o quanto estava isento dos eflúvios perversos inoculados em seu sistema nervoso por anos a fio de consumo de diferentes tipos de psicotrópicos e alucinógenos. Teria sido efeito dos trabalhos de benemerência, no atendimento indiscriminado de todas as requisições de ajuda?

## 13 POSSÍVEIS CRÍTICAS

Não resta dúvida de que as transmissões da turma carecem de profundidade quanto à análise dos casos que apresentamos. Tudo o que dizemos parece fruto de intuições fugidias, sem o competente avanço sistemático na captura dos elementos essenciais para a configuração científica das exposições.

O caso de D. Madalena, por exemplo, está a sugerir que todas as mães de drogados carreguem certa ou muita culpa pelo proceder dos filhos. Claro está que pretendemos, na anterior composição, demonstrar que nem sempre as pessoas tidas como vítimas das circunstâncias ou das pessoas o são verdadeiramente. Aliás, bem difícil há de ser encontrar-se alguém puro, competente para avançar de imediato na senda de Jesus, ao derredor desta crosta de expiação e de provas, como se anotou na codificação espírita.

Mas não devem os amigos leitores ficar de sobreaviso para a indigência intelectual do grupo, porque somos nós que o afirmamos peremptórios, dado o cotejo que levamos a cabo relativamente aos companheiros de outras classes, gente de melhor sucesso, tanto nas encarnações, quanto no desempenho evangelizado junto à colônia.

Isto posto, receberemos de boa mente os influxos críticos de quantos estejam desenvolvendo-se na doutrina espírita e se enfronham nos maravilhosos compêndios kardecistas, com todo o rigor da pesquisa e da exposição lógica do Codificador. Nós vamos à matroca, por assim dizer, meio enfunados pelos ares dos conhecimentos científicos, meio murchos pela esdrúxula tentativa de tornar os textos o menos possível arredios quanto à norma mais habitual dos encarnados, em sua expectativa literária.

Como depoimentos, enfraquecem-se as mensagens, porque não nos estimulamos para a curiosidade dos eventos passageiros, dos acontecimentos impostos pela sobrecarga material sobre os espíritos em trânsito pelo globo. Claro está que, para exemplificar procedimentos idôneos, sempre teremos uma palavra mais larga, mais extensa, ao contrário da que destinamos às tragédias provocadas pelos distúrbios emocionais ou pelo frio cálculo dos que se pautam pelo intelecto desviado dos roteiros do amor ou das trilhas do perdão, palavra esta sempre miudinha, para não provocar o desejo dos enredos rocambolescos, o que se encontra com facilidade nos romances que companheiros desta mesma *Escolinha* passaram ou estão em vias de passar. O que nos impede o relato nesse sentido é o grau de realidade que sustentamos, uma vez que os parceiros foram membros da humanidade, pessoas de carne, ossos e sangue, o que significa passíveis de se identificarem.

Deve ficar bem definida a razão desta atitude de resguardo. É que, quando as pessoas leem páginas de ficção, estabelecem vínculos muito tênues com as personagens, julgando possível o desenvolvimento da trama, sem, contudo, envolverem-se a ponto de emitirem fluxos energéticos contra os infelizes que estão desempenhando seus papéis de vilões. Se há identificação dos seres humanos ou dos espíritos na erraticidade, fica facilitado o envio de tremendas doses de mau humor, para falar o mínimo, o que incrementaria, sobremodo, as crises de consciência pelo acréscimo das culpas, no prejulgamento de que houve inocentes a sofrer a desídia dos malfeitores. É por aí, mais ou menos, que raciocinamos para impedir as descrições mais cruas dos fatos reais.

Como cada pessoa possui sua história de vida ou de sucessivas existências corpóreas, fica muito difícil de atingir a todas pela exemplificação. Ora, a generalização, no nosso caso, passa a ser o prejuízo menor, podendo os leitores observar o que acontece ao seu redor, para a confirmação das tristezas enunciadas, como os programas jornalísticos da televisão ou as reportagens das revistas

de grande circulação não se cansam de evidenciar. Aqueles rapazes e moças que vivem nas ruas e se drogam com craque (a droga da viagem sem retorno ao estágio de normalidade psíquica e mesmo física) estão no meio do caminho da maioria dos cidadãos e na linha de tiro dos policiais. Deveriam estar nas agendas das instituições de assistência particulares, mas estas dependem dos subsídios oficiais para poderem atender aos dependentes das drogas ou carentes de compreensão e de afeto (como queiram caracterizar os doentes marginais).

Vejam que, na tentativa de fundamentar prioridades simplesmente sociais, dentro da estrutura do atendimento governamental, muitos temas surgem, sem conexão evidente com o planejamento meramente espírita destas mensagens, como é o caso de se fixarem as diretrizes de assistência aos necessitados de habitação, de saneamento básico, de escola, de emprego, de remédio, enquanto nós nos habituamos a atuar, dentro do movimento da caridade kardequiana, oferecendo apoio a quem se mantém lúcido para o equilíbrio da mente, em função do aprendizado da doutrina. Acompanhamos as gestantes pobres, os jovens de boa estirpe, as famílias que se dispõem a colaborar no tratamento dos alcoólatras, todos aqueles que nos oferecem segurança quanto a não perdermos o nosso tempo; ou, simplesmente, vamos em busca dos pedintes em vias de desfalecimento pela falta dos nutrientes ou dos agasalhos.

Muitos são médicos, dentistas, farmacêuticos, psicólogos, comerciantes, empresários, administradores, professores, marceneiros, pedreiros, pintores etc. e se oferecem para o atendimento em sua área profissional, valorizando o departamento específico dentro da casa de atendimento evangélico. São meritórias tais contribuições, sem as quais a sociedade teria de arcar com numerosos ônus na disseminação de mais ondas de descontentamento, porque a injustiça social é flagrante. Para essas criaturas, o nosso texto sempre haverá de carecer de oportunidade,

mesmo que, idealmente, possam considerar alguns trechos bem formulados, com repentes geniais, todavia, sempre a desconsiderar a existência de luz transcendental, aquela emanada dos espíritos superiores, conforme se acostumaram a encontrar na literatura espírita.

Vejam que estamos prevendo possíveis contrariedades quanto ao ideário que este grupo está preconizando como favorável ao socorro, à ajuda, ao amparo ou ao simples apoio emocional a leitores desagregados quanto à personalidade, mas capazes ainda de exercício intelectual, a ponto de se disporem a enfrentar esta imensa quantidade de páginas, ansiando por uma luz que lhes dê orientação para escaparem da pressão jugular das drogas. Não vai ser com esta dissertação inserta de forma pouco convencional no meio das que contêm o exame dos problemas dos encarnados epigrafados que iremos convencer os melhores, os próceres do movimento espírita, os dirigentes dos centros, os batalhadores pela melhoria espiritual dos confrades, os servidores do plano espiritual na seara mediúnica a aceitarem os princípios evangélicos como inerentes a estas manifestações. Entretanto, esperamos em Deus que muitos companheiros encarnados prestem atenção a obras como a nossa, para recrudescerem seu trabalho em prol dos que sofrem os horrores dos vícios, mesmo que seja através de pequenina prece, de vez em quando.

Desculpem os jovens necessitados de nosso abraço carinhoso, de nosso afago caritativo, se perlustamos outra via nesta altura das comunicações. É que precisamos do incentivo de quem conhece, melhor do que nós, como é que deve ser feito o trabalho de atendimento especializado junto às famílias que se apresentam com danos no setor dos relacionamentos, em virtude da presença trágica dos elementos alucinógenos. A vocês, solicitamos, de forma compungida, que deem um voto de confiança à Providência divina, que se estimulem para compreender que Deus é pai de muito amor, que nada estipularia para o sofrimento das criaturas na área dos

castigos impossíveis de suportar. A cada qual segundo suas obras, mas com integral possibilidade de recuperação rápida pelo entendimento das diretrizes evangélicas fundamentadas nas leis cósmicas, como Jesus prometeu, na última hora, àquele que se dependurou ao seu lado no Gólgota.

A esperança deve conter-se no coração de cada um de nós e é essa a mensagem que estamos desejosos de ver frutificar, para que a paz de Deus se faça para a sociedade, ainda que com o sacrifício do amor-próprio, do desejo de prazeres e de glórias, com o sufoco da indômita vontade de desforra proveniente de estágios existenciais impossíveis de avaliação no presente, mas que se fará, indubitavelmente, assim que vocês se virem junto a nós no etéreo, o que, irremediavelmente, sucederá um dia. E que nós do grupo também logremos a tranquilidade que usufrui todo aquele que sente o dever cumprido.

Que Jesus e seus santos mensageiros nos protejam e nos orientem! Assim seja!

## DEUS NOS ABENÇOE!

Os textos sagrados, quer dizer, os que se voltam para as esferas superiores e pedem ajuda e reconhecem o auxílio e o agradecem, de maneira comovida, segundo o sentimento que insuflam na alma dos encarnados a piedade divina e a caridade cristã, tais textos são um pouco estranhos aos desenvolvimentos passados pela *Escolinha de Evangelização*, a não ser em algumas preces de superior inspiração, de acordo com a realização mediúnica em andamento.

Não se pode pedir a seres infelizes, tangenciando ainda a crosta terrestre, que se expressem com a modéstia dos santos ou com a sabedoria dos espíritos voltados para os conhecimentos doutrinários mais perfeitos. Sendo assim, qualquer manifestação deste grupo no sentido de captar as emoções místico-religiosas irá esbarrar no problema da falsidade ideológica, porque não temos os atributos acima referidos, conquanto sejamos capazes de reproduzir diversas orações que nos são recomendadas para os diferentes momentos das atividades diárias. Repeti-las aqui de cor não nos seria difícil, mas, perguntamos, teriam o efeito saudável de harmonizar os corações numa frequência de vibrações capaz de amear a participação de seres mais espiritualizados, pertencentes a dimensões existenciais quintessenciadas?

Vejam que estamos preparados para a descrição dos fenômenos dessa natureza *supra-essencial*, mas bem longe de produzi-los, por mais que nos esforcemos. Toda vez que alguém do grupo (ou mesmo a classe toda) se atreve a oferecer aos mestres a concentração solicitada para efetiva realização de alto nível espiritual (sempre em relação aos dons de que dispomos na

atualidade), ficamos dependendo da assistência dos monitores, dos instrutores, dos mestres e dos mentores, os quais se postam ao lado para o auxílio imediato, à vista dos delíquios e dos titubeios.

É muito diferente de quando estamos trabalhando junto à mesa mediúnica, quando temos a possibilidade de controlar o *magnetismo animal* para a influência do encarnado que nos apanha a mensagem. Neste caso, ocorre o inverso daqueles momentos de prece, porque, vamos dizer assim, adaptamos as ondas de que estamos dotados à percepção mental do médium, tendo em vista o aparato corpóreo de que está revestido.

— A que vem semelhante discurso? — haverão de perguntar os leitores mais interessados na descrição dos efeitos maléficos dos vícios para o espírito imortal.

Se prestarem atenção nas entrelinhas, poderão avaliar o nível de preocupação que nos envolve, pelos problemas oriundos da inferioridade que somos capazes de reconhecer em nós. A consciência da exata condição existencial é atributo dos que estudam os meios de superar as deficiências de toda espécie. Não devemos esperar muito dos companheiros que estiveram navegando no mesmo barco, pelas mesmas encapeladas águas, sem rumo reconhecido e sem se importar com a possibilidade de naufrágio, tal é a certeza deste quando não há um timoneiro experiente, não há um cartógrafo prudente, não há um comandante decidido nem uma tripulação dedicada às rudes tarefas da manutenção das melhores condições da navegação.

Deus nos abençoe por estas tentativas e pelo fato de estarmos recebendo assistência para a produção das mensagens. Deus nos abençoe sempre, porque dele estamos todos sempre dependentes, que a misericórdia do Pai é infinita e absoluta. Mas a nossa concepção de Deus resvala para as condições alienantes dos psicotrópicos, tanto que julgamos estar, como acima dissemos, *dependentes*, termo que brotou da profundidade da consciência e sobre o qual apenas exercemos o poder de reconhecimento a

respeito da sua importância para a fixação das diretrizes do crescimento espiritual que deveremos levar a cabo.

Não há muito que correlacionar entre a nossa experiência aqui na colônia e os desacertos dos que se drogaram até uma hora atrás e que pegaram o livro para dar continuidade a uma leitura que, sabe-o Deus, talvez esteja sendo absorvida com interesse. O que merece melhor desenvolvimento é o aspecto evolutivo pelo qual passamos, tanto estamos aptos a manifestações ponderadas, moral ou doutrinariamente corretas, na busca do esclarecimento das consequências nefastas para quantos se espojam, deliciados, no lamaçal dos desregramentos físicos e, principalmente, mentais.

Claro está que temos muitos tópicos agendados mas surgenos, imperativa, uma questão para tremendo alvoroço no ânimo da classe. Pelo conhecimento que temos dos que se drogam, conhecimento íntimo que, graças a Deus!, vai tornando-se apenas histórico dentro de nossas biografias, viceja-nos a dúvida de que estejamos verdadeiramente elaborando peças com que provar a existência destoutra dimensão, onde as pessoas despertarão após a morte e na qual receberão o impacto adverso das atividades em desacordo com o princípio de que a melhor realização na vida sempre é a que objetiva favorecer o próximo, pelo desenvolvimento do sentimento do amor, sentimento que exige a presença de outras tantas virtudes fundamentais, cuja relação talvez não traga nenhum acréscimo importante para a finalidade que temos estruturada na nossa diretriz programática. De qualquer modo, se ficar claro que estamos solidários com os leitores, sejam vocês quem forem (o que significa que não passarão de filhos de Deus, como todas as criaturas), ficaremos um pouco mais entusiasmados e nos dedicaremos com mais afinco aos trabalhos assistenciais (aqui denominados *socorristas*), tendo em vista passarmos a acreditar na eficácia dos conselhos dos professores, quando nos impuseram o presente trabalho como imprescindível para o prosseguimento dos estudos.

Eis que agora advertimos para um sério problema, qual seja, o do proveito que nós mesmos obteremos deste manifesto sacrifício, que toma de nós um bom tempo e nos causa tanta preocupação. A pergunta obrigatória situa-se no campo dos possíveis avanços espirituais dos componentes da equipe, caso não haja um único encarnado acrescentando às noções de vida, à filosofia que lhe define o procedimento, qualquer elemento evangélico com poder para forçar-lhe o intelecto a reformular a postura, no sentido de melhorar-se para merecer, de imediato, toda ajuda que o plano da espiritualidade está em condições de proporcionar. Teremos condições de progresso mesmo assim? Pelo menos estamos empenhados na realização de um trabalho de natureza séria, dentro do melhor que podemos oferecer.

Quem puder meditar positivamente nestes problemas, colocando-se como condiscípulo nosso, talvez nos propicie recursos para futuros desenvolvimentos doutrinários, em função das necessidades específicas dos humanos. Não basta tão só desconfiar de estarmos sendo maliciosos, porque nos situamos, como já o dissemos, a cavaleiro, em sendo espíritos e podendo visitar os terrenos a qualquer momento, instalando-nos de forma a captar-lhes as sensações, tanto que somos capazes de perpassar este muro de densa matéria para a manifestação mediúnica. A verdade é que o nosso empenho se enquadra mais efetivamente nos domínios dos conhecimentos mundanos, ou seja, dos relacionamentos entre os indivíduos dentro do aqui e agora da vida que se desenrola. Ao tentarmos conhecer os ingredientes mais íntimos, os que se encontram na profundidade das personalidades, os motores que fazem as pessoas agir, ficamos de mãos atadas, porque o nosso discernimento se dá horizontalmente e não verticalmente.

Eis que retornamos ao início da mensagem e reafirmamos que não estamos preparados para nos ofertarmos integralmente ao Senhor em oração de subido interesse vocacional. Concentrem-se vocês o mais que possam e estabeleçam o seu melhor vínculo com

os benfeitores familiares, solicitando paz e felicidade para o enfrentar das vicissitudes da vida.

Deus nos abençoe, queridos irmãos!

## GENEROSO ALVITRE

Não temos permissão para explanar a respeito de temas específicos do plano da espiritualidade. É fácil de descobrir a razão da proibição, mas vamos, mesmo assim, trazer algumas ponderações, já que a curiosidade dos encarnados em vigília se dá até além dos limites da sabedoria.

Quando ficávamos *tomados* pelas sensações apoteóticas da droga e nos julgávamos libertos das pressões físicas e emocionais, como se o medo não fosse mais do que ligeira sensação de insegurança e quando a coragem raiava pelo desespero de tudo enfrentar, tornando-nos tolamente irresponsáveis, porque feríamos a torto e a direito, muito mais a torto, muitas vezes pensávamos que estávamos transcendendo o plano da realidade corriqueira, tanto as ilusões nos tomavam de assalto a consciência. Essa condição corpórea, muito mais do que mental, porque eram efeitos químicos a impedir que assumíssemos plenamente o domínio das reações orgânicas dependentes da vontade, dava-nos a sensação da paz e os meios de captação da matéria se perturbavam, como se tudo se desenrolasse no melhor dos mundos. Daqui compreendermos muito bem a expressão idiotizada na época, expressa no dístico *paz e amor*.

E vivíamos intensamente a alienação, em puro confronto com os princípios do trabalho e do companheirismo. É verdade que constituíamos famílias numerosas, mas não nos atingia o fato de sempre nos assinalarem no seio da sociedade comum como marginais. Não produzíamos nada e achávamos que havia muita gente *quadrada* ou enquadrada, engajada na estrutura econômica carcomida, para nos subsidiarem os recursos de que lançávamos

mão quando necessário, por exemplo, nos setores da saúde, do transporte, da energia, dos utensílios etc.

Tínhamos os nossos gurus e nos sentíamos intelectualmente amparados por eminentes filósofos (ao menos assim os considerávamos), ocupantes de importantes cátedras universitárias, como ainda muitos artistas fabricavam para nós objetos aos quais dedicávamos um estranho culto, porque os transformávamos em verdadeiros totens para a nossa adoração. Quando não tínhamos base de sustentação nem na periferia das cidades, nem no campo, mergulhávamos de cabeça nas igrejas que nos ofereciam alguns pobres indícios de que as forças planetárias de outras dimensões estariam resguardando-nos para a sagrada missão que teríamos futuramente, quando volvéssemos ao mistério, quase sempre objetivando sermos recebidos por algum dos avatares idolatrados da humanidade, como Jesus, Buda, Krishna e outros poucos oriundos das estranhas seitas hindus, chinesas e japonesas.

Se os amigos leitores estiverem por dentro dos pontos aludidos, poderá fazer pálide ideia das comunidades que se formam no etéreo com a concentração dos drogados, mas com o ônus dos sofrimentos provocados pela necessidade da obtenção de segurança em algo maior, como tínhamos no orbe relativamente à sociedade organizada. A falta dos elementos químicos para as alucinações se compensa pela dor direcionada pela memória, como se os distúrbios da consciência se refletissem no perispírito, para o efeito da rememoração dos momentos em que estávamos drogados.

Eis que vai tornando-se impossível o relato perfeito desses aglomerados de espíritos em desespero, porque as reações se individualizam e cada qual se encontra consigo mesmo, naquilo que tem de pior. É uma revitalização perene dos elementos em desequilíbrio, como se não mais houvesse nenhuma daquelas perspectivas que alimentávamos nos transes hipnóticos do poder sem limites. Os guias que havíamos elegido não se evocam mais para a esperança do progresso espiritual e o presente se torna eterno, na

configuração de que nada muda no conjunto existencial. Sabemos seres errantes mas somos incapazes de caracterizar a essência da natureza em que existimos. Os pruridos de fé vão ficando cada vez mais apagados no coração e na mente, uma vez que o conjunto do saber que possuíamos não se constrói com os recursos agora disponíveis.

Percebam que não estamos pintando a situação com a negritude infernal que se poderia esperar pelas graves defecções morais que apontamos. Contudo, sugerimos que se preste atenção nas diferenças individuais, pela história diversificada de cada qual, segundo caracteres próprios, para a constituição das personalidades. Sendo assim, a dor apresenta múltiplos aspectos quanto à intensidade e quanto ao entendimento da sua natureza. Se desconfiarem de que possam existir espíritos quase sem nenhuma emotividade e, portanto, sem qualquer reflexo de pesar, estarão bem próximos dos mais alienados, dos que praticaram os piores delitos contra si mesmos e contra os semelhantes (e até contra a natureza e a criação, em sentido lato). Tais indivíduos estarão próximos de nova encarnação? Diremos com mais propriedade que estão prestes a deixar o grupo para descaírem em regiões onde serão acossados por espíritos menos afeitos às divagações originadas na construção de um universo cujo centro é o *ego* e cujos limites não vão além de um pouco de reflexos escuros produzidos pelo desejo de afastar os demais, no crescente temor de que a potência humana está diluída no sistema desarmonioso das vibrações de igual intensidade dos companheiros infelizes. Em todo caso, pode acontecer de serem remetidos de volta à crosta terráquea, em condições muito diferentes da precedente encarnação, porque sempre existe a necessidade de satisfazer os reclamos vitais em ebulição.

Estamos pegando ao de leve na descrição dos horrores a que se submetem os que perderam a oportunidade de redenção pelo trabalho cármico, porque não desejamos impregnar a mente dos

leitores com o mesmo medo que rejeitam quando analisam as promessas catastróficas dos pecados capitais das diferentes instituições religiosas que propugnam um criador vingativo, senhor de exércitos de anjos e arcanjos a impedir a ascensão daqueles que não rezam pela cartilha dos sacerdotes. Também não queremos deixar a impressão de que todos que morrem são admitidos em colônias de recuperação espiritual, onde são ministradas aulas de angelitude, para que cresçam as asas dos seres fluídicos que se guindarão de imediato para os reinos de paz e de amor anteriormente imaginados, onde a *curtição* é permanente, a ociosidade integral e a responsabilidade nenhuma.

Nem tanto ao céu nem tanto ao inferno, mas muito para a terra, que é para onde estamos destinando estas manifestações, no sentido de alertar para as opções de vida que melhor realizem os objetivos da encarnação. Tempo perdido? Já discutimos este aspecto. Apenas devemos acrescentar que estamos cumprindo o nosso dever, noção esta que é a mais posta em dúvida pelos irmãos que se drogam, porque não respeitam a própria intuição, que lhes demonstra que é perfeitamente possível que desconheçam muitos dos limites da capacidade humana, por fixarem como medida do universo a sua própria desenvoltura. Já que vieram até este ponto desta modesta apreciação de alguns parâmetros existenciais, aceitem a recomendação para a leitura e consequente reflexão de algum compêndio científico de ponta, alguma tese acadêmica em área diversa daquela de seu domínio. Por exemplo, se você conhece mecânica, deve pegar uma obra relativa aos recentes estudos sobre a história dos povos primitivos da Eurásia. Algo totalmente alheio às suas preocupações. Talvez venha a entender uma das razões por que não temos permissão para discorrer a respeito do que ocorre em nossa dimensão. Nada faríamos que não fosse estabelecer comparações muito imperfeitas, ainda mais porque não temos desembaraço para tais mensagens. Mas podemos indicar as obras de *André Luís*, pelas psicografias de Francisco Cândido Xavier e de

Waldo Vieira. No caso específico do tema desta dissertação, destaque para a obra *Evolução em Dois Mundos*.

O título desta mensagem não deve honrar o grupo dos alunos que compõem os textos, porque foi dado por sugestão temática de nosso orientador. Não é verdade que está muito bem colocado? Meditem sobre isso, por favor.

## PRIMEIRA PEREGRINAÇÃO ASSISTIDA

Acompanhamos Tobias em seu devaneio espiritual, desejoso de ir ver os parentes no campo terrestre. Também estivemos com ele lá, examinando as condições vibráteis da mãe, do pai e dos demais consanguíneos. Irmãos não teve, como assinalamos acima.

Resildo nos advertira:

— Vocês devem examinar primeiro os desejos que impulsionam a visita, para avaliarem se existe alvitre de sabedoria na atividade externa. Caso não haja, nem por isso irão deixar de ir à crosta, entretanto, deverão prevenir-se quanto aos problemas previamente enfocados.

Aceitamos a sugestão e pusemos o irmãozinho, cuja figura ainda se encontra bem próxima daqueles dezoito aninhos do desencarne, em estado de suspensão da consciência (como se o hipnotizássemos), para que respondesse a uma série de questões de nosso noviciado socorrista.

Acreditamos que tenha aceitado a imposição com malícia (no bom sentido), para, posteriormente, valer-se das informações colhidas em proveito de seu desenvolvimento. De qualquer jeito, aderiu e favoreceu bem rápida alienação da realidade circunstante.

— Você está ciente do motivo de estarmos fazendo-lhe perguntas?

— Perfeitamente. Desejo visitar os meus na crosta e Resildo nos impôs a condição do exame íntimo da vontade.

— O que você consegue ver dentro de si que possa ser prejudicial, à vista do impacto da realidade em relação aos encarnados na família?

— Não vejo nada, a não ser que restam resquícios de insatisfação por haver minha mãe me colocado nas mãos das babás e de me ter oferecido para o repasto dos criados, desde a mais tenra idade.

— Só isso?

— Sinto-me indisposto com relação ao meu pai, porque nunca me afagou a cabeça amorosamente.

— Você está sendo capaz de realizar uma viagem completa ao passado?

— Estou.

— Não há nenhum carinho dele de que se lembre?

— Tomou-me ao colo exatamente três vezes. Duas delas, para me retirar dos braços de minha mãe e me entregar à empregada do momento.

— Desconfiaria seu pai de que você não fosse verdadeiramente filho dele?

— Vocês devem esperar que eu avance nos anos até uma idade de oito anos, quando me lembro de ter testemunhado uma cena de ciúme.

— Que você vê na sua memória?

— Meu pai e minha mãe discutiram, passando a ocupar quartos separados.

— Você acha relevante saber quem começou a briga?

— Não tenho mais nenhum interesse. Mas, na época, lembro-me de que não ficou nada gravado de modo mais penoso do que os fatos anteriores.

— Você guarda alguma mágoa física de algum deles, como algum tapa, algum castigo de quarto escuro ou algo semelhante?

— Nada disso poderia ter acontecido comigo, porque tudo o que eu fazia ficava escondido deles, já que as preceptoras (com perdão da palavra) ganhavam para dizer que tudo ia cem por cento comigo. Sendo assim, aprontava tudo o que arbitrava como o pior para cada instante, sabendo que nada iria ser revelado. Ao

contrário, choviam presentes sempre muito caros e atualizadíssimos, inclusive importados.

— Então a mágoa se concentra no aspecto moral!

— É isso aí.

— Sabemos que você se deu a vários vícios e que perdeu a vida em estado de alucinação química. Atribuiu o fato aos familiares?

— Antes e depois do evento.

— E agora?

— Não os isento de culpa mas perdoei-os, desde que compreendi Jesus.

— Jesus não sofreu nas mãos dos pais.

— Mas Jesus perguntou quem eram os seus verdadeiros pais e irmãos. Não foi uma espécie de repúdio?

— Quer dizer que você se julga sob o amparo do Nazareno?

— Completamente.

— Nesse caso, considera a sua visita aos antigos desafetos (segundo o seu próprio ponto de vista) perfeitamente possível?

— Sim.

— E para quê? Explique exatamente o que você espera alcançar vendo os seus pais. Não estaria desejoso de sentir-lhes a preocupação íntima pelo seu passamento, em razão do trágico acidente automobilístico?

— Rememorando o que me passou pela cabeça até durante os primeiros tempos na colônia espiritual, responderia que sim. Hoje, prefiro pensar em termos mais amplos, para conhecer os dramas deles, mas em função de suas personalidades, com a finalidade precípua de conhecer os pontos fracos de suas formações, na tentativa de descobrir quem foram para mim no que concerne às anteriores encarnações.

— Você não foi auxiliado pelos responsáveis do desvelamento do arquivo da memória?

— Disseram que o anterior repúdio daqueles seres para comigo foi por demais áspero, resultando na necessidade de me

agasalharem em encarnação de algum lucro cármico. No entanto, como é do conhecimento de vocês, eles acabaram por me repelir de novo. Egoístas, jamais se aproximaram carinhosamente de mim.

— Que você pode contar-nos da vida intra-uterina?

— Que me encontrava sedado quase o tempo todo. Quando não, recebia o impacto da rejeição de minha mãe, pela ingestão de álcool e pela inalação de fumo.

— Não estaria ela ignorando os males que causava ao fruto de seu ventre?

— Nunca parei para pensar a respeito.

— Também não pensou em que as atitudes subsequentes tivessem a mesma base?

— Não quero discutir o assunto nesses termos.

— Por quê?

— Dá a impressão de que fui obrigado a aceitá-los como pais e eles a mim como filho, numa encarnação perigosa mas necessária (reconheço). Esse princípio aprendi apenas nas aulas atuais. Mas espero superar todos os problemas, quando me encontrar diante deles.

— Se lhe dissermos que não vemos nenhuma perspectiva de proveito nessa viagem, que nos diria?

— Diria que estão errados, porque estou convencido de que, se não amo ainda aquelas criaturas, pelo menos tenho a certeza de que me agasalharam (mal ou bem) e me propiciaram um retorno de muito conforto material. Nesse ponto, o culpado fui eu mesmo de haver esbanjado a riqueza que estava destinada só a mim, filho único.

— Não teria sido isso mesmo que o levou a descuidar-se do futuro na vida, sabendo que tudo iria acabar vindo para as suas mãos?

— De fato, mas me ocorreu que...

Nesse ponto, Tobias mergulhou mais fundo na consciência e deixou de responder às perquirições que havíamos planejado para a

sequência da investigação. Quando acordou do transe, estava absolutamente consciente de todas as sutis vibrações que lhe foram despertadas. Considerou precipitado interrogar-nos sobre a nossa opinião e permaneceu por mais de mês recolhido em seu aposento. Como não se assustaram os professores, ficamos tranquilos, aguardando o retorno do amigo. Afinal, havíamos despertado para a curiosidade do resultado psíquico da pesquisa. No entanto, precisamos curtir uma decepção, porque nada nos referiu do encontro consigo mesmo. Apenas se ofereceu para ajudar quem desejasse receber o mesmo tratamento de indução hipnótica, dizendo que muito bom proveito haurira daqueles momentos de ensimesmamento controlado. Deixou transparecer que as perguntas poderiam ter sido melhor elaboradas, mas foi só o que nos passou quanto a não termos ido ao ponto essencial de sua personalidade.

Umás semanas depois, chamou-nos Resildo e nos pediu que acompanhássemos o amigo em sua visita terrena. Foi uma surpresa, tendo em vista os cuidados anteriormente recomendados e ainda o fato de não havermos aprovado a saída. Nada nos foi explicado no momento. Aliás, foi claro o mestre:

— Vocês irão inteirar-se dos motivos da permissão, quando souberem sopesar as dificuldades de relacionamento entre Tobias e os pais.

Lá fomos uma noite à casa do amigo. Os pais dormiam em quartos separados. Eram relativamente jovens, para um filho que estaria com vinte e cinco anos se estivesse entre eles. Quisemos entrevistá-los em estado sonambúlico, mas não perceberam a nossa presença. Tobias não insistiu em ser reconhecido. Apenas se ajoelhou, num ato de contrição absolutamente estranho para aquele ser isento de emoções cordiais relativamente aos parentes, e pediu perdão aos dois. Nesse instante, puderam vislumbrar, vamos dizer assim, o fantasma do rapaz e estremeceram, forcejando os corpos físicos para que acordassem. Imaginamos que, na manhã seguinte,

teriam algum sonho para lembrar mas não ficamos a par do que aconteceu.

Quando voltamos, solicitamos ao professor que nos explicasse a importância para o relacionamento deles de uma visita absolutamente inócua. Pensávamos e argumentávamos, em função disso, que melhor resultado se poderia obter se, na própria colônia, nos uníssemos para a transmissão dos melhores sentimentos de Tobias, dado que a nossa energia se concentraria e poderíamos arquitetar um simulacro mais completo e de efeito mais contundente.

Resildo, contudo, repetiu o que antes nos dissera:

— Vocês irão inteirar-se dos motivos da permissão, quando souberem sopesar as dificuldades de relacionamento entre Tobias e os pais.

Passamos a história exatamente do jeito que se encontra no momento. Qualquer indução que os encarnados possam extrair desta mensagem truncada, queiram, por gentileza, esforçar-se por passar-nos. Se de nada suspeitarem que possa esclarecer o caso, façam como nós: ofereçam-se para séria peregrinação ao fundo de suas almas.

## SEGUNDA PEREGRINAÇÃO ASSISTIDA

Matilde se dispôs a receber o influxo de assistência da turma. Jovenzinha quando chegou, fazia mais de dez anos que ingressara na colônia, sempre trabalhando em prol dos amigos em piores condições. Não se interessou nunca pelos estudos, tendo feito sua matrícula na *Escolinha* por imposição do preceptor, que se esfalfava por trazer-lhe conhecimentos consistentes no âmbito filosófico da doutrina espírita, mas sem resultados práticos.

Matilde não se julgava atrasada. Absolutamente. Mas sempre considerou ser melhor alcançar progresso espiritual pelo desempenho da caridade, ainda que os gestos se tornassem simplesmente repetitivos.

Na crosta, perpassou por diferentes religiões, até desembocar no espiritismo, onde terminou os dias, por clara influência de um espírito obsessivo, engraçado por ela no centro espírita.

Devem já estar tremendo os leitores de formação kardecista, na expectativa de que iremos desandar a narrativa, acusando os mentores da casa frequentada ou os próprios dirigentes das associações e federações como ineptos. Não vamos fazer isso. Ao contrário, se tivesse dependido deles a salvação de nossa irmãzinha, é quase certo que lograriam afastá-la do obsessivo.

A fraqueza era toda dela, que misturou os conceitos hauridos das diferentes religiões, seitas e cultos, de forma que não conseguiu livrar-se dos hábitos antigos. Queria, de certa forma, afastar-se do álcool (que cultivava muito em segredo) mas acabou por degenerar o mau costume, quando aceitou o desafio capcioso do mau mensageiro de que iria suplantar todas as tentações apenas com a presença daquela força espiritual.

Cabe elucidar que vira os médiuns do Candomblé em ação, fumando e bebendo, e iludiu-se com a aparente isenção de efeitos perniciosos sobre o corpo. Um dia, sem querer (devemos reconhecer que quem procura acaba achando), ateou fogo na cama, onde dormia, combinando da pior maneira o cigarro e a cachaça.

Matilde arribou deste lado completamente perturbada. O pouco de desenvolvimento que havia conseguido em encarnação anterior ficou em estado muito precário, submersos os pequeninos recursos sob espessa camada de entulho emocional. Foi assim que os primeiros dois anos se passaram na erraticidade, até que descobriu que jamais fizera nada de que pudesse recriminar-se contra nenhum ser existente. As recordações, é verdade, não iam muito longe, mas as acusações que sofria se limitavam ao âmbito da consciência. Não havia perseguidores. Aquele obsessor simplesmente se esvaiu, porque era gratuito e oportunista. Tendo logrado o intento de perturbar a pobre criatura, partiu para outras aventuras. Nem Matilde, por sua vez, desejou efetuar nenhuma perseguição, culpando-se integralmente por todos os atos contrários aos ganhos que deveria absorver moralmente.

Isto posto, tendo definido a criatura, conversamos com ela em estado sonambúlico, como fizemos com Tobias.

— Você acha que está em condições de oferecer seus préstimos em equipe socorrista em peregrinação pela terra?

— Faço o que posso. É verdade que posso pouco, mas também não pretendo desempenhar o papel de chefe de equipe. Estou cansada de ficar limpando feridas e de lavar os utensílios no hospital. No começo, eu pensava que iria submeter-me ao trabalho para superar as acusações de culpa que me fazia. Devo dizer que até hoje as acusações persistem e a minha alegria por ter colaborado com o povo daqui não se renova. Pensei seriamente e vi que o meu tutor espiritual tem razão. Se não estudar, se não conhecer outros campos em que possa exercitar a caridade, se não abrir os olhos para os horizontes existenciais, se não conhecer pessoas mais interessantes,

mais gabaritadas (peço que o meu linguajar seja corrigido e melhorado na hora do ditado), sinto que irei ficar marcando passo pela eternidade. Gostaria de seguir adiante com os companheiros que deixei ainda encarnados e outros que encontrei aqui no etéreo e que habitam regiões mais felizes. Apesar dos estímulos do pessoal da classe, eu me vejo sozinha, aérea, sem aprofundar-me na análise dos problemas originados pelas drogas e que tanta discussão provocam no seio da turma. A minha folha corrida é a mais enfeitada de estrelas de todos os colegas, entretanto, não vejo nenhuma vantagem nisso. Pergunto eu: será que a minha manifestação não está passando muito dos limites da pergunta inicial? Qual era mesmo?

— Você se considera capaz de auxiliar uma equipe externa de socorro espiritual a entidades encarnadas sob o poder dos vícios?

— Na verdade, eu me considero capaz, sim, de auxiliar, apesar de não conhecer nada a respeito das excursões. Quando saí para acompanhar a turma no apoio a Tobias, estranhei a forma pela qual vocês agiram, desvoltos e solícitos, como se nunca tivessem sido perturbados pelas drogas. Vocês vão dizer que os professores deram ajuda fluídica, mantendo todos nós despertos, sem permitir que nos deixássemos influenciar pelas baixas vibrações do ambiente em que imergimos. No entanto, não consigo entender como é que se concentram as energias cósmicas para o efeito aludido.

Precisamos intervir, para que atingíssemos os nossos objetivos. De natural muito quieta, surpreendia-nos Matilde com a enxurrada de ideias.

— Você disse que não tem inimigos.

— Não que eu saiba.

— Reconhece, entretanto, que sua fraqueza permitiu o assédio de um ser malvado?

— Perfeitamente. Foi por isso que, depois, fiquei trabalhando no hospital como uma desesperada. Pelo menos ali eu me considerava segura e podia ficar sossegada quanto a novos ataques.

O sistema de proteção na colônia supria a falta de meu próprio campo de força quanto ao acesso de influências perniciosas.

— Você não acha perigoso sair com os socorristas, expondo-se novamente aos que visarem desarvorá-la?

— Enquanto estive na erraticidade, fui capaz de cuidar de mim, nas poucas vezes que me atacaram. É que onde me encontrava não havia seres tão malfazejos. No hospital, internaram-se alguns muitíssimos piores, mas em fase de assistência e, portanto, com a área da perfídia muito restrita e sob controle. Desses não me aproximei jamais. Os companheiros que irão formar na equipe de assistência aos pobrezinhos encarnados com certeza conhecerão as minhas fraquezas e providenciarão uma barreira contra as más vibrações que se emitirem contra mim.

— Que você sabe a respeito desses grupos de assistência?

— Sei apenas que são formados de gente do mais alto nível, gente suficientemente habilitada para penetrar no meio das turbas de malfeitores para os resgates das vítimas ainda promissoras quanto a não descaírem definitivamente nas trevas.

Solicitamos a Resildo permissão para encerrar a entrevista, crentes de que não poderíamos permitir que Matilde se integrasse na equipe de sua aspiração. Nem precisamos debater muito para oferecer o nosso veredicto, condenando a moça a permanecer na colônia, imersa nos compêndios filosóficos e doutrinários. Mas, no nosso pronunciamento, fizemos questão de ressalvar as boas qualidades dela provenientes de um trabalho muito eficaz na assistência material (se assim podemos dizer, sem confundir os leitores) junto aos médicos e enfermeiros. Não queríamos ser surpreendidos pela deliberação contrária dos professores.

Na verdade, Resildo concordou com as conclusões da classe, mas, assim mesmo, nos causou estranheza quando nos pediu para seguirmos junto da equipe socorrista de que Matilde participaria, ela na qualidade de ajudante geral, nós como meros observadores.

De volta à colônia, reunimo-nos e chegamos a resultado muito diferente do anterior: não só a coleguinha tinha tido um desempenho muito bom, como foi de excepcional utilidade nos momentos mais difíceis, pela capacidade de concentração e de sustentação fluídica junto ao grupo. Nós, que nos encontrávamos superprotegidos pelos mentores, sentimo-nos muito mais atingidos que ela pelos influxos energéticos negativos dos seres em distúrbio junto aos viciados em transe.

Foi então que a deliberação do orientador fez sentido. Foi quando Matilde solicitou permissão para estudar os meios de conseguir mais recursos cósmicos (fluídicos, energéticos, vibratórios e de outras naturezas e constituição), concordando em permanecer na colônia, montando guarda junto aos interesses dos companheiros de classe. Dessa forma, logrou uma monitoria e agora age com mais liberdade e desenvoltura, o que não é pouco para quem ainda se encontra fortemente impregnada pelos eflúvios alcoólicos.

Pedimos licença para interromper. Fiquem com Deus!

## TERCEIRA PEREGRINAÇÃO ASSISTIDA

Um fato que nos havia passado despercebido foi a corajosa atitude de Matilde ao se oferecer para o trabalho de reversão das expectativas da vontade, ou seja, o abandono das perspectivas de crescimento para a aquisição das virtudes evangélicas, que a conduziriam para esferas de maior felicidade, em troca da imersão nas lembranças dolorosas de outras épocas de sofrimento. Isto ainda após presenciarmos a luta íntima de Tobias, o seu quase desfalecimento e a necessidade de engolir aqueles tremendos engulhos do amor-próprio.

Com os benefícios conquistados, Matilde se constituiu para a classe em um alvo imediato. Foi assim que houve uma enxurrada de propostas para a catarse dos dilúvios emocionais, todos nós ávidos por alcançar algum ponto evolutivo mais elevado.

Foi preciso solicitar a intervenção de Resildo para que achássemos um denominador comum para a eleição do próximo. Eis como ele resolveu a questão:

— Vocês se lembram da parábola dos trabalhadores da última hora? Houve muita revolta dos que mais batalharam na lavoura do mestre, quando o pagamento se deu o mesmo para os que chegaram por último. Não nos disse Jesus que os últimos serão os primeiros? Pois, então, como é que vocês acham que se situam na longa fila dos pretensiosos?

Apenas para aliviar a tensão, intervim:

— Eu sou o primeiro da fila. Abro mão de minha posição pela última colocação.

A turma olhou para mim julgando que, de alguma forma, estivesse desejoso de influenciar na decisão do professor. Mas este tomou o pião na unha e declarou:

— Existe o episódio da adúltera que seria apedrejada não fossem as observações do Nazareno. Não disse ele que atirassem a primeira pedra aqueles, dentre os que acusavam, que estivessem sem pecado? E que aconteceu então? Os mais velhos, quer dizer, os mais compreensivos, aqueles em quem calou mais cedo a lição, foram retirando-se. Vamos adotar o sistema. Quem entendeu a brincadeira do Leonardo, vá se arrumando na fila.

Desde logo alguns acorreram, porque haviam, verdadeiramente, absorvido o meu intento de aliviar a sobrecarga emotiva pela suposição de que mais tempo decorreria até que fosse atendido na pretensão de melhoria. Foi assim que os colegas foram postando-se uns após os outros, até que todos, com um sorriso meio amarelo, confessaram tacitamente que não tinham tido a devida prontidão intelectual.

Voltou a nos falar o mentor:

— Aqui ninguém é mais inteligente que ninguém. Existem apenas diferenciações quanto aos fortes bloqueios emocionais que todos antepõem à lucidez dos raciocínios. Vejam a sua fila. Compõe-se, como tenho a capacidade de avaliar, de um crescendo de alunos com cada vez maiores dificuldades de se predisporerem à compreensão das intenções, ainda que sejam chocarreiras e amigas. Vocês estão em rigorosa fila indiana, olhando fixamente para a nuca do companheiro mais esperto. Pois eu quero que todos deem meia volta e passem a olhar para a cabeça do seu mais próximo no setor dos empecilhos sentimentais.

Achamos que a brincadeira estava se estendendo para fora do controle dos alunos. Esperávamos pela sagacidade de Resildo, que alguma devia ter. Lembrava-me eu dos tempos de estudante, quando impava de felicidade ao verificar que algum dos colegas sofria o impacto das represálias dos professores. Aí ouvimos:

— Quem era o último não passou a primeiro? Então, o amigo Vitório vai ter o privilégio de ser examinado pelos parceiros. Alguém deseja saber o porquê da escolha?

Novamente, à vista do encolhimento dos outros, ameacei outra facécia:

— Acontece, caríssimo instrutor, que o *Derrotado*, ou seja, este gajo aqui chamado Leonardo, estava prestes a levar pela graça a taça de ser o escolhido. Mas devo reconhecer que a razão primordial da primazia deve ter sido para demonstrar ao mais desconfiado que todos merecemos o mesmo grau de atenção. Devia ser um: foi o nosso recatado Vitório, que lhe valha o nome. Peço agora que se forme nova fila na minha frente, todos de costas para mim. Vamos ver se damos meia volta de novo.

Resildo esforçou-se para conter o riso. Ou deu demonstração disso para me alegrar. E concluiu:

— Vitório, pelo critério que utilizamos, se tornou o mais debilitado, portanto, o mais carente de auxílio. Os outros vão se aguentando até chegar a sua vez. E você, Leonardo, não se estime desastrado a ponto de resguardar-se para ser o último a se retirar na lapidação que se prepara. A próxima parábola a ser lembrada haverá de ser aquela dos dez talentos.

Em outros tempos, levaria a lição para casa e revolveria as palavras uma a uma para a descoberta dos intuitos mais profundos. Com a experiência dos estudos na colônia, entendi que Resildo apenas retribuía gracejo a gracejo, na estima que crescia entre todos nós, pela compreensão dos problemas e pela luta em que nos empenhávamos para a resolução deles todos.

Ao compor esta mensagem, a turma optou por demonstrar o nível de descontração de alguns dos elementos, aptos já para o riso franco de quem se expõe à crítica. Para tanto, me atribuiu o encargo da redação, forçando-me a repetir tudo o que fiz, agora mais sensatamente, uma vez que devo meditar em todos os sucessos daquela oportunidade. Foi um suavíssimo castigo, que aceitei com

muito contentamento, não porque desejasse aparecer perante os encarnados (tanto que por mim as preces haverão de perder a intensidade, pela razão exposta de ser o menos onerado emotivamente), mas porque podia demonstrar aos irmãos em condições de ruína moral e física, que existe sempre a esperança de sermos amparados pela divina misericórdia, representada por algum missionário generoso que nos agasalha, que nos protege, que nos compreende, que nos perdoa, que nos encaminha para os bens espargidos por Jesus em sua caminhada pelo orbe, na qualidade de mortal comum, espírito excelso em sacrificial encarnação.

Não posso, porém, esquecer-me do principal objetivo da mensagem, qual seja, o de demonstrar como se portou Vitório na prova a que o submetemos.

— Que você deseja realizar em sua visita às regiões densas do planeta?

— Quero saber se poderia ter evitado todo o sofrimento de um passamento precoce, sob o jugo das drogas e sem nenhum amor por ninguém.

— Sabemos que você não conheceu os seus pais, entregue que esteve às mãos pouco zelosas de um orfanato de péssima categoria. Isso é justificativa mais do que oportuna do deslize para os crimes e para os vícios. Você não usa essas desculpas para o tal entendimento pretendido?

— Aceito o que vocês estão dizendo apenas como provocação. A acreditar na veracidade dessas colocações, ninguém escaparia imune desses locais em que se entulham crianças as mais miseráveis. Abro uma exceção para alguns de vocês, que, como eu, também se viram despojados de seus pais e também se espojaram nos lamaçais lodosos dos piores crimes contra a própria contextura corporal e, por via de consequência, espiritual.

Advirto para o fato de que reproduzo sem alterações o apuro do linguajar vernáculo do companheiro. Já naquele mesmo instante, surpreendia-nos com recursos que ninguém mais possuía.

Desconfiamos, de imediato, que ele tivera outras existências de mais extensas conquistas intelectuais. Daqui à ilação de que o setor emotivo estava realmente em frangalhos, foi pequenino passo, reforçado pela lembrança de sua colocação na fila dos *espertinhos*. Precipitadamente, por confabulação mental realizada ali mesmo, requisitamos permissão para encerrar a entrevista (eis a causa principal de ter descrito os preparativos com tantas minudências), porque julgamos que o amigo tinha plenas condições de ir em busca das causas de suas defecções cármicas.

Ao chamarmos o rapaz à realidade, no entanto, saiu do devaneio fluídico, que lhe fizera aflorar tantas virtudes de exposição, sem nenhuma reminiscência do que se passara, ao contrário de Matilde e de Tobias.

Resildo não nos deu tempo, contudo, para as inevitáveis reflexões a que nos habituáramos para a percepção das verdades psíquicas que investigávamos em nós e nos outros:

— Vocês vão arcar com a responsabilidade de acompanhar Vitório em peregrinação, podendo requisitar a ajuda que desejarem dos melhores guardiães da colônia. Entretanto, caberá ao grupo de alunos observar, nos mínimos gestos, expressões e exteriorizações emocionais do assistido, quais os elementos psíquicos em jogo e quais os pontos cruciais em que o desempenho dele está deixando a desejar. Para que o amigo entenda o que se passa, vocês irão discutir com ele todos os ingredientes da fita com o seu depoimento, evitando, porém, qualquer comentário menos nobre em relação a ter sido o primeiro a merecer a atenção. Bondade infinita, sabemos, só o Pai possui. Mas podemos beber dessa mesma água, uma vez que estamos sedentos, porque cada um de nós haveremos de receber o mesmo influxo de informações desabonadoras. Ou não?

Saímos da reunião bem menos entusiasmados que antes. Era a primeira vez que nos davam a oportunidade de um trabalho sério. Confiavam em nós. Tínhamos de corresponder.

Encerro a exposição dizendo que a viagem foi um tremendo fracasso no campo das superações dos dramas íntimos do colega, não tanto pela falta de discernimento dele, mas porque fomos atingidos em cheio pela nostalgia trágica das sensações corpóreas. O ambiente de estudo e a assistência dos menos imperfeitos (vamos dizer assim) garantiam-nos a estabilidade psíquica na colônia. O triste regresso para ela, sob o amparo dos tutores, debilitou-nos, fazendo-nos compreender o quanto estávamos necessitados de crescer para o domínio dos impulsos instintivos a quem déramos tanta trela.

Estes acontecimentos se passaram há algum tempo. Agora já superamos aquela fase crítica e somos bem capazes de refletir sobre os acontecimentos. E de realizar a descrição dele com alguma desenvoltura. Mas, para chegar até aqui, tivemos de enfrentar alguns aborrecimentos bastante ponderáveis.

Estaremos sendo excessivamente indulgentes para com os irmãos viciados que nos leem? Talvez seja esse apenas um indício de que temos muito amor por aqueles que terão de enfrentar situações desagradabilíssimas, tanto nos empenhamos em evidenciar a nossa sensibilidade e o nosso desejo de cumprir as recomendações do Cristo. Mas não vejam em nós ninguém de superior formação moral ou espiritual. Somos apenas um grupo em ascensão, mas carente de orientação em áreas fundamentais do desempenho evangélico. Podem crer!

## QUARTA PEREGRINAÇÃO ASSISTIDA

Inicialmente, o correspondente desta mensagem quer manifestar temor quanto ao fato de se repetirem os casos. Hão de perguntar os leitores se não temos outra fórmula mais apropriada para o despertar do interesse, já que as coisas acabam viciando...

la por aí no introito que imaginei para diferenciar-me dos demais, quando me surpreendeu o termo terrível. Pus-me a considerar que, talvez, não seja propriamente a repetição dos eventos que provoque os vícios. Contudo, para testar o novo argumento, fui atrás dos companheiros, propondo-lhes o problema de forma enigmática:

— *Se você abrir um livro e encontrar em cada capítulo a mesma disposição, ou seja, uma espécie de introdução, um questionário com as respectivas respostas em forma de diálogo e alguma sagaz conclusão, você vai considerar a leitura fascinante, porque se repete tantas vezes, ou vai detestar, tendo em vista que, apesar de os temas diversificarem-se, não se abrem perspectivas de surpresas para a satisfação da curiosidade que deveria ser cada vez mais aguçada, tópico a tópico, até um final apoteótico?*

A pergunta era tão longa e complexa que o primeiro me respondeu simplesmente:

— Preciso pensar a respeito. O que você mesmo diria?

E foi embora sem me ouvir.

O segundo amigo interessou-se deveras, mas quis saber antes de mais nada:

— Alguém já lhe disse o que pensava a respeito?

Contei-lhe o sucedido com o anterior.

— Pois aí está: é preciso ser mais objetivo ao questionar as pessoas sobre o que quer que seja. É verdade que você utilizou o exemplo da leitura do livro, mas não esclareceu, de fato, qual era o seu objetivo primacial. Vamos elaborar de novo a pergunta.

Pois lá ficamos debruçados sobre o ponto de interrogação sem penetrar um milímetro na elucidação pretendida. Ao cabo de duas horas, resumindo, a pergunta que resultou era a seguinte:

— *Os vícios, para você, são provocados por algum problema íntimo que se procura esquecer por um processo de prazerosa alienação da realidade, ou seja, o indivíduo não enfrenta a situação em que se vê inferiorizado mental ou sentimentalmente e busca a satisfação em outros setores da personalidade? Uma vez não sanando a causa, fica repetindo a ação para o esquecimento do que o vem machucando desde épocas remotas (sem que ele saiba), até que acaba dependente do que lhe parecia um remédio e que se tornou um veneno. Vamos lembrar-nos da velha anedota do cara que esqueceu por que bebia mas continuava bebendo.*

Aí propus a um terceiro amigo o longo discurso interrogatório. A sua reação foi devastadora:

— Ou você responde sinteticamente ou vai atrás de um curso anual a respeito das causas e seus efeitos, para verificar quais são os caminhos mais curtos para a eliminação delas. A resposta curta eu dou agora: *Vê se te manca, cara! Não vês que estou ocupado?!* Digo isso com todo o respeito, porque não desejo magoar ninguém. A verdade é que o interesse pela destruição dos hábitos avassaladores deve provir, não dos que se preocupam em oferecer apoio e assistência, mas daqueles que estão imersos na perigosa negociação existencial, isto é, dos que se encontram no limiar de dolorosa peregrinação. Sei que não me tornei muito claro, mas, como sei que você deveria estar escrevendo a próxima mensagem, se estiver interessado em divulgar esta conversa, acredito que possa vir a fazer bem a alguns leitores equivocados quanto à seriedade com que estão levando o tratamento.

— Não entendi.

— Explico-me. Muita gente existe encarnada que vê os dias repetirem-se monótonos. É o monocórdio, a lira de uma única vibração. Deixe pra lá o aspecto *pseudopoético* da manifestação e se fixe com muita atenção no fato de que esses tais a quem antes aludi são os mais dispersivos quanto à impossibilidade notória de concentração desses elementos induzidos aos distúrbios provocados pelos ingredientes químicos.

— Continuo não entendendo.

— Então eu lhe digo para frequentar aquele curso anual da resolução das causas pela sintomatologia dos efeitos.

E se foi, contente por me ver intrigado a respeito de tantos entulhos psicológicos, como se me tivesse tirado o peso da composição excessivamente pejada de repetições formais e de conteúdo. Como poderia ter alguma razão, fiz questão de escrever logo o diálogo meio insólito, introduzi terminologia mais refinada para o nosso gosto inchado dos eflúvios narcóticos, capciosamente bolei o entreato das apreciações um tanto injustificadas e atinei com a perspectiva de que a repetição haverá sempre de ser melhor do que a originalidade, quando aquela tiver sido o resultado de profunda análise metodológica e esta o dúbio atrevimento do improvisado.

Ofereci o texto começado aos amigos e eles fizeram questão de dizer-me que a parte da diversificação era satisfatória. Que se iniciasse, porém, desde logo o momento da repetição, para que os vícios dos leitores se sustentassem, pelo menos em relação aos pontos evangélicos da pregação de Jesus que se infiltraram nas composições anteriores.

Foi a vez de Arnaldo, um coleguinha antipático, daqueles que grudam na gente, ser o alvo da perquirição da classe. Até então, tinha sido o mais dificultoso para se alhear dos apelos exteriores. Mas, com a benévola ajuda de Resildo, induzimo-lo a revelar hipnoticamente os seus objetivos imediatos, para o progresso

cármico possível naquelas circunstâncias de ex-drogado. A primeira pergunta foi a última:

— Que espera você com a sua peregrinação à terra?

— Pretendo saber a causa de minhas desavenças mundanas. Sei que tenho o hábito terrível de *sanguessugar* as pessoas, exaurindo-lhes a paciência pela constância com que apresento os meus problemas, que torno insolúveis para o perene e cansativo desenvolver temático, como se a presença do outro me atenuasse a mim mesmo a minha presença. Não sei se estou deixando claro o indício mais característico de minha maneira de ser. Punha-me, para dar exemplo do que estou examinando, junto a um balcão de bar e prendia um eventual ouvinte para os meus casos, muitos de longa data solucionados mas que insistiam em se tornar presentes em meu enevoado cérebro. Dizia ao sujeito que era infeliz com minha mulher, que meus filhos não me entendiam, que minha mãe não era séria, que meu pai tinha sido um moleirão até que morreu encostado num muro, ele, meu pai, corroído pela pneumonia, que minhas irmãs eram ricas mas não gostavam de mim, repelindo-me, deixando-me com aquele empreguinho ordinário de contínuo na administração pública, e ia por aí afora. Só não continuo porque sei que seria dar corda a este antigo relógio, quando o pessoal daqui funciona a pilha recarregável pela luz solar. Pois o meu retorno à praça em que, na verdade, fugi da guerra irá servir para perceber em que pontos é que me deixei embrenhar pela constância dos queixumes. Quero ver se os lugares me despertam as antigas emoções, as quais deverei examinar com muita atenção. Tentei a regressão induzida da memória, mais ou menos com o sentido desta daqui, mas não logrei despertar com as evidências emocionais dos dramas que me induziram a constituir esta personalidade de infeliz e de retardado. Quando acordei, sabia apenas o que acontecera de fato, mas o que eu sentira nas diversas oportunidades continuou oculto para a minha consciência *consciente* (se assim posso expressar-me). Através da imaginação, ou seja, pela suposição de

quais teriam sido os liames que me prenderam ao sistema dos queixumes, também não obtive respostas convincentes. Na verdade, toda vez que me ponho a perseguir os meus eternos desvios do caminho de Jesus, os quais tenho visto abrindo-se para muitos dos amigos da classe, vejo-me ao balcão fétido de algum bar de quinta categoria, diante de um copo de cerveja e de algumas doses de cachaça, revirando-me dentro das culpas alheias, sem tempo para a perquirição que me levaria ao sucesso da investigação. Compreendo que sou o que todos chamam de chato de galochas (e ponha galochas nisso) mas estou deseioso de acabar com este relacionamento cada vez mais penoso, porque, vocês não acreditam, eu sou a pior companhia para mim mesmo que alguém poderia inventar. Eis que boleei a saída ao plano exterior como o primeiro passo a ser dado na direção do bem maior do progresso. Estou cansado desta mesmice e proponho-me a qualquer trabalho (desde que não seja o de abrir e fechar portas nem o de levar ou de trazer recados, pois continuar como contínuo não pretendo). Não sei se vocês conseguiram perceber o jogo de palavras que elaborei, aquele trocadilho do contínuo que não quer continuar, mas é bem verdade o que disse acima. Estou realmente cansado de mim mesmo. Desejaria mudar. Desejaria muito mudar. Para isso conto com a colaboração dos bons amigos que não se cansam de me escutar e a quem imponho condições tão difíceis de satisfazer. Perguntaram-me qual era o meu objetivo se vier a sair para a crosta planetária. Respondi com algo muito tacanho, talvez até inconscientemente de propósito, para queixar-me depois de não ter conseguido nada de concreto, ainda que todos muito se esforçassem por me apoiarem e me auxiliarem nos meus dramas íntimos. Minha mãe já se juntou ao meu pai aqui no etéreo. Chegou depois de mim. Fui recebê-la e ela não me reconheceu. Meu pai continua caído junto a algum barranco, esperando o mundo desfilar diante de sua vista. Eu não tive coragem de ir atrás dele. Teria de me explicar a respeito de muitos anos em inatividade intelectual. Teria

de dizer por que é que estou tão triste e tão magoado com ele e com todos os outros. Ultimamente até que tenho sido solicitado pelas lições de Jesus a perdoar os desafetos. Não fiz isso na época mais oportuna, quando estávamos todos vivos e podíamos conversar livremente sobre os nossos problemas, nossos defeitos e algumas qualidades. Mas nos faltou a qualidade suprema da sinceridade, da boa vontade e do desprendimento de nós mesmos. Como vocês podem observar, os elementos eu os possuo todos, mas não sei como aplicá-los à minha vida espiritual mais profunda. Na relação com os professores e colegas, sinto-me até que muito bem, tanto que estou a merecer esta atenção especialíssima. Aliás, deve o redator que descrever a minha entrevista especificar os diferentes tópicos que fui capaz de mencionar com exatidão, pois creio-me na iminência de dar os primeiros passos na direção almejada. Salvem-me, pelo amor de Deus, de mim mesmo e me deem a oportunidade que os outros irmãos tiveram. Prometo que irei conduzir-me com lisura, com propriedade e com a intenção bem definida de não me constituir em pedra de tropeço para ninguém. Qual será a próxima questão?

Estávamos tentando uma brecha para interrompermos o discurso sem fim e aproveitamos para agradecer o notável exemplo que nos foi dado de vício provocado pela vontade de sobressair-se em alguma coisa, mesmo que à custa da boa vontade alheia e por momentos tão curtos. O público, nesse caso, é que não se repetia. Lembrei-me dos jornalistas que escreviam duas ou três crônicas e que as distribuía pelos periódicos do país inteiro, dando a impressão de muito férteis. Cotejei com a prisão dos que estivessem com o nosso opúsculo sob os olhos e congratulei-me com a oportunidade de vir relatar o meu próprio caso. Apresento-me agora. Sou o próprio Arnaldo, o chato acima retratado, que obtive dos parceiros a honra de me expor com tanto fragor perante a minha própria crítica. Sinto-me reconhecido e vou parando por aqui, para não dar azo ao

vezo antigo dos trocadilhos e dos balcões. Muito obrigado pela atenção dispensada!

## QUINTA PEREGRINAÇÃO ASSISTIDA

Já desconfiou o companheiro Arnaldo que este sistema talvez não seja o mais conveniente para atrair a atenção do público. Mas qual poderia ser a fórmula sagrada do despertar para o evangelho de Jesus, se nem mesmo o *Novo Testamento* oferece atrativos universais?

Também não queremos ser taxativos, porque a realidade da obra milenária era muitíssimo outra, apesar de a natureza humana em nada haver mudado. O que se alterou foi a profusão dos apelos externos, a mixórdia das realizações científica e tecnicamente aperfeiçoadas em chamativos poderosíssimos.

Como podemos enfrentar o distúrbio provocado pelas imagens e pelos sons vindo conversar sobre temas tão maltratados, ainda mais porque declaramos que estamos esforçando-nos, o que deve repercutir como confissão de negligência, de desconhecimento, de ignorância? Claro que vamos dizer que essas ideias se projetam do fundo da alma dos críticos desprovidos de bom senso, porque incapazes de se aprofundarem nas propostas temáticas do grupo.

Em todo caso, para não delongar a inócua discussão das impropriedades de que o mediunismo lança mão quase obrigatoriamente (estamos esperando os espíritos capazes do *designer up-to-date* e das realizações junto à música *pop*), vamos prosseguir de acordo com o planejado com os professores. Para quem se predispôs aos desenvolvimentos rebeldes, o que temos feito está para lá de disciplinado, como se os componentes desta classe tivessem tido grau superior de escolaridade. Na realidade, submetemos os textos ao grupo, que os arruma como pode pelas recordações vocabulares, indo aos trancos e barrancos, arranjando e

rearranjando as frases, períodos e parágrafos, sob a assistência de Resildo, este, sim, habilitado para a redação. Por outro lado, vamos contando com a colaboração preciosa do escrevente, que, no momento mesmo da transmissão, segue preocupado com o valor gramatical do ditado, de sorte que, em não julgando bom, vai dispor as vibrações, apesar da velocidade com que escreve, com lógica e alguma elegância. Mais tarde, elimina as arestas, sempre sob a recomendação de não adulterar o conjunto da mensagem, porque desejamos manter (sintam o atrevimento) as nossas *características* estilísticas.

Esta divagação metodológica se prende ao fato de suspeitarmos de que muitos leitores possam objetar contra o conteúdo doutrinário, porque não encontram nas mensagens o ponto de apoio que julgam o ideal para que se sintam convencidos da verdade evangélica qual propugnamos. Haverá quem vá lembrar-se dos pastores das seitas ligadas ao protestantismo, para cotejar com os nossos arremedos de pregação e de estímulo religioso e de culto, com grave inferioridade para nós — é claro! — que afluamos os temas bíblicos mas não estabelecemos precisamente o número da fogueira ou do tacho de azeite fervente em que serão cozidas as almas impenitentes dos que estão ferindo as diretrizes e cânones eclesiásticos, nem damos relevo aos padrões de regalada vida material.

Estamos enfatizando tais aspectos com o objetivo (cujo lobrigar deve estar tornando-se cada vez mais fácil) de introduzir um companheiro com tais problemas desde sua encarnação de tremendos sacrifícios carnis.

Josualdo nasceu com graves deficiências fisiológicas. A saúde era um tão intrincado complexo de dificuldades que o falecimento fora clinicamente previsto para os doze anos de idade. Viveu até os dezesseis (acredita ele que por iniciativa dos mentores espirituais, os quais estavam desejosos de vê-lo superar os traumas que acrescentou aos débitos antigos). Nesse curto período existencial,

viciou-se com os remédios, primeiro; depois, estando cada vez mais depauperado, não hesitou em solicitar que lhe dessem morfina (que se fez acompanhar de outras drogas, pelo desespero dos que o atendiam, que julgavam inútil qualquer tentativa de reerguê-lo perante a vida).

Os mais espertos já devem estar imaginando que vamos dizer que faltou a Josualdo uma palavra espírita, que deve ter ele ficado nas mãos dos pastores, os quais lhe davam conselhos esporádicos, porque não viam como salvar-lhe a vida, para glória do *milagrismo* religioso. Não é que acertaram!

Sem querer ofender a ninguém (e já correndo o risco disso), vamos solicitar aos leitores que realizem uma pequena comprovação religiosa e, de coração aberto, digam para vocês mesmos se estão contentes com as perspectivas de além-túmulo que se abrem através de nossas dissertações, tendo em vista o seu próprio desempenho moral (ou ético). Não é verdade que, mesmo quem está integrado no Movimento Espírita, está tremendo de medo de sentir-se diminuído perante a consciência, para as acusações que estagnarão os espíritos por longo tempo nas tristes regiões umbráticas?

Mas a solução cármica nem sempre se dá perfeita, como estamos vendo no caso do irmão Josualdo, que reencarnou com a recomendação do sofrimento pungente a ser compreendido, aceito e reverenciado como a manifestação da justiça divina, e terminou nas mãos de algozes muito duros no desejo de retaliação.

Vamos ouvir-lhe a entrevista em estado de hibernação psíquica:

— Você já está compreendendo o sistema de castigo e de recompensas cósmicas, conforme as leis de causa e efeito?

— Mais ou menos. O que não chego a entender é o fato de estar a responder com mais perfeição às perguntas que me fazem através desta abertura na espessa camada dos entulhos emocionais. Por que não posso ser sempre este que se está declarando muito

mais atilado? Que impede à Providência de me favorecer o despertar para a realidade subjetiva, tornando-me este esclarecido discurso na forma mais corrente de me expressar? Por que devo ficar a remoer os fracassos quanto ao império de minha vontade, já que desejava e muito cumprir as obrigações conforme a recomendação dos pastores? Ainda me resta o problema insolúvel do fato de estar entre pessoas tão cordatas, tão sábias, tão caridosas, enquanto eu mesmo não favoreço o meu próprio desenvolvimento segundo os prismas estabelecidos por Jesus e, de resto, impregnados em minha memória, tanto que sou capaz de reproduzi-los através da recitação integral dos versículos dos quatro evangelistas.

— Se você passar uma temporada conosco na crosta terrestre, acha que resolverá essa configuração filosófica, ao mesmo tempo que suplantar as deficiências morais correspondentes?

— Não direi que uma simples viagem possa constituir-se num curso universitário. O que pretendo, primordialmente, é conhecer um pouco melhor a intimidade dos pastores e demais companheiros que se encontram encarnados, para saber, primeiro, se têm a convicção do que dizem; segundo, se gostam do que fazem, isto é, se agem segundo inarredável vocação; terceiro, se amam as pessoas de seus relacionamentos eclesiásticos; quarto, se se lembram de mim com algum sentimento específico, seja de asco, seja de condolência, seja de simpatia, seja de amor; ou se, indiferentes, deixaram no fundo da memória a minha patética figura.

— À vista da problemática profunda que você está levantando (confessamos que não esperávamos tanta lucidez), você acha que logrará o auxílio dos leitores por meio de preces pelo seu levantamento moral? Por outra, não está parecendo-lhe (o que para nós se constitui em suspeita muito séria) que casos como o seu são tão especiais que vão tornar os leitores apenas curiosos ou desinteressados, sem lhes provocarem reflexões que possam auxiliá-los em sua luta pelo desbloqueio do sistema moral?

— Penso que existe essa possibilidade, uma vez que não serão muitos os sedados medicamentosamente com a boa vontade de ceder parte de seu tempo de domínio sobre o corpo e a mente, para a leitura de obras de caráter tão específico dentro da literatura espírita. Acho que pessoas assim não lerão sequer os romances e os livros de contos mais apaixonantes. Falando por mim, ouvia, já largado no leito, as histórias contidas nos *Evangelhos* e ficava imaginando a figura de Jesus passeando, refletindo, pregando, visitando os doentes, curando-os. Nesse ponto, sempre me voltava para a parede, como para esconder a minha expressão de ânsia e não de esperança pela presença do Senhor para o milagre que me restabeleceria a saúde e me devolveria para o mundo externo.

— Vamos despertá-lo. Como já temos experiência, poderemos aguardar que se recorde do que nos disse?

— Qual vai ser o resultado, se a minha resposta for negativa?

— Nós traremos a discussão para o campo da crítica aos conceitos religiosos, para que você possa estabelecer, se for possível, um elo com o seu eu mais profundo, esse mesmo capaz de examinar o que se passa na área da mente à qual você não está tendo acesso quando em vigília. Não será uma boa tática?

— Como é que vocês vão realizar a proeza de me trazer a lembrança do que realizei sob hipnose?

— Não temos ainda a certeza de que lograremos fazê-lo. O sistema haverá de ser o de inculcar-lhe inteira confiança na seriedade das intenções de ajudá-lo, pelo fato inconteste de que aprendemos a estimá-lo e a considerá-lo elemento muito importante para o nosso grupo. Ainda mais agora que estamos a admirar a profundidade com que trata dos temas sob exame íntimo. Você está para nós como cada um de nós está para o grupo, ou seja, cada qual é responsável pela coesão dele, em função do processo de crescimento espiritual de todos. Poderíamos citar a cediça imagem do um por todos e todos por um. Bem, já está dita. Que se estabeleça através dela o forte vínculo que nos une, qualquer seja o

resultado da peregrinação junto aos corações cuja pulsação você deseja tanto auscultar.

Terminou aí a fase clínica. Em seguida, oferecemos a Josualdo, já desperto, o roteiro que seguimos para a programação da assistência durante a viagem ao plano material. Não se lembrou de nada do que nos disse, mas apresentou-se muitíssimo mais afável, como se ressentido estivesse das palavras que lhe dissemos. Logrou, assim, fazer-nos estudar o tópicio do intelecto coagido ao claustro pelas fortes vibrações emotivas. Saiu a pesquisar os sentimentos das pessoas que julgava envolvidas com o fracasso da derradeira vida na terra. Voltou sem haver acrescentado muita coisa ao que desconfiava. Tais conclusões não vêm ao caso para estas anotações. Fique o alerta de que tudo que se faz repercute sempre ao derredor, como se os fluidos se expandissem e envolvessem as criaturas, para o amor ou para o ódio, com a verdade de que a recíproca existe, dada a lei de ação e reação. Precatem-se também os amigos leitores quanto ao fato de que as ideias se concretizam sempre, as emoções se sedimentam e o arcabouço da personalidade se cristaliza, quando a intenção, a vontade, o desígnio não é o melhor, segundo o prisma dos ensinamentos de Jesus ou, até, dos mandamentos mosaicos, para não ferir as susceptibilidades dos que ainda se mantêm firmes nas fés luterana e calvinista.

## SEXTA PEREGRINAÇÃO ASSISTIDA

Rodolfo foi o que podemos chamar de bom menino. Tudo fazia de acordo com os pais. Obediente, não desandava jamais a vontade dos mais velhos, transferindo os mesmos sentimentos de respeito aos professores, até a idade dos treze anos. A partir daí, com o nascimento de um irmão, foi sentindo-se, não direi menosprezado, mas um pouco preterido em favor do outro, a quem passou a odiar desde logo. Mas a idade não permitiria muitos vínculos com criatura tão alheia aos conluios gregários, de forma que Rodolfo pôde sentir-se nas mãos dos colegas menos apumados disciplinarmente.

Contamos histórias verídicas como se fossem imaginárias, tanto se lhe torna factível de descoberta a sequência natural para o desarme das boas qualidades. Ora, o que havia, de fato, eram procedimentos oriundos da repetição forçada pelo conjunto fez/ganhou, ou melhor, atendeu/foi recompensado. Não se incrustara na consciência o valor dos princípios morais, que eram a casca envernizada, não o substrato sobre o qual se decalcaria a personalidade.

Vão perguntar-me se o roteiro de vida, caso não houvesse caçula nenhum, teria sido diferente. Claro que sim. O que fez o nosso amigo perlustrar outros caminhos foi o fato de se sentir em segundo plano, ele que sempre tivera o privilégio de todas as atenções, mais ainda pelo reforço que outorgava à vaidade dos pais pelo cumprimento de todas as obrigações.

Vão perguntar ainda se não teria sido a meia-volta para o lado da perversidade a maneira deplorável de continuar no centro das atenções, pela mania de se falar dele, mesmo que mal. Claro que sim. Todos esses elementos psicológicos se juntam, se somam, se

canalizam para o mesmo fim, qual seja, o de se projetar familiarmente de algum modo, porque esse era o prazer estimulado desde sempre.

Rodolfo, pobre de espírito, se viu nas mãos de quem estava bem melhor preparado para os desvios de conduta provenientes pelos hábitos da rua, de sorte que, o que era natural para os demais, no sentido de saberem exatamente quando e por que parar, se tornou excepcional para o nosso colega, de forma que passou a operar no vermelho da contabilidade cármica.

Teriam os pais percebido o que se passava fora de casa e talvez tivessem agido a tempo de contornar a situação de desastre. Mas aí houve a conjuntura do alheamento dos professores, nem sempre interessados no desenvolvimento da personalidade dos adolescentes, especificamente quando sofrem o temor da ofensa, do desagravo, da armadilha e da pusilanimidade dos covardes, que soem não se apontar como responsáveis pelos maus atos, imergindo nas sombras do desconhecido ou na prepotência sobre a inibição ou timidez dos demais. Passou-se, pois, uma histórica fase escolar em que não se puniam os culpados, ainda que apanhados fossem em flagrante delito.

Quanto a Rodolfo, sobrara-lhe o resquício dos antigos temores de contrariar os mais velhos, de sorte que ocultava todos os malfeitos aos olhos de quem não acusava como os realizadores de sua desgraça. De resto, o episódio do irmão não deve ser colocado na conta de causa única. Talvez tenha sido a mais ostensiva e sobre a qual a consciência mais calcou, para a justificação de toda a vida. No etéreo, o rapaz (desencarnou aos vinte e dois vítima de latrocínio) prosseguiu inculcando os pais (não mais o irmão), até que compreendeu quem era na realidade pela revelação dos antigos pendores psíquicos. O que lamenta ainda é o fato de ter perdido a oportunidade de desfazer alguns entraves morais, pela aplicação generosa das incipientes virtudes, em favor dos parentes e amigos.

Deslanchamos um pouco na apreciação dos eventos carnais porque nos parece esta uma situação muito frequente, sem que haja, todavia, o mesmo extremismo de reações, acabando a grande maioria por compreender a eventualidade da perda da primazia no coração dos pais, passando a agir em concordância com a realidade, aprendendo que nem tudo na vida deve pretender-se centrado na gente.

Ouvido em estado sonambúlico, estive muito perto de acertar com os padrões mais corretos do procedimento de captação dos meios de superar os aspectos inferiores de seu triste aparato psíquico. Interessava-nos saber se mantinha algum ódio no coração, pelos sofrimentos supervenientes:

— Você acha que já perdoou o que seus pais realizaram em prejuízo de sua vida?

— Perfeitamente, ainda mais porque a alegria deles pela vinda tardia de meu irmão se deu em complementação à que sentiram quando eu mesmo lhes cheguei. Eu é que não soube compreender o quanto de amor ainda lhes restou no coração para mim, como não soube perceber o quanto sofreram quando descobriram o grande patife em que me transformara.

— Significa que eles o abandonaram, desvelando-se totalmente pelo outro, quando viram você perdido para os vícios?

— De modo algum. Eles se empenharam sinceramente em me ajudar, buscando todos os recursos disponíveis, dentro dos poucos haveres que possuíam, para me darem condições de restabelecimento da saúde mental. Mas não houve medicina que me curasse nem clínica que me atendesse, tanto mergulhei na demência das drogas.

— Quer dizer que não haverá nenhum atrito se vocês se encontrarem?

— Tanto não haverá como não houve, pois nós já nos reunimos por duas vezes, durante o sono deles. Se fossem espíritas (vejam a malícia desse *se*), iriam pleitear junto à mesa de

desobsessão que me apresentasse para poderem prosseguir atuando sobre a minha educação, o que lamentam, sem saber como ressarcir-me da invigilância fatídica, a não ser protegendo o meu irmão, agora com a idade de dezesseis anos e começando a vida de rebeldia própria dessa fase, tal qual ocorre no seio das famílias da classe média.

— Por que você nos chamou a atenção para a condicional? Terá sido para nos dizer que, se os seus pais fossem espíritas, teriam tomado as providências cabíveis na época mais oportuna, evitando o seu descalabro de comportamento?

— Aqui não pretendo levantar o problema dos filhos de espíritas convictos, porque sei que existem de todo tipo, desde aqueles ferrenhos defensores da doutrina sob a autoridade paterna e materna, porque veem e compreendem os eventos mediúnicos e sabem sopesar os conceitos filosóficos e morais, em confronto com as tarefas de assistência, tendo em vista a necessidade alheia, até quem se ria da ingenuidade dos que veem nos fenômenos paranormais (notem que modifiquei o nível vocabular) simplesmente a sugestão anímica dos próprios médiuns ou a transmissão telepática dos pensamentos e dos sentimentos dos outros encarnados, tudo dentro apenas da matéria, na qual são incapazes de constatar qualquer mistério.

— Você está expendendo ideias das quais não irá recordar-se quando o chamarmos para a realidade? Está parecendo-nos que são meditações muito próximas dos estudos que levamos a cabo na *Escolinha*, para serem o resultados das lucubrações inconscientes.

— Têm razão. A hipnose está servindo-me para ser o mais claro possível a respeito de temas sobre os quais venho pensando há algum tempo. Se vocês não atinaram ainda, creio meu dever dizer-lhes que o volume de meus débitos não é demasiado grande. Vou ter de restaurar o princípio cármico, o que se dará apenas por meio de nova encarnação, talvez um pouco menos abonada do ponto de vista social. Mas isso é ilusão minha, não o resultado de profundo

exame da realidade psíquica em função das provas a que deverei ser submetido.

— Estamos sentido que você tem o vezo das programações. Terá sido esse o pior conflito íntimo que venha enfrentando, por não haver dado à vida o exato valor quanto aos efeitos de melhoria geral do espírito?

— Sei que estão apenas provocando-me, para saber se percebo que uma resposta direta venha a demonstrar certa inocência ideológica, e uma resposta brusca, o espírito de rebeldia contra as diretrizes metodológicas desta instituição educacional. Não sou muito inteligente, mas temo que, desta vez, descobri as intenções que se acobertavam. Ou não?

— Deseja uma resposta franca?

— Por certo. Digam a verdade e não irão ofender-me.

— Pois estávamos certos de que você seria capaz de responder ao que lhe perguntávamos. O que não sabíamos era se cairia na armadilha para a revelação do sistema impregnado em sua personalidade fundamentado nas desconfianças. Esse foi o defeito maior que descobrimos. A sua atuação na carne, tendo em vista as decepções sofridas, firmou o princípio de que as outras pessoas estão sempre mal intencionadas. Mas, como não temos razão para condenar ninguém, muito menos para recomendar que se atue diretamente sobre o mal que apontamos afoitamente, atenuamos a observação para mera intuição da nossa parte, dado que os elementos que nos serviram de base não podem ser conclusivos. Fique apenas para sua pesquisa interior.

— Em suma, vocês vão recomendar que eu saia em peregrinação assistida, para intentar melhorar ainda mais o meu relacionamento com meus pais?

— Vamos recomendar mais do que isso. Vamos pedir aos mestres que nos ajudem a refletir sobre como abrir a mente de seus parentes para o espiritismo.

— Espero que vocês tenham algum sucesso, porque já tentei esse alvitre e fui rechaçado como pretensioso, apesar da lhanura com que me trataram. Eis o desconfiômetro em ação...

Quando nos reunimos para os debates do caso de Rodolfo, Resildo orientou-nos da seguinte maneira:

— Deixem Rodolfo em paz, que ele precisa auxiliar os demais membros da equipe. A sua situação junto aos parentes é muito cômoda, no momento atual. Não há crise alguma a ser vencida por ele mesmo. Guardem as anotações para passarem aos encarnados, tão comum é essa situação. Não terá grande proveito, tendo em vista que nenhuma solução foi dada. Mas quem sabe encontrarão os leitores algum elemento que possa servir-lhes para enredarem-se nos meandros dos conceitos superiores do espiritismo, examinando com mais sagacidade do que nós os preceitos de aplicação imediata em suas próprias vidas. Não é este um final bastante feliz para mais um capítulo?

## SÉTIMA PEREGRINAÇÃO ASSISTIDA

Gustavo pediu-nos, encarecidamente, que não descrevêssemos os seus problemas mais agudos. Podemos dizer que morreu vítima de dose maciça de cocaína; e fim. Quanto aos fatos que deram origem à sua queda no vício, desejou que omitíssemos, porque, acredita ele, seria com muito rancor que os humanos leriam sobre as suas culpas.

Não costumamos respeitar esse tipo de solicitação, contudo, é muito forte o argumento das vibrações *necroscópicas*, como se o elemento de má conduta (ainda que a pior de todas) não estivesse aqui mais do que como um corpo em decomposição. É bem verdade, reconhecemos, que muitos se restabelecem a custo, dada a *putrefação* do corpo espiritual durante a permanência nos arcanos conscienciais.

Esta linguagem puxando ao escarmento não calha bem, no entanto, é sempre preferível a esconder os pensamentos em detração íntima contra os que nos ofendem sem titubeios e às escâncaras. Sendo assim, não só os mortais apresentam sistemas de contenção dos entusiasmos pela possibilidade de assistência espiritual (vejam o anátema contra os suicidas, para quem as missas estão proibidas), como ainda recobram ânimo no ódio inconsiderado contra quem malevolamente prejudicou alguma pessoa tida como inocente ou cumpridora, no mínimo, das atribuições sociais (vejam as execuções públicas dos linchamentos).

Também não queremos ofender ninguém. Ao contrário, estas mensagens visam ao soerguer de quem se encontra caído na sarjeta dos vícios e dos crimes, tanto que nos expomos com o coração

aberto. Gustavo é que não permitiu que lhe escancarássemos as portas ao passado.

Seja como for, as derradeiras manifestações do grupo se encontram muito mais analisando os problemas nossos do que fornecendo pistas para que se furtem os encarnados aos castigos obrigatórios aos que contrariem os ditames das leis universais, cósmicas, divinas. A natureza, dizem, cedo ou tarde, cobra; e jamais esquece. Enquanto estamos vivos, a melhor política é compreender a necessidade de fazer o bem, ainda que aos inimigos (segundo a palavra de Jesus); e fazê-lo de mãos limpas, seguindo roteiro bem definido de concretizações cármicas de valor.

Quando dizemos que, ao se ferirem através das drogas, os irmãos estão contraindo fortes débitos cujo resgate vai tornando-se cada vez mais difícil, conforme a intensidade com que deixam de prosperar, estamos fazendo referência a coisas sumamente concretas do ponto de vista dos espíritos desencarnados, erráticos através da dimensão etérea imediatamente subsequente ao campo carnal. Aos leitores poderá parecer fantasmagórico, histórias da carochinha mais propícias para embalar o sono ao boi. Tanto mais se desleixarmos o rigor vernáculo e começarmos a fazer graça com as palavras e expressões.

Temos um objetivo que vamos tornar claro, qual seja, o de que nenhum *beletrismo* literário alcançará disfarçar o negrume em que imergirão os devedores. Está certo que cada qual possui um corpo seu, que lhe foi entregue juntamente com a vida. Mas existem, incrustados nesse corpo, sistemas vários para proteção do organismo, o que quer significar, necessariamente, que qualquer tópico gerado por depressões pessimistas não é natural, do ponto de vista da herança psicofisiológica impressa no rol cromossômico do ADN, ou como se queira denominar o conjunto de fatores que dão textura à vida na terra.

A partir daí, tudo o que se faça em contradição com esses princípios gerará um compromisso de restabelecimento físico, nesta

ou noutra encarnação. É fatal que seja assim, até para aqueles que dominarem todos os princípios doutrinários do espiritismo e que, num momento de delíquio, de loucura, de insensatez, ofenderem a si mesmos. É um contrassenso semelhante exemplo? Pois quem o afirme deve ter suficiente capacidade para aceitar o que vimos expondo.

Aí está o que não gostaríamos jamais de propor: um texto que provoque a ira aos leitores. Ora, não hão de ficar raivosos os que descobrirem que, por princípio, a nossa turma não veio trazer todos os seus estudos apenas porque alguns mais fracos não gostam de se retratarem nas descrições mais cruas?

Pois Gustavo foi arguido como os outros. Eis algumas de suas respostas. Perguntamos:

— O que você espera realizar em proveito próprio pela ida ao setor dos encarnados?

— Espero satisfazer a necessidade de vibrar em favor de alguém que esteja na iminência de praticar algum ato em prejuízo próprio.

— Quer dizer que você, sub-repticiamente, está afirmando que não fizeram o mesmo para com você?

— Digo francamente: quando estive em situação de perigo, foram entidades do pior naipe que me perseguiram até o fim.

— Você, encarnado, tinha momentos de feliz vibração pelos irmãos?

— Nenhum, lamentavelmente.

— Estamos procurando entender se você está preparado para o auxílio oportuno, pelo que nos esclarece. Entretanto, por fazer parte desta classe, suspeitamos que, como nós outros, esteja fadado a permanecer trabalhando sem contato com os seres imperfeitos, de quem tão interesseiramente está desejando aproximar-se. Não é assim que devemos pensar?

— Pois eu quero ir logo para o *front*, para pelejar a melhor batalha.

- Desarmado?
- Na companhia de equilibrada turma de socorristas.
- Que entende você por equilibrada?
- Um conjunto formado de médicos, enfermeiros, técnicos em sustentação fluídica, conselheiros evangélicos, guardiães, para a contenção dos agressores, e auxiliares gerais, para o transporte, a limpeza do ambiente, o contato com os seres cordatos mas de espessa camada de culpas...
- É nessa qualidade que você deseja seguir, naturalmente.
- Sem dúvida. Estarei esperando muito?
- O nosso medo é de que não consigamos tirar nenhum proveito para nós, porque ficaremos envolvidos na densidade vibratória dos que utilizam os ingredientes que nos prejudicaram, o que nos impedirá de realizar qualquer trabalho efetivo.
- Mas vocês estão dispensados de me acompanhar.
- Agora você está exorbitando. Sem a nossa companhia, ninguém sai, a menos que depois não volte. Estará você tão abalado, para cair na esparrela da malícia...
- Não continue, por favor!
- Terá o seu pedido inicial o objetivo de impedir-nos algumas questões relativas a intenções que você pretendia deixar subjacentes? Estará você armando sutilmente uma fuga da colônia? Não está contente com o tratamento que vem recebendo? Que lhe falta, para sustentar-se incólume perante a vontade oriunda da antiga dependência? Sabemos que você tem estado muito tempo nas câmaras de descompressão. Mas você pediu-nos que não revelássemos nada que poderia atrair a má vontade dos leitores.
- Espero que as acusações não sejam passadas para o plano carnal.
- Serão apenas no caso de você, um dia, resolver autorizar-nos. Para isso, vamos suspender a entrega aos elaboradores redacionais. Contudo, podemos afirmar desde já que o seu

depoimento, mais ainda, a sua postura mental está em contraste absoluto com a de todos os demais.

Precisamos dizer que a entrevista se encerrou naquele mesmo instante e que Gustavo não acreditou nas próprias assertivas que depois lhe apresentamos gravadas? Pois esta mensagem ficou na gaveta durante muito tempo, até que, por razões próprias, deu-nos permissão para reproduzi-la parcialmente, em forma de contribuição. Sabemos que carece de lógica, de elegância e de precisão. Mas não poderíamos deixar de relatar a estranha reação do colega, principalmente o extremo receio de promover a desordem mental nos leitores, com a consequência da vibração deletéria contra os comunicadores e contra o artífice da experiência negativa.

Pedimos que se juntem a nós em preces votivas de melhoras pelo companheiro em vias de regressar ao hospital para alienados mentais.

Como último arremesso, resguardemos o princípio de que ninguém retrograda. Gustavo foi aceito pelos professores para que participasse do grupo, com o fim de servir de parâmetro, além de receber de todos nós o apoio moral de que estava necessitado. No entanto, em lugar de ficar apenas recebendo o influxo do companheirismo, imaginou que poderia empreender ligeira excursão à zona de consumo de drogas, insatisfeito com as doses controladas que lhe eram ministradas.

São fatos desta natureza que põem os encarnados de sobreaviso quanto às dificuldades que enfrentamos. Mas não dissemos jamais que somos perfeitos. Ao contrário, declaramos as enormes clareiras morais, intelectuais e sentimentais em nosso deserto de virtudes. Tudo é excessivamente mau e algo ainda é pior. Mas, graças a Deus, estamos aqui, local de trégua na guerra de que mal acabamos de sair e para a qual deveremos voltar.

Não queiram, amigos, pertencer jamais a um núcleo de sofredores como o nosso. Mas, se pensarem como o irmão Gustavo, vão enfrentar sérios problemas.

Quanto ao título da mensagem, relevem o fato de imaginarmos que ofereça algum motivo para reflexões, porque não houve, na verdade, nenhuma peregrinação ao orbe, para atendimento das pretensões do colega. E isso terá alguma importância, perante a tristeza dos eventos narrados?

## OITAVA PEREGRINAÇÃO ASSISTIDA

Não podíamos deixar de atender ao amigo Leonardo, que tanto lutou para ser o primeiro (ou o último da fila). Naquele momento não era ainda o redator que mais tarde contribuiu com vários desenvolvimentos.

Chamado para a entrevista, custou para se deixar hipnotizar, tantas brincadeiras fazia, descaracterizando o clima de concentração necessário para o envolvimento fluídico. No entanto, foi ele mesmo quem se reconheceu em dificuldade e pôs-se a lamentar o procedimento inconveniente, mas sem perder vaza alguma para gracejar.

Resildo estava presente mas deixou o aluno à vontade, contrariando as expectativas da classe, pois pretendíamos que fosse chamada a atenção ao impertinente. Enfim, com paciência, conseguimos adormecê-lo para a realidade próxima, despertando-o para os focos de seus problemas íntimos.

À vista das dificuldades de redação, sem dúvida cabe um comentário a respeito das descrições que levamos a cabo em torno dos fenômenos que ocorrem no etéreo sem o exato correspondente no plano material. As expressões não se ajeitam e as comparações são só aproximativas. Se quiserem algo mais apropriado para o conhecimento dos nossos passos, devem abismar-se nas profundezas do *ego*, para ver se incitam a memória perispiritual a que lhes transmita ao consciente alguma fugidia impressão dos conhecimentos transcendentais à matéria terrena. Se nada obtiverem com o sistema intuitivo, terá sido mais uma razão para nos estranharem as palavras, porque não guardam reminiscência da aparelhagem que utilizamos.

Será para preocupar? Desconfiarão os leitores de que nunca estiveram tão adiantados quanto a gente, para que jamais tenham frequentado as colônias umbráticas?

Isso pode ocorrer, mas o que é mais fácil de suspeitar-se é de que não tenham dado importância aos instrumentos à disposição dos mentores espirituais, dada a ocupação própria a que estariam destinados. São tão especializadas as tarefas dos seres neste setor dimensional que é pouco provável que os encarnados comuns (aqueles que não cumprem missões de alto padrão moral) tenham examinado os aparelhos que lhes facultaram a restauração da saúde perispiritual.

Mas a que vem a digressão, se o caso do irmãozinho se voltava para o problema da incapacidade de concentração?

É que desejamos assinalar que as pessoas usam de métodos para o disfarce dos vícios da personalidade, aspirando a serem tidos como normais segundo a sociedade em que se inserem. Dessa forma, costumam pregar na face a máscara das conveniências grupais e passam a representar um papel no teatro da existência. Leonardo gracejava, quase sempre obrigando os parceiros a prestarem atenção no teor do que dizia, porque desejava ocultar os pensamentos sérios. Quanto a nós, não apreciamos descrever os utensílios, inculcando as dificuldades de correlação entre os planos, porque, na verdade, não sabemos como é que se constroem e por quais meios são operados, já que somos assaz ignorantes, nesse campo. Se nos perguntarem a respeito das drogas, aí somos doutores, mas estamos impedidos de demonstrar os conhecimentos por razões esperamos que óbvias para os leitores.

Servimo-nos da digressão também para falar um pouco a respeito da personalidade do companheiro.

Eis a conversa que com ele mantivemos:

— Por que você se propôs com tanto empenho para a dissecação psíquica?

— Estou ávido pela crítica superior a respeito de meus padrões de comportamento.

— Você não está contente consigo mesmo?

— Contente até que estou porque possuo amigos que me compreendem e me estimulam a melhorar. O que não sei é o quanto vai demorar o meu processo de *espiritualização*, uma vez que não confio em que o meu descortino seja o mais eficiente para a descoberta das causas de meus inúmeros defeitos, estes, sim, à vista da consciência.

— Suponha que nós sejamos *ilustres* desconhecidos. Daria para dizer-nos quais são os seus defeitos?

— Perfeitamente, mas temo que não vá poder caracterizá-los em sua extensão. Explico-me: se disser que sou egoísta (e sou), em que grau do egoísmo me situo? Sabemos que os sentimentos são mais ou menos intensos, segundo o nível de adiantamento dos indivíduos. Vocês saberiam me dar uma escala em que me enquadre?

— Vá de zero a dez.

— Essa é a dificuldade. Para muitos devo levar um zero; para outros mereço a nota dez. Eu mesmo não sei dizer que nota devo atribuir-me. Às vezes, concordo com os primeiros; noutras, desconfio estar próximo do melhor desempenho.

— Caracterize *egoísmo*.

— Egoísmo é o processo mental por excelência para que o sujeito se preocupe apenas consigo mesmo e nada com os demais.

— Boa definição. Você acha que não se preocupa com os outros. É isso?

— Pois se eu insisti tanto para ser atendido primeiro, merecendo a raspança da parábola que Resildo me pespegou na insólita fila da meia-volta...

— Foi a maneira que o instrutor encontrou para passar-nos uma simples lição.

— Isso eu entendi. Noutros tempos teria levado a rumação da invectiva às últimas consequências. Cheguei mesmo a perceber a gentileza e a benquerença do amigo Resildo. O que estou afirmando é que, subjetivamente, ou seja, sem a máscara das conveniências sociais, estava verdadeiramente merecendo a reprimenda.

— Agora você está fazendo considerações filosóficas.

— Estou mesmo e pouca gente está em condições de me compreender. Explicito o tema que levantei. Egoístas nós todos somos naturalmente, porque, segundo o que Jesus mesmo nos recomendou, devemos amar aos semelhantes (eu grifo) *como nós amamos a nós mesmos*. O que ocorre comigo é que, pelo fato de ser cumpridor das obrigações, faço o melhor que posso, segundo os regulamentos da instituição e as prescrições dos mestres. Além disso, participo de todos os trabalhos da classe, seguindo a ardorosa demonstração de esforço que o hábito nela instalado me impõe, porque não quero ser diferente de ninguém. Vejam que estou analisando-me na superfície da estrutura psíquica. No fundo dela, porém, como estou tendo a faculdade de observar nesta imersão hipnótica, vejo que todos os movimentos são tão só externos, não repercutindo com naturalidade naquele eu que realmente sou.

— Você gostaria de ser autêntico, evidentemente. Mas se for segundo a perspectiva íntima talvez nada realize de concreto em favor dos semelhantes. Se der vazão aos sentimentos menos puros, não terá condições de aprender a conviver nem de estudar os ensinamentos evangélicos. Você não acha que o exame que está realizando é proveniente das noções morais que vem assimilando como conhecimento e que o que está faltando é a adesão da sensibilidade?

— Vejam que falei apenas quanto ao egoísmo. No entanto, existem todos os seus corolários de extraordinária perversidade: o orgulho, a vaidade, a má-fé, os distúrbios entre o querer e o poder, pela sufocação da vontade com a consequente rebeldia íntima, que

busco esconder pela vibração grácil das participações que levo a efeito junto ao grupo de amigos...

— Vá parando por aí. Se você está deseioso de descrever a cada um de nós, está no caminho certo.

— Eu não disse que sou egoísta? Pois em nenhum momento me lembrei de qualquer um de vocês. Se estão vestindo a carapuça, estão me causando inaudita surpresa e profunda comoção.

— Não é uma questão de vestir o que quer que seja. O que estamos ponderando é que todos nós somos deficientes morais, sem dúvida, mas sufocamos as reações de desgosto, cada qual ao seu modo, aguentando o mais possível as tremendas acusações que se originam das culpas. Mas o que vimos fazendo estamos pondo no outro prato da balança, para ir equilibrando o sistema cármico desde já, reservando para as futuras tarefas de encarnados os resgates mais pesados. Se já foi tão dificultoso vencer as batalhas contra os adversários que criamos, pela superação do ódio que se instalava no nosso coração, agora há de ser menos penoso lutar contra o desafeto consciencial.

— Quero agradecer...

— Que agradecer o quê! Se estivéssemos aqui para sermos aquinhoados pelas palavras e pelos sentimentos de regozijo dos assistidos, estaríamos marcando passo. É preciso reconhecer a boa vontade dos que se sentem mais confortáveis consigo mesmos e seríamos demasiado ásperos se ficássemos surdos a eles. No entanto, acima de tudo, compreendemos a longa estrada que se abre para o distante horizonte da perfeição possível ainda nesta área em que mourejamos (em que nos debatemos) e nos pomos entristecidos pelo fato de não termos entendido antes o que Jesus esperava de nós. Mas vamos levando de vencida os episódios em parcelas, estabelecendo as vitórias pequeninas como simples degraus que não estamos em condições de saltar. O mais é trabalhar disciplinadamente em favor do próximo e instruir-nos sob o guante

ameno dos professores, até que o amor evangélico que o Cristo nos ofereceu passe a fazer parte de nossas personalidades.

Quando Leonardo despertou, não sorriu nem desejou escorregar pelo vezo antigo das brincadeiras. Ouviu com muita serenidade a gravação da conversa, afirmando aqui e ali que se recordava das colocações que dariam sequência ao diálogo, e se pôs a abraçar a cada um dos companheiros, sussurrando-nos aos ouvidos:

— Muito obrigado, irmão, por você existir também para mim. Sei que estou perdoado por ser tão defeituoso. Contudo, se ficou qualquer mágoa em seu coração pelo meu procedimento anterior, perdoe-me mais uma vez, para garantir a paz e a serenidade à sua alma.

Depois, tendo verificado que todos aguardávamos um pronunciamento relativo à sua expectativa quanto a ir visitar os parentes na terra, assegurou-nos:

— Tenho medo de expressar-me perante o público reunido em assembleia. Estou segurando o desejo de escapar pela tangente da pilhéria, pois não me está fazendo bem este sentir-me envergonhado. Sei que deveria pleitear a comiseração de Resildo para me permitir a excursão, mas preciso estudar de novo os objetivos que tinha em mira, agora que me vejo um pouco melhor. Afinal, devo considerar-me um simples *meio-filista*, ou seja, um pobre que não há de ser nem primeiro nem último, o que não deve ser posto na conta das brincadeiras mas da pura expressão da verdade.

Foi Resildo quem atenuou um pouco o choque das pungentes revelações:

— Todos nós apreciamos o bom humor e as sacadas inteligentes e oportunas, desde que acompanhadas de ponderações justas e honestas. Aliás, se neste palco existencial não estivéssemos de máscara, era preciso arguir a consciência a respeito do que estaríamos fazendo aqui. Pelo menos, carregamos a certeza de que

somos fracos e necessitamos melhorar. Bem piores estão os que se creem isentos de imperfeições e se estimam superiores. Almejar o equilíbrio entre o poder e o querer não há de ser pecado, desde que se estimem as leis de Deus como o roteiro que nos conduzirá nas sendas evolutivas. Vamos trabalhar porque muito nos resta cumprir dentro das diretrizes que nos foram propostas pela administração da *Escolinha*.

Seis meses depois, acompanhamos Leonardo em tranquila viagem para o conforto dos pais, que se emocionaram com a presença dele junto à mesa de trabalhos mediúnicos, após anos a fio de perseverante evocação. Foi um dos melhores momentos desde que estagiamos na colônia. Fiquem as sugestões para a meditação atilada dos irmãos leitores.

Graças a Deus!

## NONA PEREGRINAÇÃO ASSISTIDA

Resildo pediu-nos um momento de atenção para discorrer a respeito de sério tema dentre os que agitamos até aqui. Mas não desejou imprimir a sua forma de expressão, dando ao grupo total autonomia para refletir sobre o que nos propôs, para a elaboração da mensagem.

Após ler os nossos rascunhos, afastou-se da equipe por cinco justos dias, atribuindo as tarefas de instrutor a um companheiro da equipe dos docentes. Voltou com o cenho carregado, passando-nos a impressão da mais profunda seriedade. Foi assim que iniciou a aula:

— Vocês devem estar surpresos com a minha atitude, porque não estava no programa comentar a respeito dos traficantes e demais pessoas envolvidas com a produção, a distribuição, a venda e a garantia do comércio ilegal de drogas. É sobre isso que desejo falar-lhes. Mas não vou fazer uma exposição *ex cathedra*, senão que dou preferência a que me interrompam sempre que algo não estiver bem claro.

Vários parceiros impacientaram-se porque tinham desempenhado algum dos papéis aludidos no preâmbulo. Resildo, porém, foi logo apaziguando-lhes os ânimos:

— Nós havíamos combinado de não tratar desses elementos porque não queríamos emanar vibrações de baixo teor contra ninguém, muito embora tenhamos queixas em relação a muita gente que permanece enfronhada na carne, prosseguindo nas atividades de subversão do humanitarismo evangélico. Por isso, vamos orar por eles uma prece compungida, solicitando ao Pai que lhes proporcione oportunidades de reflexão sobre o que fazem, lhes

dê recursos para se regenerarem e, se possível, repararem ao menos uma pequena porção dos crimes. Eu vou puxar o pai-nosso e vocês se concentrem nas pessoas que reputam as mais perniciosas para suas existências, buscando propiciar-lhes um momento de conforto consciencial, para o necessário exame de seus atos.

O tempo que levamos para estabelecer o clima de superior harmonia cármica com as forças que denunciávamos como representativas da própria maldade foi de exatas duas horas. Enquanto a turma não se enquadrava no princípio moral determinado, Resildo não deu início à prece. Mas recebemos forte ajuda dos mentores da colônia, previamente alertados para o intento do instrutor. Se dependesse apenas de nós, estaríamos até agora reunidos sem sucesso.

Seria de interesse falar como é que os benfeitores da colônia nos ajudaram. Resumindo, porque se trata de mais um tópico daqueles sem correlação com o que os encarnados conhecem, podemos dizer que ouvíamos a voz dos mentores, como se estivéssemos *mediunizados* ou *imantados*. Eles procuravam vasculhar os meandros dos nossos sentimentos, alertando-nos para as falhas mais prejudiciais ao ato de amor que nos cabia realizar. Ouvíamos palavras de incentivo, como estas:

— Deus é pai! Deus é pai! Foi Jesus quem apregoou a figura de Deus como de pai. Qual pai daria uma pedra ao filho com fome? Deus é pai de amor, de misericórdia. A sua luz alumia-nos os caminhos do bem e nos conforta para a apreensão da verdade. Deus é pai; é pai de todos nós; e a todos distribui as oportunidades de redenção. Jesus, que se poderia considerar o mais injustiçado dos homens, aquele que maior rigor poderia solicitar contra os juízes que o condenaram, pediu o quê? Pediu a Deus que perdoasse os algozes, dizendo: — Pai, perdoai-os porque não sabem o que fazem.

As incitações ao bem, ao amor e ao perdão foram surtindo efeito nos corações dos alunos, até que nos condicionamos para a

emissão de vibrações saudáveis para aqueles que considerávamos nossos inimigos.

Após a prece, Resildo prosseguiu:

— Infelizmente, temos de enfrentar a dura realidade da existência desses seres infelizes. Se pudéssemos, como num passe de mágica, ainda que com o sacrifício de milhares de anos de sofrimento, tornaríamos todas as criaturas envolvidas no ramo das drogas em almas compreensíveis, ao menos no que toca ao fato de não respeitarem a integridade física e espiritual dos semelhantes.

Nicanor, um dentre os que traficaram, pediu a atenção para uma observação pertinente:

— Caros irmãos, pretendo regenerar-me sob a luz do evangelho. Os que me conhecem sabem o quanto me dou aos estudos e o quanto procuro produzir em favor do próximo. Na derradeira encarnação, trafiquei, coagido pelo próprio vício. Qualquer descrição que hoje faça poderá parecer simples vanglória, porque logrei os meus intentos, até que me *apagaram* como *queima de arquivo*. Talvez tenha sido o que de melhor me sucedeu na vida, porque não vejo como é que iria subtrair-me à influência das drogas ou às imposições dos mandachucas. Diante da minha experiência, temo que tenha de concluir por certa inocência de muitos que se dedicam a tão nefando mister. Verdadeiramente, eles não sabem o que fazem. No entanto, quando desembocam no etéreo, são acusados tão intensamente que se veem num verdadeiro inferno. Se Deus é pai de misericórdia, deveríamos também orar pelos que perseguem os criminosos, os quais também não sabem o que fazem.

À vista da manifestação do colega, Resildo adiou o restante da aula e nos propôs a imantação hipnótica do orador, debaixo da proposta de levá-lo em peregrinação até onde se encontravam os que o haviam executado.

Nicanor concordou de pronto e rapidamente se pôs em estado sonambúlico.

— Você está de acordo com tudo o que disse em favor de certos traficantes ou apenas se manifestou empolgado pelas palavras de incentivo evangélico que ouviu dos preceptores?

— Posso dizer que não precisei de mais do que dez minutinhos de apoio vibratório, aguardando em preces até que todos imergissem nas águas tépidas da boa vontade.

— Existe algum traço de ironia nos seus pensamentos?

— Sem dúvida, estou fabricando um tipo de reação malévola, mas faço isso com o intuito de provocar as lições de que me julgo merecedor.

— Não será esse o pior caminho para se chegar à verdade?

— É que estou habituado a receber todo tipo de impacto de forças negativas, de forma que acabei criando grossa casca para repelir as agressões. Muitos daqui passaram por crises de consciência poderosíssimas. Poucos, entretanto, estão em condições de saber o quanto sofre quem é perseguido pelos irmãos que se tornaram ferrenhos inimigos.

— Entre esses, você coloca quantos da classe?

— Não coloco nenhum, a não ser por esporádicas vibrações endereçadas em sentido geral e que se concentram em mim, por estar à mão. Estes também não sabem o que fazem.

— Você os tem perdoado em consonância com as próprias expressões do Cristo?

— Esse é o lastro de culpa mais difícil de soltar. No meu discurso, enfatizei a necessidade da prece a todos os que chamei de *inocentes de certo modo*, mas pensava sobretudo em mim mesmo.

— Consideramos as suas observações muito lúcidas, tanto que nos parece cediço trazer-lhe qualquer acréscimo de conhecimento evangélico. Não é verdade que você absorveu integralmente os textos sagrados?

— É verdade, não obstante, estou carente de compreensão, porque todos os parentes, amigos e companheiros me viraram as costas. Soube que me constituí em assunto de primeira página dos

jornais sensacionalistas e que a foto de meu corpo desfigurado ali foi impressa, para o impacto da população ávida por novidades de sangue. Os ânimos se viram acirrados e os criminosos que me receberam não tiveram a mínima compaixão por mim.

— Pela forma que você se expressa, temos a impressão de que a sua luta se desenvolveu com extrema ferocidade. Como é que em tão pouco tempo logrou agasalho junto a esta colônia? Mais ainda, como é que foi admitido na *Escolinha*?

— Esse é segredo que ainda não desvendi. Imagino que tenha recebido o apoio de algum figurão não identificado, mas a suspeita colide de frente contra tudo quanto venho aprendendo a respeito das ações em prol dos mais perversos, entre os quais cheguei a me incluir.

— Não terá sido essa conscientização dos males que você provocou que lhe deu mais rápido acesso a esta casa?

— Desconfiei também desse fator mas foi tão mínimo o meu arrependimento que não pude considerá-lo com peso suficiente para o equilíbrio momentâneo de minha balança cármica.

— Quantos traficantes você conheceu que se encontram em estágio de tão notória ascensão, tendo em vista o rol das atividades em desacordo com as normas cristãs?

— Conheci três, mas o dever humanitário me proíbe de revelar quem são.

— Não temos interesse algum em identificar esses indivíduos como ex-malfeitores. Todos os seres de nossos relacionamentos tiveram contas a ajustar com suas consciências. O que desejamos saber é se vocês se encontram de forma amistosa, para mútuo amparo no aprendizado que empreendem para superação dos problemas.

— Imagino que estejam fazendo referência às clínicas para drogados existentes na terra, onde as pessoas procuram nas outras a compreensão das próprias causas para o consumo dos

alucinógenos, bem como os meios para enfrentarem os danos quase irreparáveis de seus efeitos.

— Guardadas as devidas proporções, é pouco mais ou menos isso aí.

— Pois bem, na verdade, entramos em conflito e renegamos entre nós, como se fizéssemos de cada um o espelho do outro; e o reflexo não foi nada agradável. Na terra, o método pode até ser positivo para a cura ou atenuação dos dramas individuais, sempre acompanhado de outras atividades tendentes a ocupar o cérebro através da atribuição de responsabilidades gregárias. Não sou a pessoa mais indicada para este tipo de informação técnica. No etéreo, com certeza, a reunião dos traficantes mais aguerridos, mesmo em processo de superação psíquica dos males, haverá de ser pernicioso para os fins da salvação, porque, se me permitem repetir, eles ainda não sabem o que fazem. Aqui, o método há de ser o do interesse dos entes melhor dotados espiritualmente.

— Isto quer significar, necessariamente, que você não se entrosa neste grupo, que foi reunido justamente tendo como critério os problemas comuns e a semelhança existente entre as nossas personalidades?

— Não vejam no que disse uma crítica às diretrizes programáticas, pelo amor de Deus! Quero afirmar, ao contrário, que me sinto muito bem entre os colegas, a quem agradeço tanta afeição e tanto interesse, como se comprova nesta sucessão de sugestões que me passam através das perguntas e, principalmente, por meio da sustentação energética que estão dando-me para tão longa perquirição íntima. Mas não nego que tenho colocado objeções quanto ao método empregado.

— O que você propõe para melhorar o desempenho da turma nos estudos e na aplicação socorrista que empreendemos junto aos que estão ainda mais necessitados que nós?

Nesse ponto, Nicanor estancou. Alheou-se completamente das comunicações que tentamos estabelecer, obrigando-nos a desfazer

a corrente vibratória que lhe dava a condição para a hipnose. Acordou sonolento e, sob o influxo de poderoso sedativo, adormeceu, permanecendo acamado por duas semanas. Quando voltou às aulas, solicitou permissão para ouvir tudo o que dissera durante a sessão, mas desejou fazê-lo apenas na presença de Resildo. Após mais de duas horas entretidos com a gravação, ressurgiram abraçados. Foi então que Nicanor nos pediu que esquecêssemos tudo o que dissera em transe, sendo taxativo quanto ao seu pedido de perdão:

— Pai, perdoai-me porque não sei o que faço!

## DÉCIMA PEREGRINAÇÃO ASSISTIDA

Décio seria o próximo a se submeter à regressão de memória, como mais modernamente os homens estão denominando essa imersão no eu profundo, por meio dos recursos psicanalíticos, entre os quais o da hipnose induzida. Entretanto, o nobre companheiro abriu mão da vez, alegando que não estava preparado para a segunda parte dos trabalhos, ou seja, para a excursão à crosta terrestre.

Resildo lhe propôs a alternativa de decidir-se posteriormente ao exame que levaríamos a efeito. A resposta de Décio foi mais ou menos assim:

— Prezados colegas, sei que todos deveremos passar pela prova dos nove arbitrada de comum acordo com os professores. Só desejo adiar a minha vez, porque me sinto muito inseguro só com a ideia de me expor ao pessoal da família ou aos parceiros da turma das arruaças. Como vocês sabem, pertenci a uma torcida uniformizada, daquelas que não gostavam de se ver sob a arrelia dos adversários vencedores, mas que tudo fazia para depreciar os outros, quando nosso time vencia. Foi na sede da entidade (dita) esportiva que aprendi a fumar maconha, derivando desde logo para outros vícios. Vejam que eu era um trabalhador muito sério, apesar de humilde. Exercia o ofício de *boy* e me considerava o mais feliz dos mortais. Namorava muito e me dava bem, porque tinha facilidade de falar e muita lábia para as meninas. Mas isso não vem ao caso. O pior de tudo é que escondi de meus pais o que acontecia internamente no prédio da torcida, correndo por fora para a surpresa desarvorada (este termo aprendi com Resildo quando fui entrevistado pela primeira vez) dos meus parentes, quando sucumbi

vítima (vejam só) de uma bomba caseira que eu e mais dois preparamos para atirar sobre os desafetos. Só eu pereci no evento. Os outros dois tiveram algumas queimaduras sem importância e foram capazes de desaparecer, largando o meu corpo dentro do ônibus em que viajávamos. Sendo pobre, a polícia, como acontece quase sempre (se estou precipitando um julgamento desabonador, perdoem-me os leitores), não foi fundo nas investigações e tudo terminou em *pizza*. Meus pais, coitados, é que ficaram muito tristes porque gostavam de mim e o dinheiro que eu levava para casa, apesar de pouco, sempre ajudava nas despesas das compras de comida para os mais novos. Essa minha absoluta falta de responsabilidade tenho atribuído à inveja que dedicava aos mais abonados, aqueles que podiam ter os seus carrões do ano e outras coisas que eu só conhecia através das revistas que ficava folheando nos escritórios, onde passava o tempo *fazendo hora*. Estou me revelando um cara *bom de bico*, malicioso e, para o cúmulo do azar (para mim, é claro), os meus pais se voltaram para o espiritismo e ficam toda a hora amargurados, porque eu não vou conversar com eles durante as sessões. Eu bem que falei que era bom de *papo*. Se vocês me derem corda, não vão nem precisar fazer com que eu me interne em mim mesmo.

O redator pede a compreensão dos leitores jovens para o fato de não haver transcrito totalmente a linguagem do companheiro, toda ela muito expressiva pelos termos de seu uso coloquial de paulistano. Ficou a fala do parceiro meio *macarrônica* e explicamos o porquê do fato. Tivemos a intenção de solicitar ao orador que corrigisse o texto, mas ele teve a boa ideia de falar antes com Resildo, porquanto desconfiava de que todas as suas expressões particulares tornariam a fala obscura para os leitores de outras regiões ou de outras épocas, com o que o instrutor concordou. Décio foi um pouco além:

— Vocês devem fazer força pra contar o que se passa com a gente da melhor maneira, mas não creiam que terão o privilégio de

serem lidos por muitos encarnados. Se forem, pelo menos resguardem o linguajar misturado, acrescentando (como se fosse uma nota de pé de página) esta minha recomendação. Não é verdade que sou um *cara* prevenido?

Mas voltemos ao dia em que Resildo fez a proposta ao amigo para que se submetesse de boa vontade à imersão consciencial.

Após a longa fala, tivemos oportunidade de demonstrar que não concordávamos com a atitude dele, a qual daria oportunidade aos demais de solicitar a mesma coisa. Na verdade, o critério de Resildo para a escolha não era exatamente aquele da fila dos necessitados. Ponderava o mestre, principalmente, os meios disponíveis para um bom resultado, cabendo-lhe a ingrata tarefa da pesquisa junto aos elementos envolvidos nos relacionamentos de cada um de nós. De resto, mantinha as fichas atualizadas por informações trazidas pelos monitores que designava para os contatos.

Sendo assim, Resildo encostou o aluno na parede:

— Caro Décio, é bom que você saiba que estamos muito interessados em oferecer à classe a oportunidade da visita a um local para nós sagrado, qual seja, o ambiente de modesto centro espírita, onde pessoas mais humildes do que você, mais pobres e menos *espertas* (no sentido de *passar a conversa* nos outros), se reúnem para a prática do amor evangélico em relação aos sofredores do etéreo. Se você me frustrar essa fase do planejamento, terá mais um tópico com que se entender com a consciência. Nós atribuímos a cada aluno o devido valor, mas não podemos evitar o momento crucial da decisão. O seu livre-arbítrio vale tanto quanto o de qualquer outro na colônia, em função das realizações programáticas. Está entendendo aonde quero chegar? Arrisque um palpite.

O colega, coitado, suave em bicas, porque não esperava semelhante raspança. Mas não tinha o que fazer porque os

argumentos eram muito enérgicos e ele fora tomado de surpresa. De qualquer maneira, tentou uma explicação:

— Não pretendo ser a ovelha negra do redil. Se quiserem que eu me doe à imantação, tudo bem. O que não sei é se vou poder corresponder às expectativas, quanto a me apresentar aos meus pais.

— Quer dizer que concorda com a ida ao centro?

— Depois de ouvir a fita gravada pela voz da minha consciência.

— Você acha que vamos extrair alguma coisa além do que já nos disse?

— Nunca se sabe.

Após uns bons vinte minutos de trabalho, finalmente o companheiro se deixou influenciar pela indução hipnótica.

— Quanto tempo você permaneceu perdido no Umbral?

— Uns seis meses.

— Você acha esse tempo muito ou pouco?

— Sofri como um condenado. Só fiquei sabendo que se haviam passado seis meses, quando fui recolhido pelos socorristas da colônia.

— Mas esse tempo foi longo ou curto?

— Às vezes, dez minutos parecem muito mais do que cem anos.

— É sempre dessa maneira que você reage às questões diretas?

— Pouco mais ou menos. É que não vejo utilidade em pensar a respeito do maior ou menor mérito que tive em ser trazido para cá mais ou menos cedo que os demais.

— Terá você receio de despertar a inveja dos outros, dizendo que foi o que logrou a passagem mais rápida pelo desespero consciencial?

— Eu não iria tão longe nas conclusões. Talvez isso tenha passado pela minha cabeça, mas não teve peso muito grande na decisão de não responder.

— Então, o que mais pesou?

— Acredito que tenha sido o fato de subsistir a renitência em me apresentar aos meus pais.

— Você não vê nenhuma vantagem em dar conforto aos velhos?

— Vendo por esse prisma, até que deveria aplaudir a decisão deles e de Resildo.

— Mas não é verdade que, para progredirmos, temos de pensar muito mais nos outros do que em nós mesmos?

— Se fosse essa a minha ideia lá na terra, não teria sequer entrado para a *torcida*. Mas por que é que os humanos incentivam tanto as competições, as facções, as lutas e litígios entre os grupos? Até dentro das cadeias, onde os criminosos mais... (você entenderam), eles se reúnem para o efeito das gangues. Nas igrejas e até no espiritismo, formam-se grupos que estabelecem padrões de conduta comuns, para a defesa dos seus pontos de vista e de seus interesses espirituais. Em suma, não levem em conta o que estou dizendo, porque sou ignorante e só passo o tempo indo de um lado para o outro, não sei se pelo vezo adquirido de *boy* ou se fui *boy* pela própria natureza da minha personalidade.

— Esse ponto chega a preocupar você?

— Não preocupa mas eu sei que deveria.

— Você tem facilidade de falar. Por que não estuda mais para ter sobre o que falar?

— Então vou dizer algo bastante sério para mim: eu acho (digo *acho* porque não posso ter certeza) que possuo bom senso para me dar bem com as pessoas (menos quando estão do outro lado da área de isolamento nos estádios).

— Permita-nos uma correção. Você não tem bom senso. No máximo, sabe qual é o *modus vivendi* daqueles com quem convive e

vai levando a existência na *flauta*. Isso não recebe o nome de *bom senso*. É uma espécie de *senso comum*. Mas também não é totalmente o que se denomina de senso comum, porque você restringe o seu procedimento a duas ou três camadas sociais (em termos terrenos), desconhecendo completamente como deveria operar para satisfazer os princípios de convivência dos setores mais amplos da sociedade. Em todo caso, o peixe morre pela boca e você nos deu motivos suficientes para que reforçemos a sua peregrinação. Não é verdade que você se considera apto a se dar bem com as pessoas?

— Vocês estão com a razão.

A bem da verdade, no dia em que comparecemos à sessão espírita, Décio esteve muito aquém daquele sujeito desenvolvido que conhecíamos. Envergonhou-se perante os pais e não foi capaz de exprimir seu arrependimento nem pôde pedir desculpas de viva voz. Acontece que tínhamos recursos suficientes para copiar-lhe as características, a fim de que fosse identificado pelos pais, de modo que um de nós se manifestou em seu nome (dele), incentivando a busca da verdade como o fator primordial do progresso cármico. Mas os encarnados fundamentavam seus projetos espíritas em espontânea fé e profundo sentimento caritativo, de sorte que pudemos usufruir de momentos plenos de felicidade, quando lhes ouvimos as recomendações doutrinárias e as preces.

Difícil foi o companheiro, ao regressarmos à colônia, conter as lágrimas. Mas essa é sensibilidade a que não estamos habituados, de forma que não temos condições de descrever-lhe os sentimentos com emoção ou empatia. Mas havemos de lá chegar um dia, se Deus quiser!

Norberto era desses amigos para todos os momentos. Vendo-o entre nós, julgávamos sempre que estava totalmente deslocado do verdadeiro lugar que deveria ocupar na hierarquia do alunado da *Escolinha*, tantas as qualidades que demonstrava possuir. Intrigante personalidade essa, que se coadunava com a nossa e não fazia nenhuma questão de ampliar a visão da existência pela convivência com seres mais adiantados, em classe de superior entendimento moral e científico.

Mas chegou a vez do amigão submeter-se ao arrepio inconsciente.

— Você, querido colega, tem demonstrado ao grupo estar muitíssimo afeito a todos os desenvolvimentos intelectuais e afetivos que nos são propostos. Você se considera um de nós ou está cumprindo alguma tarefa missionária de relevo?

— Faço o que posso para atrair a benquerença dos parceiros, inclusive esforçando-me para sufocar as ondas de maus fluidos que poderiam despertá-los para o mal, em prejuízo de vocês mesmos. Se quiserem saber onde é que me considero um passo adiante no campo evolutivo, posso dizer-lhes que estou obtendo sucesso na hora de refrear os maus impulsos. Somente isso. Se, por acaso, estas minhas expressões vierem a ferir alguém mais susceptível às comparações, queira ele perdoar-me. Em sã consciência, isto é, desperto para a realidade vibratória que me envolve junto aos companheiros, jamais faria semelhante afirmativa.

— Quer dizer que o seu desempenho é a manifestação de soberana vontade sobre as tendências malignas? (Perdoe-nos a colocação violenta e pobre.)

— Exatamente assim é que acontece. Mas vocês não de permitir-me uma observação. Não é verdade que o que se espera de qualquer compromisso social, em todos os contatos entre as pessoas, é o da polidez, o da boa educação, o da solícita atenção? O

que eu faço é levar esses preceitos bem a sério. Nada mais, nada menos.

— Se o soltássemos, nesta altura do aprendizado evangélico, no meio de entidades em desalinho psíquico lá no Umbral, onde os seres soem perseguir-se uns aos outros, como é que você reagiria?

— Vocês querem saber se me deixaria envolver pelo feixe de tremenda inferioridade, estabelecendo um sistema de defesa que incluiria a possibilidade do contra-ataque, em nível compatível às agressões que sofresse?

— Também essa informação poderia ser preciosa para compreendermos os pontos essenciais de sua personalidade, que nos encanta pela solidariedade e preclara solicitude.

— Tenho buscado rezar muito a Jesus para me dar força para controlar os impulsos negativos, já que me considero, tanto quanto os demais, vítima das circunstâncias e das pessoas que me obrigaram a um destino muito infeliz no trato com as drogas mais poderosas. Quando passei pelo Umbral, detestei todas as minhas atitudes em represália aos pobres seres que me fustigavam a consciência, porque eu me sentia muito culpado pelas atitudes impensadas das derradeiras encarnações. Contudo, houve um fator que pesou para o meu bem: foi o fato de me haver submetido a sério tratamento hospitalar ainda encarnado, onde conheci uma jovem igualmente dependente dos barbitúricos, pela qual me interessei, como se estivesse não apenas apaixonado mas envolvido sentimentalmente, como meus pais estavam entre si, quando os abandonei pelos vícios.

— Podemos considerar, pela forma que você se descreve, que, desde cedo, compreendeu que deveria ter ficado em companhia de seus pais, ou seja, sentiu um arrependimento e só não voltou para eles por se considerar perdido?

— Vocês devem ter lido o meu dossiê, certamente. Pois foi mais ou menos isso que me aconteceu, com uma diferença essencial: eu não aceitei a ajuda que eles tentaram dar-me, porque

sabia que iriam dilapidar os recursos da família, acabando por facultar aos meus irmãos mais novos uma vida muito mais miserável do que já vinham tendo. Mas a minha expressão desses sentimentos não se fazia com a lucidez destas palavras que ora lhes passo. Não! Naquele tempo, tudo o que eu fazia era sob efeito de forte repulsão ao contato das pessoas. Por isso é que me afeiçoei àquela menina (na verdade, mulher formada), porque não falava comigo e vivia alheada a tudo. Quando me aproximava, não apresentava ela nenhuma emoção particular. Era como se eu não existisse. Por estranho possa parecer, essa frigidez me atraiu e me prendeu. Quando me falou a primeira vez, disse textualmente o seguinte: *“Não pense que você vai me conquistar os favores. Eu sei me defender muito bem. Estou evitando o seu assédio, porque gostei de você e tenho medo de ofendê-lo, porque eu não presto. Se você está disposto a ficar ao meu lado, vai ter de ser em silêncio.”* Não parece um drama daqueles densos filmes que transcorrem no fundo escuro das salas dos hospitais psiquiátricos?

— Em suma, você ficou ao lado dela até que um dos dois desencarnou?

— É como se registra na minha ficha. Eu vim primeiro e, por muito tempo, fiquei na expectativa de merecer chegar perto dela para dizer-lhe que lhe daria integral assistência deste lado de cá. Mas os meus recursos eram muito pobres. Nada sabia das coisas cármicas, nem mesmo quanto a obter auxílio de preceptores e de socorristas. Além disso, não conseguia desvencilhar-me do assédio de tantos que desejavam vingar-se por terem *viajado* diretamente para cá, induzidos às drogas por pessoas como eu, porque, como vocês sabem, eu traficava, embora fosse preponderantemente um viciado.

— Quando foi que vocês se encontraram de novo?

— Nunca nos encontramos. Já internado nesta instituição, mereci dos mentores o privilégio da visão da pessoa estimada, que se encontrava nas trevas. Quis levantar os principais problemas que

vinha ela enfrentando no âmbito da moralidade, mas me interditaram as informações, dizendo-me incompetente para o auxílio, ainda que meramente energético, através das preces, porque não sabia orar e não confiava em que Deus nem ninguém mais pudesse me amparar. Estava cego inclusive para o atendimento que recebia no hospital da colônia. Comparava muito mal a situação no etéreo com a da terra e concluía que tudo era sempre a mesma coisa, ou seja, que as pessoas se oferecem para o trabalho sem o correspondente afeto para com os pacientes. Errei em relação aos dois ambientes. Mas essa defasagem entre o que pensava e sentia com o que deveria saber foi sendo substituída pelo empenho com que me levavam a percorrer as alas de atendimento dos sofredores de todos os tipos. Quando atinei que muitos dos médicos, enfermeiros e atendentes estavam *trabalhando* simplesmente para entenderem o que se passava em suas próprias mentes e corações, sem qualquer regalia de caráter pessoal (como seria, por exemplo, a de manterem-se em constante relacionamento com as pessoas amadas), nem nenhuma esperança de recompensa futura no conforto de reencarnação no seio de uma família rica, foi só então que principiei a admirar alguém (não sem ter passado longo período a refletir a respeito da idiotice de ajudar os outros de graça).

— Podemos concluir que você está penitenciando-se por haver fraquejado nas análises dos semelhantes?

— Estou ainda mais: estou procurando satisfazer o princípio evangélico de que não deverei medir ninguém porque com tal medida etc. Entenderam por que eu queria saber quais eram os problemas que afligiam a minha parceira de hospital?

— Estamos satisfeitos com o que você nos contou. Gostaria de ir ao encontro de seus pais na terra ou preferiria ir em busca da amiga?

— Evidentemente, prefiro conversar com meus pais, pois foi a quem mais ofendi, apesar de fazê-lo drogado, tanto que não passei muito tempo encarcerado nas trevas. Foram quatro meses de

suplício, além dos três anos no setor de segurança máxima da colônia. Será que posso falar nesses termos? Se os encarnados me interpretarem mal (caso vocês decidam transcrever minha manifestação), poderão suspeitar de falsidade ideológica do médium, uma vez que por muito menos...

Norberto calou-se de repente. Nós, após alguns instantes, prosseguimos:

— Você fez muito bem em interromper o julgamento que estava em vias de realizar. Compreendemos que esse é o sentido mais profundo dos maus pendores que busca recalcar, enquanto não é capaz de superar tão grave defeito. Devemos dizer-lhe que a nossa admiração cresceu ainda mais, notadamente porque julgamos (e nisso nós não somos bons) que logo você irá conseguir suplantar os defeitos apontados.

Hoje, após quatro anos, teve Norberto a oportunidade de visitar os pais diversas vezes, apesar de não o escutarem em vigília (são católicos tradicionais). Ainda assim se sentem confortados porque, muitas vezes, ao acordarem, trazem a lembrança de terem estado com o filho em sonho.

Por outro lado, a *menina* foi localizada por um grupo de socorristas mas se negou a acompanhá-los. Graves distúrbios mentais ainda a afetam. O fato de haver aceitado a companhia silenciosa de Norberto não teve maior significado para ela. Era apenas uma vibração amiga que ela sentia de maneira muito imperfeita, dadas as experiências desastrosas que teve com outras pessoas.

Norberto está vencendo o desafio de melhoria intelectual consciente e, sempre que pode, vem visitar-nos, para trazer-nos a sua palavra de incentivo amorável.

## DÉCIMA SEGUNDA PEREGRINAÇÃO ASSISTIDA

Leonor vinha, desde há algum tempo, insistindo para ser enviada ao plano material. Recebera a informação de que um seu irmãozinho estava sendo fortemente tentado às drogas pelos coleguinhas e por malfazejos traficantes e, por isso, não via a hora de auxiliá-lo no que pudesse, para resistir. Cada dia que passava, as notícias se carregavam de desespero, segundo as vibrações que emanavam dos parentes, no âmbito exclusivo da espiritualidade, porque muitos companheiros fiéis da família tinham por missão coadjuvar o protetor, que desfalecia com a impotência a que se via preso, dado que os interesses dos encarnados iam tornando-se avassaladores.

Era essa a pretensão de nossa caríssima colega, a qual jamais se negou a cooperar com quem quer que seja.

Segundo Resildo, havia pretendentes melhor preparados para os trabalhos costumeiros, conforme os relatos anteriores. Contudo, condoemo-nos e permitimos que Leonor passasse na frente dos outros.

A clássica resposta aos influxos energéticos se deu de maneira muito estranha. Não aceitou plenamente permanecer meio desacordada, predispondo-se muito mal aos trabalhos de mergulho no eu profundo da personalidade. Foi necessário que Resildo chamasse dois companheiros dentre os professores, para que a magnetização se completasse.

A dificuldade causou-nos entranhado interesse, porque havíamos acreditado que estivesse ela mais do que ninguém predisposta à imersão psíquica. Pretendemos começar a investigação dos recursos íntimos por aí:

— Pode você, querida amiga, satisfazer-nos...

Não nos permitiu concluir a pergunta:

— Vocês devem estar sabendo que o meu irmão foi um dos antagonistas mais ferrenhos que tive em vidas anteriores. Nasceu dez anos depois de mim, mas me liguei fortemente a ele até que completei os quinze anos, quando debandei da terra vítima de estranha doença. Sabemos agora que era a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). Mas, em oitenta e seis, bem poucas pessoas estavam informadas a respeito. Como adquiri o vírus? Simplesmente através de terrível coincidência, na primeira relação sexual que tive com meu namorado, ele também infectado. Pois bem, se perguntarem à minha família do que morri, vão dizer que foi de uma febre não diagnosticada, com graves complicações cardíacas congênitas, que foi o que constou no documento oficial. O meu namorado perdeu contato com os meus familiares e hoje se encontra também deste lado, longe daqui. Quando deixei meu irmãozinho, estava certa de que fora por minha influência que aquele espírito tinha sido aceito por meus pais, em reunião com os mentores espirituais durante o sono.

— Diga-nos por que você está com esta turma de drogados.

— Vejo que se interessam pelas informações que deverão prestar no relato mediúnico que se prepara. Devo dizer que o meu caso era de bebida. Ficava em casa enquanto meus pais saíam para trabalhar e ia tomando as minhas doses cada vez mais maciças. Aos quatro anos, meu irmão era meu companheiro de farras um pouco mais que inocentes, mas eu não lhe dava nenhum gole. Gostaria de passar rapidamente por essa fase, porque sinto que não irei propiciar nenhum sentimento favorável à simpatia que tenho de pleitear de todos, para merecer a atenção do atendimento. O fato de estar cuidando do menino acabou ligando-nos afetivamente, porque não tínhamos, durante o dia, mais do que um ao outro. Somente nos finais de semana é que me reunia com as colegas e

saía para os bailes suburbanos. Foi aí que me engracei e me embarcei de vez.

— Você passou muito pouco tempo na erraticidade...

— Exatos dez meses, até que meus parentes me convenceram a acompanhá-los até aqui. Hoje, estão como que cobrando a minha facilidade de contato com vocês para o socorro mais efetivo que devo prestar ao meu irmão, conforme promessa que lhe fiz, sem que ele mesmo tivesse tomado conhecimento dela.

— Eles não têm cabedal evangélico para o socorro oportuno?

— Devem ter o suficiente para atendimento a encarnados mais ou menos normais. Perante as forças concentradas dos obsessores, não devem poder quase nada.

— Por que eles trouxeram você para cá e permaneceram lá fora?

— Eu não saberia dar as verdadeiras razões. O que sei, por informação deles mesmos, é que foram encarregados de seguir todos os membros da família, como prova ou missão.

— Você não está inventando nada? Da forma como você responde, dá a impressão de que não fala com segurança nem com convicção. Quais as certezas que você tem?

— O que sei foi por eles me terem dito. Por exemplo, estavam muito tristes porque eu mesma acabei fora do alcance de sua influência, tanto que vim de volta da terra muito antes de perfazer todos os passos biológicos inseridos em minha organização física.

— Acidentes acontecem. Você não nos disse que em sua primeira experiência contraiu a doença mortal? Então, está na hora de reiniciar o seu período de incubação perispirítica, para novo ingresso na carne. Afinal de contas, seus quinze aninhos de vida, apesar do vício e da irresponsabilidade...

Não nos deixou prosseguir:

— Não me acusem de nada, por favor. Se forem por esse caminho, lembrem-se de tantas juvenzinhas bem mais novas que eu que se consideram mulheres formadas, muitas mães adolescentes e

quase sempre solteiras ou desacompanhadas dos pais de seus filhos. A sociedade é que não toma conta direito dos seus componentes. Existem uns poucos com quase tudo e muitos sem nada. Sendo assim, torna-se muito difícil de cumprir as obrigações cármicas, ou seja, os deveres que assumimos em relação aos seres que vão incorporar-se à nossa família.

— Infelizmente, Leonor, nós não estamos habilitados a essa análise globalizada. Para nós, principalmente, interessa conhecer o roteiro moral dos internos desta classe para facultar a cada um o melhor desempenho imediato, a fim de facilitar nosso envio a estudos mais profundos. Embora estejamos esmerando-nos neste trabalho, sabemos muito bem que inúmeros insucessos nos aguardam nas curvas deste caminho. Você não quer agora declarar a principal razão de se haver quase recusado à imantação?

— O que pretendo realizar em prol de minha família (de meu irmão em primeiro lugar) é tão notório que julguei esta fase perfeitamente dedutível.

— Você se disse ignorante quanto à escolaridade da última vida. Poderia revelar-nos de onde tira tanta facilidade de exprimir-se? Quem foi você em vidas anteriores?

— Nada de que possa vangloriar-me. Sei que estive encarnada como homem mas nenhum lucro trouxe para me ufanar como vitoriosa. Por isso, requeri estar na pele feminina. Mas esses processos vão obrigar-nos a permanecer durante muito tempo até que se dê a compreensão de como se realizam. Sendo assim, solicito permissão para acordar, mesmo que me seja negado a pretendida viagem socorrista.

— Qual foi sua profissão quando se encarnou como homem?

— Fui jornalista. É só o que sei. O resto é mera dedução, tendo em vista esta faculdade desenvolvida de realizar o pensamento de forma mais ou menos lógica, para responder logo ao que me pedem. Vocês sabem que meu normal, quando acordada, é muito diferente.

O que me impede de ser tão inteligente quanto estou agora demonstrando? Respondam vocês.

Ficáramos ainda algum tempo rodeando em torno dos principais problemas mentais e emocionais de Leonor, sem atingir o cerne da disfunção psíquica. A realidade era que algo havia de muito misterioso no pedido da irmã, de modo que acabamos por recomendar que ficasse sem contatar os parentes.

A nossa decisão, entretanto, longe de desgostá-la, tornou-a muito mais alegre e descontraída, como se tivesse cumprido cabalmente a obrigação moral de dar assistência ao irmão. Resildo, por seu turno, obsteu-lhe o livre acesso às vibrações dos parentes desencarnados e reservou-se ao direito de mantê-la quase enclausurada, para impedi-la de saber quais as medidas que se tomavam em relação ao assédio ao irmão encarnado.

Este é o caso mais recente, pelo que está ainda em desenvolvimento a assistência socorrista, impedindo-nos que concluamos em favor de uma definição positiva ou negativa. O que sabemos é que estamos prestes a encerrar os questionários, motivo pelo qual pedimos aos leitores que nos perdoem a antecipação das considerações finais.

Quanto a Leonor, pedimos-lhe permissão para levantar a suspeita de que, na realidade, o seu pedido para ir em ajuda do irmão não era mais do que retórico, que se acendera no etéreo a pendência antiga entre ambos. Desconfiamos, para sossegar os anseios dos leitores quanto aos pontos obscuros da exposição, que muito do que nos disse em estado sonambúlico era produto de sua fértil imaginação. Sendo assim, ficou-nos a obrigação de informar que existem áreas espirituais a que não temos acesso, por mais nos enfronhemos artificialmente nos meandros da natureza dos companheiros. O que, para os espíritos elevados, é extremamente simples, porque lhes basta examinar a aura das entidades para conhecer-lhes a intimidade do caráter, para nós, que estamos aprendendo, tudo se constitui em problema a ser resolvido.

Portanto, não esperem de nós muito mais do que já realizamos. O principal é ir sob o manto protetor de Jesus, confiando em que Deus é pai de muito amor e misericórdia e que saberá reconhecer os esforços que estamos dedicando para a melhoria da turma.

Num dia como o de hoje em que a transmissão parece insubsistente é que elevamos os pensamentos em prece, solicitando o auxílio dos irmãos mentores e dos espíritos guardiães. Se estiverem, como nós mesmos, frustrados por não termos atingido o escopo a que nos conduziram os professores, pelo menos acreditem em que existe sempre quem nos ampare em todas as circunstâncias, para o que precisamos tão somente ser sinceros na solicitação. Muitas vezes, o destino parece-nos definitivo quando encarcerados na carne, mas ampliemos o horizonte de nossa existência para depois da morte, no intuito de saber o que é o essencial para o nosso espírito imperecível. E saibamos agradecer ao Pai o discernimento para a compreensão desta filosofia espírita.

Abençoados sejamos!

## DÉCIMA TERCEIRA PEREGRINAÇÃO ASSISTIDA

Esta será a derradeira descrição psicológica individualizada. Os próximos passos serão dados no sentido de se enfeixarem os temas, em função de tornar o livro aproveitável.

Se estivermos certos deste momento existencial, teremos como imaginar que alcançaremos realizar o nosso projeto redacional. Cremos não revelar nenhuma novidade afirmando que todos os que se apresentaram aqui meio desnudos não chegaram a concluir as provas terrenas. Por isso, se não lograrmos êxito na previsão acima, não ponham na conta da irresponsabilidade nem do descaso: terá sido porque algo mais importante nos foi imposto. Eis a profecia realizando-se, porque não podemos supor que os mestres estejam menos interessados em oferecer algo de bom nível para a apreciação dos encarnados.

Está o preâmbulo acadêmico, inútil, sem relacionamento com as mensagens anteriores? Pois esperem a descrição do entrevistado do dia, para concluírem a respeito do estreito vínculo entre a abertura da comunicação, seu corpo em desenvolvimento meio surrealista e a conclusão surpreendente, mas lógica e, provavelmente, satisfatória.

Temos o relato pronto do caso do amigo Reinaldo<sup>1</sup>. Esse é o tal que não nos deu o menor trabalho, em nenhuma das fases de imantação, de discussões, de exame do depoimento e, menos ainda,

---

<sup>1</sup> Nesta altura do desenvolvimento dos trabalhos, precisamos informar que, como Resildo não é o nome do professor, nenhum dos apelidos dos colegas está de acordo com os que possuíam em vida. Vários, inclusive, foram modificados quando poderiam sugerir o nome verdadeiro. São prescrições superiores com as quais estamos plenamente de acordo, porque sabemos o quanto dolorido há de ser para os familiares que se virem retratados com desamor ou que perceberem o sofrimento dos entes queridos que se esforcem por compreender a melhor maneira de evoluir para o Senhor. Baste-nos dizer que estamos muito melhor que na terra, porque mais conscientes de nós mesmos, graças ao lúcido empenho dos mentores da *Escolinha de Evangelização*.

quando saímos para o reencontro com os familiares. Após o regresso à colônia, tivemos o orgulho de ouvir de Resildo que estávamos prontos para o próximo ano letivo (mal comparando com as escolas dos encarnados). Foi mérito dele e da classe que soube conduzir-se com desembaraço na aplicação das diretrizes curriculares.

Eis o resumo do interrogatório, o qual foi o mais extenso de todos. Perguntamos:

— Caro Reinaldo, você está disposto a falar apenas a verdade, ao contrário de vários de nós, que subtraímos informações e escondemos sentimentos?

— Farei o que me pedem mas alerta para o fato de que não terei papas na língua, caso me deixem em condição de inferioridade moral. Sei de todos os senões dos colegas e não me custará jogá-lhes na cara que estão tentando passar por santos, principalmente porque estão elaborando o rascunho das mensagens que serão psicografadas. Se não gostaram do meu primeiro aviso, não reclamem, porque exigiram que fosse o mais veraz possível.

— Você acha que iríamos colocá-lo em má situação perante a classe e também aos olhos dos leitores?

— Eu tenho certeza. Basta solicitar que descreva algum episódio crucial de minhas vidas reveladas à memória, para me porem em sinuca de bico. Sendo assim, não é tanto por vocês mas é muito mais por mim. Não é verdade que estamos ingressando no fundo de minha alma, para firmar o roteiro da visita aos meus parentes e amigos encarnados? Então, vamos dizer que esse seja o objetivo primordial, do qual não nos afastaremos, sem prejuízo para a clareza do relato que se dará em seguida.

Por alguns instantes, reunimo-nos em vibrações de alto interesse em realizar com eficácia o trabalho e julgamos melhor correr alguns riscos pelas ameaças agressivas do companheiro. De resto, não se apresentava de forma muito diferente da habitual, sempre o mais reservado e o menos cooperativo, quando se tratava de oferecer amparo especial a algum de nós em queda sentimental

ou em embaraço intelectual. Foi essa atitude que nos reforçou a questão seguinte:

— Você se considera ajuizado em comparação com os colegas? Veja bem que não estamos desejosos de compreender quais os aspectos em que é inferior ou superior. Queremos uma resposta simples e direta. Um sim ou não, acompanhado dos esclarecimentos que a sua desenvoltura intelectual estiver em condições de nos oferecer.

— Vejo que estão pisando em ovos. Não pensem que seja tão estúpido que não perceba que o temor do grupo está a influenciar o cuidado em não me permitir desandar no sentido de ofender a alguém. Ameacei revidar, simplesmente, mas sou o primeiro a falar sem a pretensão de polidez, a qual não deve existir entre companheiros leais, envoltos por halo de amizade quase evangélica. A minha resposta não pode ser um simples sim ou não. Sim, em relação a alguns; não, quanto à maioria.

— Por que você nos respondeu à pergunta, sabendo que deduziríamos dois fatos principais: primeiro, que está cheio de preocupação consigo mesmo; segundo, que é capaz de declarar-se vigilante analista dos parceiros?

— Não achei que houvesse nenhuma segunda intenção. Sabia que a minha resposta poderia conduzir a conclusões do tipo dessas que me foram apresentadas, mas não me importei, visto que está levando ao cumprimento das diretrizes combinadas.

— Você tem estado estudando o procedimento dito normal dentro dos padrões da sociedade humana. Quer revelar-nos, distintamente, qual o interesse que o move?

— Procuo assimilar os efeitos sobre os *bonzinhos* dos procedimentos dos drogados agressivos. Cheguei a concluir que, mesmo os que nada fazem para ofender a ninguém, são tidos como marginais e, por isso, vivem relegados a plano muitíssimo secundário. Por exemplo, muitos pais de famílias em aparente equilíbrio emocional seriam capazes de contrariar os filhos mais

queridos, caso manifestassem o desejo de se unirem a alguma pessoa a que fiz referência, ou seja, os que não agem pela cartilha da maioria.

— Sabemos que você está, diplomaticamente, citando exemplo extraído de sua experiência pessoal. Isso parece significar que os seus estudos estão voltados para a compreensão das atitudes mentais de seus progenitores. Não é verdade que você ainda não entendeu como é que as pessoas afirmam amar os filhos e, ao mesmo tempo, se estes fogem ao seu controle absoluto (mesmo no sentido mental ou psíquico), são capazes de rejeitá-los, dando-lhes a condição da marginalidade a que você mesmo se referiu?

— E quem aqui está apto a realizar um tratado a respeito desse tema? São tantos os disparates religiosos dos que batem no peito, dos que oram a Deus, dos que ajudam com tamanha caridade aos menos favorecidos pela fortuna, que me deixam pasmo pelo fato de não perceberem a contradição entre o que dizem sentir (e até mesmo deixam transparecer, à vista dos cuidados materiais com que cercam os filhos e a parentela), e o excesso de rigor na inculpação das atitudes que desaprovam. Terão o relógio da vida acertado pelos ponteiros das leis de Deus, tão inflexíveis são quanto aos princípios açodadamente colocados como superiores? Vejam que não quero estabelecer nenhuma crítica direta a nenhum ser específico que me tenha rejeitado. Acredito que ninguém que me conheceu tenha feito acusações muito graves a mim como pessoa. Não houve quem não tenha estabelecido que fui vítima da precipitação com que segui o grupo que me habilitou para o consumo das drogas. Mas vejo nessa atitude apenas a defesa da necessidade de manterem-se coerentes com os sentimentos que afirmaram possuir em relação a mim, tanto que tenho tido a oportunidade de receber influxos poderosíssimos de contrariedade, no momento mesmo que realizam preces em minha intenção. Sabem que não pratiquei o suicídio, mas lamentam a minha deserção da vida pelo sistema complicado dos desequilíbrios sociais,

por meio da imposição de minha personalidade forte. Eis que o contrassenso se amplia, porque este último pensamento conflita com aquele em que pretendem que eu tenha sido induzido à prática do erro pelos parceiros. (Nego-me a citar os termos com que alcunham aqueles que se tornaram a minha família marginal.)

— Vemos que você tem estado mergulhado em inusitado aspecto para o restante de nós, que pretendemos angariar a simpatia de quem ofendemos através de atitudes emotivas, pela declaração de amor que vimos preparando, por força dos ensinamentos que usufruímos diretamente de Jesus. Enquanto nós avaliamos as reações sentimentais nossas como em desacordo com os padrões ideais, você sobrepõe os valores humanos de seu gregarismo inato ou intuitivo ao desempenho individual, em função de encontrar o cerne do psiquismo, não apenas na convivência de alguns anos, mas na formação espiritual que constitui a personalidade integral de cada ser. Do jeito que está fazendo, elimina o supérfluo dos eventos históricos do momento, para mergulhar fundo nas realizações como fruto ou produto de procedimentos em constante mutação evolutiva. Só que não somos capazes de atinar com que elementos você irá contar para interferir de modo positivo naqueles problemas que apontou, já que o que norteia os nossos trabalhos (em nível de aspiração superior) é facultar aos outros a compreensão de quem sejam, para ampliarem as virtudes e eliminarem os defeitos.

A partir desse ponto, a conversa arrefeceu, porque Reinaldo percebeu o quanto precisava melhorar para atingir o cume da argumentação que havia iniciado. Resmungou algumas observações paralelas e ficou ruminando seus pensamentos, enviando mensagens claríssimas de que estava aproveitando a imersão no eu profundo, para o que precisávamos dispor-nos por mais tempo em concentração fluídico-energética. (São os nossos próprios recursos naturais que desgastamos, quando exercemos o papel de operadores psíquicos sobre a vontade alheia.) Resildo compreendeu

o que se passava e foi em busca de socorro externo, para manter-se a imantação.

Quando terminamos a regressão e acordamos o amigo, foi com extraordinária surpresa, contrariando todas as expectativas fundamentadas nos casos anteriores, que notamos que voltava com as lições na ponta da língua. Fez um relato sucinto dos diálogos, ponderou a respeito das teses meio filosóficas de seu discurso íntimo, apreciou o que chamou de nossa *dedicada amizade*, solicitou que recitássemos uma prece em favor das pessoas de seu relacionamento carnal (sem exclusão de ninguém) e, em seguida, quis aventurar-se, sem mais preparativos, na peregrinação programada.

Encontramos os pais de Reinaldo trabalhando, cada qual em sua atividade, e tudo fizemos para que recebessem os eflúvios que emanávamos para a percepção de que o filho desertor estava empenhadíssimo em auxiliá-los, sem nenhum resquício de mágoa pelas vibrações ruins que vinha recebendo, pronto para qualquer espécie de encontro por via mediúmica ou através de contato (resguardado pelos protetores da colônia) durante o período de liberdade corporal propiciado pelo sono.

Permanecemos uma semana nesse enleio cármico até que fomos requisitados pelos orientadores, deixando os encarnados sob a benemerência dos guardiães. Foi aí que recebemos os supracitados elogios.

Disse-nos Resildo:

— Vocês estão de parabéns, porque rejeitaram toda influência perniciosa dos irmãos sob o efeito das drogas. Fizeram-no com naturalidade. Mais ainda, demonstraram superior interesse em concretizar o plano para o bom sucesso da peregrinação do colega Reinaldo. E houveram-se de forma absolutamente isenta de comoções emotivas, como resultado das ponderações produzidas apenas no âmbito do intelecto. Está na hora de se deixarem embalar por superior sensação de felicidade, agradecendo a benemerência

de que têm sido alvo da parte dos irmãos residentes em plano superior, espíritos elevados e propensos ao bem pelo discernimento dos valores evangélicos de que estão impregnados. Vamos orar.

Dissemos a prece a que nos habituamos, mas conseguimos sopesar cada palavra, carregando o texto de conotações novas, cada qual alcançando eliminar uma ou mais camadas de resíduos obstrutores daquele eu profundo que se revelava mais inteligente durante a imersão hipnótica. Alguns de nós expressamos através das lágrimas a sensação de plenitude. Todos estabelecemos metas mais ambiciosas. Ninguém se lembrou de elaborar uma única frase de efeito para posterior inserção nesta obra. Fique apenas a impressão que hoje temos de uma etapa importante concluída. Saúde, paz e harmonia interior é o que desejamos aos irmãos encarnados. Que Deus nos abençoe, nos proteja e nos ilumine, através de nossos anjos guardiães. Saibamos receber com humildade e sabedoria as informações que chegam a todos nós de mais além.

## O QUE ESPERAMOS DOS LEITORES

Estamos destinando o livro aos colegas de idade e de vícios. Viram que a nossa faixa etária se encaixa entre os doze e os dezoito anos, havendo quatro ou cinco que ficam aquém e outros tantos, além. Assim como nós, esperamos que os leitores não tenham tido grau nenhum de escolaridade, exceção feita aos que não se encontrem na situação acima referida, como este que redige o texto, que não se configura exatamente da mesma forma.

Não deveria ocupar muito espaço a falar de mim, mas preciso, para a verossimilhança dos escritos, referir-me ao fato de haver sido, em pregressa encarnação, bem sucedido paradigma da imprensa marrom, optando por desenvolver as qualidades intelectuais no mau sentido, objetivando perseguir (obsidiar) os encarnados enquanto ainda revestido das carnes humanas. Sendo assim, é fácil de admitir que tenho recursos linguísticos mais ou menos apropriados para as descrições e o narrado, fraquejando, lamentavelmente, nas dissertações de caráter elucidativo. Em todo caso, fui auxiliado pelos professores, de modo que se puderam ler textos até certo ponto providos de nexos, apesar dos distúrbios de nossa mentalidade (falo do grupo e não especificamente de mim), que oneraram sobremodo os trechos em que pretendemos expor conceitos de alto nível, conforme nos são passados em aula. Pois bem, o acendrado desejo de acertar também nos forneceu a oportunidade da pesquisa nas bibliotecas da casa, de forma a facilitar certa contextura quase literária em passagens plenas de emoção, quando estávamos sob direta influência fluídico-energética dos instrutores.

Eis delineado o princípio sobre o qual repousamos os fundamentos da escritura. Mais que isso haverá de ser odioso da parte daqueles que sofrem a desdita da mais crassa ignorância,

porque incultos e despojados dos elementos mínimos da norma literária. Então, perguntar-se-á:

— *Sabendo que os leitores não têm capacidade para decifrar as mensagens, que pestes de comunicólogos são esses que pretendem não ser lidos? Não reside aí o mais elementar contrassenso?*

Respondemos que (sem saber como) todos podem esmerar-se na leitura, compondo grupos de estudos, sob a abalizada condução de gente menos ignorante, por exemplo, nos centros de recuperação de drogados, nas casas de assistência espírita, nas escolas laicas sob a direção lúcida de pessoal aberto para a educação integral dos adolescentes; e assim por diante.

De que adiantaria utilizarmos-nos das facilidades expressivas dos jovens, se não temos os recursos inerentes à linguagem oral: a entonação, os sinônimos e torneios correlatos, a repetição esclarecedora, os gestos, a mímica, o olhar significativo, a postura corporal designativa dos pensamentos etc.? Que fiquem impressos os textos conforme foram passados ao médium, o qual se portou condizentemente com as expectativas e aspirações do grupo. Aliás, dentre as *bibliotecas* a que fiz menção, uma das mais carregadas é a mente desse elemento, subserviente mas sempre pronto para o emprego mais eficaz dos vocábulos, segundo o contexto. E baste essa referência para que não se pense que foi ele quem conduziu o momento mediúnico.

Por outro lado, caso o opúsculo venha a cair em mãos de peritos em Espiritismo (agora com inicial maiúscula, porque falamos da doutrina resultante dos contatos humanos com a espiritualidade), façamos votos para que enxerguem com olhos bastante meticolosos, para serem capazes de observar os pruridos de afirmação de novos pontos de vista, segundo perspectiva mais moderna, uma vez que nos liberaram, nestes últimos tempos, para pequena peregrinação junto aos mortais estudiosos dos problemas místicos, religiosos, científicos e filosóficos, segundo as ondas de conhecimentos transcendentais que se espalham pelo orbe. Mas

estas palavras (tememos) perder-se-ão, porque muitos não desejam gastar seu tempo com leitura que não se louva nas declarações dos espíritos superiores, segundo a necessidade de dedicação integral que se requer de quem moureja noite e dia em funções profissionais absorventes. Perante os livros que se dizem inspirados por espíritos de luz, ditos *ascensionados* (conforme nos insinua o médium), ou seja, anjos, arcanjos, querubins e serafins, para ficarmos nos limites inferiores da escala dos maiorais, muita gente irá menosprezar os desenvolvimentos temáticos daqueles que se situam numa faixa de penumbra, cuja única qualidade é o esforço consciente de demonstrar que estamos desejosos de cumprir a obrigação cármica de elevar a mente e o coração daqueles que perceberem que podem melhorar o desempenho espiritual, na busca de superação dos graves problemas que vão detectando na personalidade.

Como estamos enfatizando, haverá a compreensão das ideias de passar por sobre a dificuldade de comunicação do grupo; ideias que se fundamentam em poucos princípios espíritas (kardecistas), obrigando a algumas reflexões mais elementares, como a reencarnação, a lei de causa e efeito, a obrigação do amor e da instrução, a aplicação do princípio da caridade para a salvação, o respeito à natureza corpórea, a espiritualidade como morada dos que se despojam dos liames carnis, a escala dos espíritos conforme seu grau de adiantamento moral e intelectual, o carma como princípio da divina justiça (lei de ação e reação), a mediunidade como fonte de revelações compreensíveis para os humanos, as diferentes dimensões existenciais onde se agrupam os seres segundo o padrão vibratório, a aspiração permanente de superação das deficiências através do entendimento do eu profundo (lei da evolução) e outras tantas que ficam no campo aberto das sugestões (inclusive para o despertar do interesse de imersão mais efetiva nos textos da codificação espírita realizada por Allan Kardec, ou nas obras mais modernas da extensa literatura produzida no etéreo e

transmitida através da psicografia e, no âmbito terreno, por autores sérios de nível superior).

Sabemos que se corre o risco de frequentes saltos de leitura quando o incentivo não se coaduna com as necessidades do leitor. Fique o alerta para quantos, abrindo o livro ao acaso, se depararem com este tópico em primeiro lugar. Sendo assim, se não quiserem queimar as pestanas (esta é do *arco-das-velhas* — escrituras —), leiam primeiro os capítulos relativos às peregrinações assistidas, voltados para as descrições psicológicas de maior incidência entre os irmãos sob a pressão das drogas. Se houver identificação com os colegas analisados, quem sabe se desperte o interesse pelas noções supra-referidas.

Para os que tinham na cabeça a ideia de que iríamos trazer lições de profunda conturbação emocional, pelo despertar dos sentimentos de culpa, devemos solicitar que não se frustrem, porque não foi esse o caminho redentor que os amigos da espiritualidade utilizaram para a nossa orientação, no sentido de nos fazermos donos de alguns conceitos superiores, em harmonia com tudo o que recebemos de bom, na atenção que nos deram para o conforto moral, tantos são os sofrimentos que se guardaram em nossa memória.

Valemo-nos de nossa triste experiência para o alerta aos que têm tempo ainda de safar-se do domínio das drogas (e dos traficantes). Valha-nos a esperança que pretendemos acender nos corações, à vista do que narramos e do que executamos em termos de trabalho psicográfico (mediúnico). Fica de pé a promessa do auxílio oportuno, para o momento em que, com sinceridade, os amigos pretenderem enfronhar-se nos temas por nós agitados, não na simples condição de leitores ou de curiosos da doutrina dos espíritos (esses seres misteriosos cuja existência se coloca apenas como uma possibilidade entre milhões), mas na de pertinazes colaboradores da obra de redenção própria e dos infelizes conhecidos, que se desesperam nas mãos sádicas dos alucinógenos,

os quais principiam como estimulantes, esfuziando-nos de alegria e de felicidade, e terminam por nos jogar na mais profunda depressão, como se não passássemos de simples fantoche esfarrapado, comido, arrebitado, desfeito e abandonado no fundo dos baús da miséria humana, com a única perspectiva dos monturos, onde o lixo fermenta e corrói.

Ainda que nos sintamos os últimos na escala humana, próximos da prática de todos os crimes, alucinados pelo consumo ou desesperados pela falta, lembremo-nos de que Deus é pai e levantemos um olhar confiante para o céu, rogando a Jesus que nos envie um anjo para dar-nos alívio e conforto. Ainda que o nosso pessimismo materialista nos indique o nada como solução para todos os males, criemos coragem para simples prece de agradecimento pelos raros momentos de alegria que tivemos na vida.

Agradecer a quem? Cada qual se estimule para o que valorizar como essencial. Nós sabemos que Deus ouvirá a todos e isto nos basta. Será a natureza o fator primordial da existência? Serão os familiares, que nos colocaram na corrente da vida que se mantém desde épocas imemoráveis? Será a nossa fantasia extasiada com o poder de criação dos universos em que flutuamos ou nos firmamos, segundo as visões que nos deram os eflúvios hauridos e catalisados pelos sistemas nervoso e endócrino? Cada um se atenha ao seu princípio de realidade. Não precisa crer em nada do que expusemos. Mas não riem destas palavras. Mantenham-se de certa forma prevenidos para a possibilidade de se depararem nas regiões em que nos declaramos existir, facultando algum entendimento do que estiver ocorrendo ao redor de sua alma, quando do momento do desenlace carnal.

Se estão suspeitando de que esperamos muito pouco dos amigos leitores, enganam-se. Uma sementinha bastará para vingar-se em altaneira árvore, caso, como nos disse Jesus, caia em terreno fértil. Por falar nisso, como andam seus devaneios evangélicos?

## A NOSSA CONDIÇÃO ATUAL

Tanto falamos do passado que tememos deixar a impressão de que em nada melhoramos. Não estamos aptos a exercer o serviço socorrista, porque as nossas vibrações não seriam as mais adequadas para a influência benéfica das pessoas necessitadas de apoio energético de primeira mão. Mas, para a comunicação escrita, tudo bem, pois temos incondicional ajuda dos mestres, sempre prontos ao ensino oportuno e elevado, em consonância com a programação evangélica da *Escolinha*.

As mensagens, apesar de muito fracas, representam o máximo que temos para dar nesta fase do desenvolvimento dos estudos. Foram revistas por Resildo, que não desejou, porém, implantar o seu domínio sobre as diretrizes vernáculas do idioma português, recomendando-nos que imprimíssemos aos textos o cunho de nossa personalidade perturbada. Por isso, evitamos transmitir sob efeito de estremecimentos emotivos, para que algo restasse que pudesse ser aproveitado por encarnados que, como nós, se situam em faixa intelectual prejudicada por eventos de natureza exterior à vontade, como produto formal da consciência.

Sabemos, por exemplo, que o último parágrafo contém elementos doutrinários que merecem ser melhor explicados, porque, para muitos, não se justifica o fato de compreendermos as deficiências e de não as corrigirmos, tendo tempo e oportunidade para tanto. É como se fizéssemos questão de passar diretamente o primeiro rascunho, para não perdermos o tônus especial do nosso caráter, em detrimento do apuro que resultaria, com certeza, em

aprimoramento da comunicação e, por conseguinte, melhor aproveitamento da parte dos leitores.

Mas a verdade é que somos também fracos no capítulo mediúnico, apesar de fazermos questão de rejeitar qualquer auxílio, porque, se nos dessem a possibilidade de imantação de nível superior, não evidenciaríamos os problemas. Sendo assim, muitas vezes os informes que *mediunizamos* não condizem exatamente com o total proveniente da soma de nossos impulsos elétricos de caráter intelectual, com as vibrações específicas dos elementos sentimentais ou emotivos.

Não fazemos distinção entre esses setores da personalidade, porque julgamos que o resultado é que transfere para a área de percepção dos outros seres o exato conhecimento daqueles com quem estão contatando. Qualquer trabalho de apuro por influência externa, qualquer intervenção de entidades de mais baixa ou de mais alta capacidade poderia desfigurar-nos, o que significaria, de certo modo, produzir um resquício de falsidade, porque é essencial que demonstremos aos irmãos que nos leem, particularmente aqueles que sofrem a desdita dos vícios, como é que poderão caracterizar-se, após passarem alguns anos de treinamento no campo da contenção da vontade desregrada pelo abuso do exercício do livre-arbítrio.

Estaremos sugerindo que a palavra mais correta para o aperfeiçoamento evangélico, aquele mesmo que nos conduzirá para planos existenciais menos imperfeitos, seja *disciplina*? É isso mesmo. Mas não disciplina como sufocação de todos os impulsos do desejo, pela implantação doutrinária que se impõe como norma estabelecida pelos padrões em vigor nas religiões, nas seitas, nas filosofias ou nas sociedades em geral. Disciplina (ou *autodisciplina*) como fruto da compreensão dos valores mais importantes fundamentados nos ensinamentos de Jesus e explicitados pela realidade cármica, como viemos demonstrando através das mensagens.

Nesta altura das apreciações possíveis para a turma, estarão os mais argutos encontrando elementos díspares, contraditórios, entre estas informações e as proposições do primeiro dia. É que o conjunto que fizemos questão de transformar em uma obra escrita não se realizou senão ao final das comunicações, para darmos a ideia de como se desenvolveu o crescimento da aprendizagem. E isso como estratégia de estruturação quase literária, porque aprendemos que, quanto mais pretensiosa a informação transferida por via mediúnica, maior o rigor dos encarnados no exame e na crítica dos textos, quer quanto aos registros de ordem linguística, quer quanto aos pontos doutrinários.

Pondo todas as cartas na mesa, após estes atrevimentos conceituais, estarão os amigos dispostos à análise de suas condições intelectuais e afetivas para enfrentarem a confecção de mensagens como as que vêm lendo? Este é um aspecto da “lição” que temos de ministrar obrigatoriamente, porque de nada valeria vir apresentar os nossos dramas, sem a correspondente solicitação de um trabalho de aperfeiçoamento íntimo, o que se conseguirá, certamente, se as intuições se transformarem em pensamentos logicamente organizados, como só é possível se ponderados para a manifestação escrita.

Claro está que poderíamos imprimir aos textos um balanço alienante, prevendo o resultado final, mas constituindo-o de partes desentrosadas, aparentando uma balbúrdia pessoal para impressionar por caprichos da vaidade. O problema maior está em elaborar ordenadamente os pensamentos, mas com humildade e desprendimento, reconhecendo, *a priori*, que as mensagens conterão falhas mais ou menos graves e comprovando, *a posteriori*, que lá estão elas, irremediavelmente.

Por outro lado, se formos capazes de levantar as deficiências, quem sabe mais rapidamente estaremos corrigindo-as, pelos estudos orientados pelos professores e pelas observações por eles conduzidas. Se tudo fizermos passar pelo crivo da razão, conforme a

tese acima da disciplina como o melhor processo de se avançar espiritualmente, menos teremos que lamentar a perda das oportunidades que se acumulam durante a existência, uma vez que consideramos que todos os fatos podem ser transformados em experiências e estas, em reflexões filosóficas.

Para quem, em lendo a epígrafe, lhe pareceu que iríamos elaborar uma demonstração científica, através de argumentos fundamentados em exemplos significativos de comportamento, pedimos desculpar-nos por enveredarmos por outros caminhos, menos claros mas, acreditamos, muito mais sugestivos, naquilo que podemos destacar como o procedimento mais consentâneo com as necessidades dos perturbados. Aos que não se situam nesta faixa de tristeza e são verdadeiramente lúcidos, para quem as nossas recomendações se constituem em parcela diminuta de um sistema muito mais complexo de descoberta da natureza dos seres e de seu relacionamento com o mundo exterior, solicitamos que nos perdoem a ousadia de citá-los no corpo da redação, caso tenham tido a paciência de nos acompanhar até este ponto.

Por todos os títulos, estamos satisfeitos com esta realização, agora já expressiva perante a quantidade (e alguma qualidade, por que não dizê-lo?); mais ainda ao nos sabermos aptos a reconhecer em prece que somos filhos de Deus, a quem reverenciamos e de quem solicitamos o envio de mensageiros de luz para estarmos certos da peregrinação evangélica, pelo amor de Jesus, através do amparo caritativo que julgamos estar em vias de exercer aos companheiros infelizes.

Resta-nos esclarecer que poderíamos repetir todos os preceitos da doutrina espírita relativas à moral. Faltam-nos os conceitos científicos, o que acentuamos como de responsabilidade nossa, porque não nos enfronhamos nos estudos empíricos e na apreciação dos tratados. Já devem saber a causa disso: a impositiva vibração emocional, a impedir-nos a concentração nos temas em si.

Esse há de ser um dos passos seguintes, para termos a certeza do progresso.

Que o Senhor, nosso Pai, nos abençoe e nos liberte de nós mesmos, enquanto seres coagidos ao exercício da cidadania, apenas porque temos a impressão (e não a convicção) de que é o que há de ser o melhor para a nossa felicidade.

Fiquem em paz!

## 31 ADEUS

Poderíamos lembrar muitos outros temas de interesse para quem está chegando ao Espiritismo doutrinário e mediúnico. Mas julgamos que nosso texto se encontra suficientemente desenvolvido para podermos pleitear junto aos leitores que busquem as obras da Codificação publicadas por Allan Kardec.

Poderíamos, também, elaborar prece de grave condição emocional, para a demonstração de que somos *Espíritos de Deus* e não gente vulgar interessada, sobretudo, em desviar os encarnados do bom rumo do Evangelho de Jesus. Não o faremos, contudo, porque nada faríamos que não se contivesse no pai-nosso ou nas orações contidas em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e outras coletâneas de inspiração superior. Baste-nos o sentimento que evidenciamos através do trabalho de ajuda e apoio aos irmãos de todos os quadrantes da esfera (de provas e expiação), que seguem imersos em dúvidas ou em atividades degenerativas do aparato corpóreo e mental, o que implica, diretamente, no comprometimento do invólucro semimaterial do Espírito, aquele a que Kardec deu o nome de *perispírito*.

Estaríamos desprestigiando os serviços de atendimento dos Centros Espíritas, se não recomendássemos que para lá se encaminhem quantos se sintam necessitados de esclarecimentos mais positivos, no que respeita aos temas que levantamos? Pois não seja por isso. Desde que os humanos compreendam que as pessoas que atendem nessas casas de benemerência e misericórdia estão sujeitas aos mesmos empecilhos materiais de todos os que se agitam sobre a crosta terrestre, o que significa que não são entidades perfeitas, devem procurar incluir-se entre os frequentadores das sessões públicas, inicialmente atrás do refrigerio

dos passes e das luzes das palestras, para firmarem a opinião de que estão no caminho de Jesus.

Depois que se convencerem de que existem ponderações filosóficas fundamentadas na realidade da existência, sob o duplo aspecto do material e do espiritual; quando admitirem o fenômeno mediúnico como o instrumento de que se utilizam os do etéreo para suas comunicações e mensagens de esperança, de fé e de caridade; quando perceberem que os seus próprios espíritos detêm ingredientes de comportamento que ultrapassam os limites das influências da comunidade dos homens, reconhecendo que, sem as reencarnações, muitas explicações do mundo objetivo ficariam sem compreensão; quando julgarem que os seres todos do Universo são perfectíveis, isto é, são espiritualmente votados desde a criação a uma evolução infinita, para se equipararem, um dia, aos espíritos mais evoluídos, como o é Jesus, por exemplo; quando souberem, dentro de seus corações, que todos somos irmãos em Deus e merecedores de nosso respeito, de nosso afeto e de nossa assistência; quando entenderem que o caminho da salvação passa necessariamente pelas leis do amor e da caridade, que são os fulcros dos ensinamentos do Cristo e do Espiritismo; aí poderão desvincular-se um pouco dos preconceitos mundanos e se aventurarem a uma inscrição nos cursos que se proporcionam nessas verdadeiras escolas de evangelização.

Caso nada do que assinalamos seja forte o suficiente para despertar o interesse pela oferta de um pouco de tempo para o aprendizado das noções que, para nós do Etéreo, são fundamentais, ainda assim não fiquem sem o incentivo da observação, da pesquisa, do exame atento e rigoroso dos princípios a que fizemos referência, através das realizações humanas em todos os setores da vida. Cotejem o que as pessoas fazem com aquilo que pregam. Não se deixem iludir pelas aparências de riqueza e de profundidade conceitual. Vão levando para a frente a ideia de que o que produzirem agora, em todos os campos de atividade mental ou

física, terá repercussão em vocês mesmos, aqui considerados como entidades definidas pelos padrões vibratórios que constituem o cerne de seus corpos, uma vez que a própria Física propugna que tudo no Universo se resume em energia. Talvez seja preciso estudar as ciências humanas. Tudo bem. Mas acreditem em que o básico está na sabedoria que se possa alcançar durante a vida. Tudo haverá de ter aplicação no plano para onde inexoravelmente estão vindo. Não é verdade que se diz que o saber não ocupa lugar?

Resta uma última palavra àqueles que estão principiando a leitura por este derradeiro parágrafo. Muitos pensam que tudo está perdido, quando são incapazes de oferecer resistência aos desejos despertados pelos vícios. Outros, estando infectados por micro-organismos letais, julgam que estão com os dias contados. Haverão de estar, certamente, mas que outro ser vivo não está? Sendo assim, a conclusão óbvia é de que sempre é tempo de principiar a ver as coisas com correção e discernimento, com fé e muita esperança, porquanto estamos nós, Espíritos, dando o nosso testemunho de que, se o sofrimento existe, se o desespero sufoca, se a dor causa vertigens e descontrole, se o mal assume a categoria de monstruosa injustiça, haveremos de encontrar quem por nós se preocupe, nos apoie, nos conforte e nos encaminhe para a saúde espiritual, em nome de Jesus, dos seus missionários e dos benfeitores pessoais. Se somos tão pequenos e nos atrevemos a estas orientações, que desejamos benéficas, quanto maiores não serão os ensinamentos que serão hauridos, quando estivermos sob a disciplina dos mestres?! Paciência, irmãos, que o Pai vela por todos e a todos oferece amplos recursos de superação da pobreza em que temos a impressão de estar mergulhados. A Deus nada podemos esconder, mesmo que nos pareça o contrário, mas esta concepção está entre aquelas a que acima aludimos, para a aceitação das palavras de Jesus e do Espírito de Verdade.

Que Deus nos abençoe!

Indaiatuba, de 05 de junho a 23 de julho de 1996.